

# **Germinal**

**Revista da Oposição Operária  
nº 2 fevereiro/2010**

**Site: <http://www.opopssa.info>**

**E.mail: [opop@opopssa.info](mailto:opop@opopssa.info)**



## Sumário

Apresentação	5
Há uma recuperação na economia mundial?	8
Por que a burguesia mundial não acaba de vez com a crise atual?	39
Marx e Rosa Luxemburgo: os erros da revolucionária sobre a análise de Marx	68
As ambiguidades da revolução Russa: Lênin e a revolução	87
A politizada arte do cinema	126
Religião: o custo da alienação	160



## **Apresentação**

É com uma imensa satisfação que a Oposição Operária apresenta aos trabalhadores(as) e às organizações dos movimentos sociais e populares o segundo número de sua revista *Germinal*. Embora reconheçamos de antemão que o período decorrido entre o lançamento do número inicial e a presente edição é por demais extenso, não podemos deixar de expressar a nossa alegria com o resultado alcançado agora, fruto de um trabalho de dedicação e aprimoramento, definido como uma prioridade pelo conjunto da nossa militância.

Parece-nos também muito gratificante o fato de que o primeiro número desse nosso periódico foi muito bem recebido e comentado em diversos fóruns e espaços de luta dos trabalhadores, o que aumenta ainda mais a nossa responsabilidade e o capricho na elaboração deste que agora apresentamos.

Como não poderia deixar de ser, este número tem como "carro-chefe" artigos que versam sobre a mais recente manifestação da crise estrutural do capital, que já se arrasta por quase quatro décadas. Compreender então a amplitude e os possíveis desdobramentos dessa crise na sua esfera financeira se coloca para nós com uma necessidade para todos aqueles que vislumbram a perspectiva histórica de emancipação da classe trabalhadora por meio de um pro-

cesso revolucionário de tomada do poder.

Muito embora a caracterização de uma "crise estrutural do capital" não seja, por si só, o elemento definidor da abertura numa "situação revolucionária", tampouco devem ser minimizadas as consequências desse atual estágio de organização capitalista, para aqueles que vivem do seu trabalho.

As diversas e inequívocas demonstrações dos limites alcançados pelas formas tradicionais de organização, completamente burocratizadas e institucionalizadas, como os sindicatos e suas federações confederações e centrais, bem como as limitações também presentes nos novos movimentos populares e sociais, colocam na ordem do dia a emergência de novas formas de organização que sejam capazes de relacionar as tarefas imediatas do enfrentamento cotidiano frente à ditadura do capital, com um projeto histórico de edificação de uma nova sociedade.

Vale ainda registrar o caráter reformista e até mesmo reacionário que tem assumido aqui no Brasil alguns expoentes desses movimentos, na medida em que, incorporando os aparelhos do Estado, por intermédio do Governo Lula, se utilizam de todos os expedientes repressivos a sua disposição, para coibir greves e rebeliões de massa que possam sair do seu controle, como em casos recentes nos Correios, bancários, metalúrgicos, petroleiros, etc.

Além do debate sobre a crise, o presente número traz também artigos a respeito do papel que cumpre a religião em meio a esse cenário crítico; uma discussão sobre o cinema e a fetichização da [Sétima] Arte; uma síntese mais do

que necessária sobre "as ambiguidades da Revolução Russa"; e ainda uma proposta de debate acerca de algumas das formulações sobre economia política desenvolvidas por uma das mais eminentes representantes da luta dos trabalhadores contra a opressão capitalista: Rosa Luxemburgo.

Mesmo reconhecendo os atuais limites da nossa atuação, oferecemos então à crítica dos(as) trabalhadores(as), aquilo que temos de mais significativo: a nossa experiência e a nossa disposição militante para as tarefas teóricas e práticas de construção da revolução. Esperamos, com este número, alcançar, ao menos a mesma repercussão que foi vista com o lançamento do nosso número inicial, bem como - também é de nossa intenção - regularizar a periodicidade de futuras edições.

Eis então o que temos...

Saudações,

Oposição Operária  
Brasil, fevereiro de 2010

# Há uma recuperação na economia mundial?

A crise do capitalismo, o Brasil, a sua "retomada" do crescimento e o mundo.

Recuperação, este é o nome do jogo! Os "rebentos verdes" germinam a economia mundial, é a idéia festejada por políticos e ideólogos ao redor do mundo. É uma expressão comemorativa e também uma simbologia que busca anunciar que "o pior já passou", e os ventos da recuperação já sopram sem cessar. Mas até que ponto a festejada recuperação da economia não passa de tagarelice propalada aos quatro cantos para tentar disseminar a idéia de que a atividade econômica está entrando nos eixos da produção a pleno vapor, ou está a caminho disso, ao tempo em que alimentam a roda tresloucada da financeirização e das bolsas de valores em tempos de glória?

Desde setembro de 2008, quando da quebra do Banco *Lehman Brothers*, nos Estados Unidos, um marco "financeiro" para a atual crise, uma enxurrada de dinheiro foi canalizada, sobretudo pelos EUA, mas também por todos os grandes países do mundo, a fim de es-



tancar a hemorragia global que significaria uma quebradeira geral no sistema financeiro mundial. Apenas os norte-americanos consumiram, até março deste ano, mais de 11 trilhões de dólares para salvar bancos, seguradoras e grandes empresas, "demasiado grandes para falirem", no dizer do governo americano e demais defensores da intervenção estatal salvadora. Um dado revelador não foi tão destacado pela mídia: é que essa dinheirama toda simplesmente não existia, mas apareceu como por encanto fruto de papel-moeda novo (dinheiro pintado) ou títulos emitidos pelos governos para alavancar artificialmente um sistema à beira da quebra.

Para se ter uma idéia desse volume de recursos, a cifra de 11 trilhões equivale a cem vezes o que foi gasto pelos mesmos Estados Unidos (ajustado o efeito da inflação) para reconstruir a Europa destruída nos momentos posteriores à Segunda Guerra Mundial, o chamado Plano *Marshall*.<sup>1</sup> O estrago ocorrido na economia mundial é então, do ponto de vista econômico, cem vezes maior do que foi a destruição europeia na Segunda Guerra? Possivelmente é ainda maior, primeiro porque os recursos para salvar bancos e empresas, e para fomentar a economia, não pararam desde então, e o governo dos Estados Unidos, epicentro da crise, continua a injetar recursos em grandes quantidades. Segundo, porque ainda assim, não há qualquer

---

<sup>1</sup> Revista *Veja*, número 2104, de 18 de março de 2009, "Cem Planos Marshall". Dados mais recentes revelam que essa soma já ultrapassou os 12 trilhões de dólares.

sinal de que o sistema global tenha atingido uma recuperação sustentada da economia, nem a do planeta e nem mesmo a americana. Ao contrário disso, a economia dos Estados Unidos continua a se deteriorar a olhos vistos, como demonstraremos ao longo deste artigo, o que compromete decisivamente uma recuperação mundial, como tentam nos fazer acreditar que existe.

A imprensa econômica brasileira, por seu lado, tenta mostrar que, à parte desse tumulto global, há uma ilha de prosperidade mundial chamada Brasil, e os ventos que sopram lá não sopram cá, ou melhor, há ventos fortes por aqui que permitem empurrar a nau *brasilis* para os mares do desenvolvimento e da prosperidade. Será mesmo? O que significam os números alvissareiros da economia brasileira, tão celebrados mundo afora, e também por aqui? A tese do "descolamento" do Brasil, de um desenvolvimento com e apesar da crise, tem realmente fundamento? Ou podemos fazer uma leitura da economia brasileira justamente no entendimento de como a sua atual situação tem a ver com este momento peculiar da situação internacional? Será que os fundamentos econômicos dos países ricos, com taxas de juros extremamente baixas, guardam alguma relação com os recursos volumosos que são recebidos na emergente economia brasileira? E esses recursos recebidos, a tal enxurrada de dólares, como podemos entendê-los relacionados com a farra de moedas verdes derramadas para salvar a economia do planeta?

Buscaremos ao longo deste artigo as respostas para algumas dessas indagações. Passemos então a discorrer sobre alguns números, que dizem respeito à economia brasileira, para buscar depois entendê-los e relacioná-los com os dados que estão disponíveis para as demais economias importantes do mundo, sobretudo com a economia americana.

### **O Brasil em céu de brigadeiro. Sem turbulências?**

Muito embora o cenário da economia mundial seja de crise, alguns dados têm sido divulgados pela imprensa nos últimos meses mostrando a quanto anda a recuperação do Brasil no cenário mundial. Não podemos desconsiderar esses dados, visto que muitos deles realmente fazem sentido. Não podemos também desconsiderar que o Brasil tem efetivamente galgado importantes posições, com a sua economia "emergente", frente a países ricos que não conseguem sair de níveis medíocres de crescimento, a ponto da maioria desses países ter previsão de PIB negativo para o ano de 2009.

Jogemos inicialmente alguns desses dados, sem uma preocupação maior em discorrer mais detidamente sobre eles neste momento, para mais à frente tentar compreendê-los em meio ao encadeamento de informações e análises, a fim de buscar um enquadramento o mais amplo possível nos limites deste artigo.

A Revista Exame, edição 948, de 29/07/2009, cuja

matéria de capa se intitula "Uau, voltamos a crescer!", mostra que dez meses depois do período mais turbulento da economia nas últimas oito décadas, o Brasil já dava sinais de que a crise por aqui foi mais rápida do que se imaginava. Empresas como a GM, saindo de uma concordata nos Estados Unidos (com ajuda do governo), anunciava um investimento de 2 bilhões de reais para ampliar a produção de sua fábrica em Gravataí. A indústria automobilística, por sua vez, tida como a indústria automobilística que mais cresce no mundo, mais do que a chinesa, tem a perspectiva de vender mais de três milhões de carros no país em 2009. O PIB brasileiro, após dois semestres de queda, saiu do vermelho e voltou a crescer. Das 360 maiores empresas brasileiras pesquisadas pela Revista Exame, 70% delas retomaram os investimentos e os estão ampliando. Por conta da redução de IPI nos produtos da chamada linha branca, grandes varejistas já estão com dificuldades de repor estoques para produtos como notebook, geladeiras, lavadora de roupas, etc. Por outro lado, as vendas dos supermercados só crescem, e o mercado interno tem sido visto como o motor do crescimento nos últimos anos, com o consumo interno respondendo por 60% do PIB brasileiro.

A mesma revista aponta que depois de um desemprego em massa no final de 2008, já houve a criação de 300.000 empregos no primeiro semestre de 2009, e o Brasil será um dos poucos países do mundo que encerrará o ano com crescimento no número de empregos, estimado em 600.000, diante de um cenário de desemprego em larga escala nos principais países do

planeta. A capacidade instalada das indústrias siderúrgicas (capacidade de produção máxima, a "pleno vapor"), que havia caído para 49% depois do estouro de setembro e outubro de 2008, já estava em 80% no mês de maio, e tudo indica que avançou ainda mais dado o "aquecimento" dos últimos meses. Da mesma maneira, o investimento estrangeiro no Brasil tem-se revelado acima do esperado para tempos de crise, devendo o país receber U\$ 42,7 bilhões de investimentos em 2009, ante U\$ 34,7 bilhões em 2008, 21% a mais do que o ano anterior, fora o que chegou para aplicação direta na bolsa de valores.<sup>2</sup>

Por falar em bolsa de valores, a do Brasil, a BM&FBovespa, foi a bolsa que mais se valorizou no mundo entre os meses de janeiro e julho deste ano, 87% contra 79% da bolsa de Xangai, na China, a segunda maior em valorização. A bolsa brasileira abrigou, neste ano de 2009, a maior abertura de capital do mundo, a do Banco Santander Brasil, com 14,1 bilhões de reais captados pelo banco, cerca de oito bilhões de dólares. Mais uma vez esse lançamento de ações superou o de uma companhia chinesa, a construtora CSCEC, que levantou U\$ 7,34 bilhões.<sup>3</sup> A terceira maior abertura de capital do mundo, a da processadora de operação com cartões Visanet, também ocorreu na BM&FBovespa, bolsa que dobrou o valor total das

---

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, 5 de outubro de 2009, Caderno Dinheiro. "FMI alerta para enxurrada de capital externo no Brasil".

<sup>3</sup> Folha de São Paulo, 7 de outubro de 2009, Caderno Dinheiro. "Santander leva 14 bi em oferta recorde".

companhias negociadas desde 2004.

Como vemos, ainda que distante de China e Índia como principais economias emergentes, o Brasil tem mudado de patamar econômico, dado a forma como tem sustentado um crescimento médio significativamente maior do que os países industriais. Mas, afinal de contas, por que esses números têm sido possíveis no Brasil? Ainda mais, como tem sido isso possível em meio a uma crise em que as principais economias do planeta patinam sem sair do lugar, ou mesmo andam para trás? Adiemos mais um pouco as prováveis respostas, mas adiantemos por ora já que a mira dos principais investidores internacionais está apontada para os países emergentes, e não para a Europa, Estados Unidos ou Japão, tradicionais locomotivas do crescimento.

Continuando ainda um pouco na safra de "boas notícias" para a economia brasileira, falemos de petróleo e das descobertas brasileiras do pré-sal, cujas reservas são estimadas hoje entre 30 e 100 bilhões de barris de petróleo, riqueza essa que já desperta a cobiça de dezenas de multinacionais que deverão ser parceiras de negócios com a Petrobrás e a eventual estatal a ser criada para tocar o negócio (pelo visto não será mais Petro-Sal). A perspectiva inicial é que até o ano de 2013, 190 bilhões de dólares serão investidos para possibilitar a retirada de óleo das profundezas do Oceano Atlântico. Se for difícil imaginar tal cifra, tomem como referência que isso dá mais de 100 milhões de dólares por dia em investimentos, de agora até o final do ano

de 2013.<sup>4</sup> Não por acaso a estimativa é que os negócios ao redor do pré-sal façam aparecer centenas de novas empresas e criem cerca de 700.000 empregos. Tudo isso apesar do sem-número de querelas políticas e técnicas ainda em discussão.

Os números acima são ainda estimativas, claro, mas o fato é que o setor de petróleo no Brasil, que em 1997 respondia por 3% do PIB brasileiro, em 2008 já abocanhava uma fatia de 10% desse PIB. Com o pré-sal estima-se que chegue a 20%. A indústria automobilística, cantada e festejada nos últimos meses, detém 5,5% do Produto Interno Brasileiro. Não é à toa que a Petrobrás é reconhecida atualmente como uma espécie de "menina mais bonita da festa", dado que "todos querem dançar com ela", ou melhor, querem vender equipamentos pesados e todo tipo de infraestrutura e tecnologia para perfuração e montagem de plataformas. A propósito, cerca de 400.000 americanos têm hoje ações da Vale do Rio Doce e da Petrobrás, figurando esta última entre as empresas mais negociadas da Bolsa de Nova York, mais até do que, pasmem, alguns dos ícones do capitalismo, como a Coca-Cola, a McDonald's, a HP e a Visa, dentre outras tantas. Trinta e duas são as empresas brasileiras que têm os seus papéis negociados na grande bolsa americana, sendo o Brasil o segundo país do mundo em termos de movimentação de ações em Nova York,

---

<sup>4</sup> Revista Exame, edição 952, 23 de setembro de 2009. "Petróleo, entre o delírio e a realidade".

atrás apenas dos Estados Unidos.<sup>5</sup>

Para completar esse quadro, no período "pós-crise" (atenção para as aspas), com a retração na indústria automobilística de outros países, o Brasil passou de nono para a quinta posição no *ranking* dos maiores mercados mundiais de automóvel, destacando-se como um dos mercados mais importantes do mundo, à frente hoje de países como Inglaterra, França e Itália. As vendas de automóveis nesses países chegaram a reduzir em mais de 20% e não têm perspectiva de renomada em curto prazo.<sup>6</sup> Enquanto isso o Brasil tem registrado recordes de vendas...

Fiquemos por aqui nesta longa disposição de dados. A interrupção da leitura neste instante poderia fazer crer que estamos numa trajetória de foguete em disparada em meio a uns cem números de estrelas cadentes no cenário capitalista mundial. Não vamos usar por ora números que poderiam servir como uma injeção de contraeuforia. Claro que não podemos desprezar ou negligenciar certo grau de maturidade a que chegaram alguns setores da economia brasileira, assim como os chamados "fundamentos" da sua economia, como as reservas em dólares, hoje em U\$ 230 bilhões, mais um recorde, o que tem possibilitado a vinda de mais dólares ainda, em busca de rentabilidade alta, visto que não encontra isso nas economias desen-

---

<sup>5</sup> Todos os dados acima podem ser encontrados na Revista Exame, edição 953, 07 de outubro de 2009. "Yes, a Petrobrás também é minha".

<sup>6</sup> Revista Exame, edição 953, 07 de outubro de 2009. "Estudo Exame: autoindústria, um mercado em marcha de transformação".



volvidas, cujas taxas de juros estão próximas a zero.<sup>7</sup>

Vamos então começar a buscar as respostas para dar início ao entendimento de toda essa "pujança econômica", ao tempo em que buscaremos saber quais são os possíveis problemas e os seus limites. Para isso mergulharemos um pouco no cenário mundial e na chamada economia real, a fim de descobrir o que é verdade e o que é mito em meio a todo esse discurso de retomada e de desenvolvimento, do mundo e do Brasil.

### **Uma crise Financeira?**

Durante muitos momentos desde os meses de setembro e outubro do ano passado, economistas, comentaristas e um sem-número de ideólogos quiseram nos fazer crer que a crise existente na economia era uma crise financeira. Seria ela devida aos maus empréstimos imobiliários nos Estados Unidos e também na Europa, e à fraca regulação dos ativos financeiros que foram espalhados pelo mundo. Teria sido essa crise financeira que, sem controle, contaminara a economia real provocando tanto estrago. Para debelá-la, então, seria necessário implementar componentes de regulação ao setor financeiro para frear o parasitismo da economia real e injetar uma dose maciça de crédito

---

<sup>7</sup> Folha de São Paulo, 10 de outubro de 2009, Caderno Dinheiro. "BC enxuga dólar do Santander e reservas vão a U\$ 230 bi".

com o objetivo de retomar o funcionamento "normal" da economia. E assim voltaríamos ao reino dos céus e dos lucros.

Por que é importante para a economia burguesa mostrar que se trata de uma crise financeira? Justamente porque o que ocorre é o inverso disso, ou seja, são as contradições da economia real que são as responsáveis pela crise financeira. Muito embora os acontecimentos espetaculares da superfície sejam as quebras das bolsas, as falências de grandes bancos, os grandes prejuízos com derivativos, etc., eles acabam por revelar graves problemas existentes na economia real. Esses aspectos financeiros, ainda que também tenham grande importância, não podem nos impedir de compreender as causas profundas da crise. É por tudo isso que é importante para a economia marxista demonstrar quais são essas contradições mais fundamentais, e mostrar que as crises financeiras são consequências dessas contradições, e não a sua causa.

### **Recuperação e realidade: um mergulho na economia americana**

Para começar a nos aproximar do que tem de realidade em contraposição ao que é mero discurso, vamos visitar algumas informações importantes da economia americana. Para início de conversa, mesmo depois da crise e de alguns trimestres de retração em sua economia, os Estados Unidos ainda têm a maior economia do planeta, muito à frente de qualquer ou-

tro país. São responsáveis, sozinhos, por 23,5% do PIB mundial, e possuem 29 das 100 maiores empresas do mundo, além de ser o país que mais investe em inovações tecnológicas e em pesquisa. Os Estados Unidos são também responsáveis pela maior parte dos investimentos diretos no estrangeiro. É por todas essas razões, e também por ser o país cuja economia é o epicentro da crise e das contradições mundiais do capitalismo, que nos curvaremos mais detidamente para essa economia.<sup>8</sup>

Dados condensados pelo US *Federal Reserve* dão conta de que, em julho de 2009, a "capacidade de utilização" da indústria manufatureira era de 65,4%, ou seja, aproximadamente dois terços. Lido ao contrário, isso quer dizer que um terço de todo esse ramo importante da indústria americana estava sem utilização. Máquinas, equipamentos, fábricas, escritórios, etc., trabalham com essa elevada capacidade ociosa, quando a média de utilização entre 1972 e 2009 foi de 79,6%. No ramo dos bens duráveis, a situação é ainda pior, pois a capacidade instalada está trabalhando com 60% de sua força, ou seja, 40 de ociosidade. O que existe, então, é uma incapacidade do sistema em fazer uso dos recursos disponíveis, e isso mesmo depois de um ano de pacotes de estímulo econômico.<sup>9</sup> Se há um aumento do desemprego do trabalho, como tem acontecido

---

<sup>8</sup> Revista Exame, edição 951, 09 de setembro de 2009. "Especial Estados Unidos: A Nova economia americana".

<sup>9</sup> Rick Wolff, "A realidade por trás da 'recuperação' econômica" (agosto de 2009) [http://resistir.info/crise/wolff\\_27ago09.html](http://resistir.info/crise/wolff_27ago09.html)

em diversos países, há também o desemprego do capital, como nunca houve desde os anos 1930, revelando um colossal desperdício do sistema econômico.

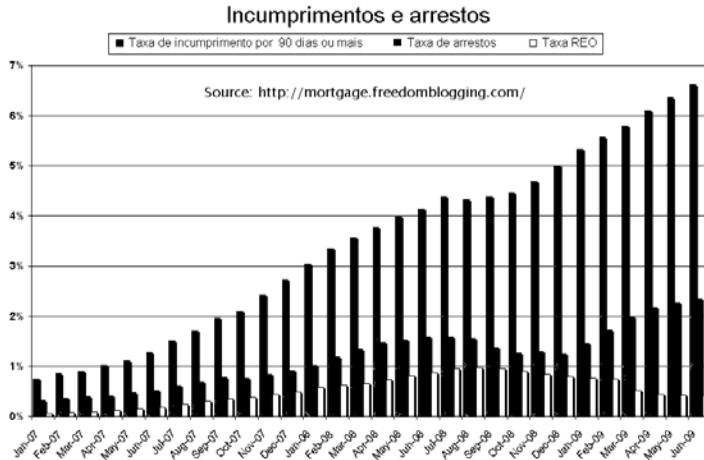
Pois foi justamente a partir de meados do mês de agosto de 2009 que começaram a aparecer os discursos da "recuperação", em meio a dados tão gritantes da economia real. Vejamos alguns sintomas mais de que a tal recuperação não passa de falação sem substância. O que deflagrou a quebra dos grandes bancos e seguradoras no último trimestre de 2008 foi, sobretudo, os tais empréstimos *subprime*, ou seja, empréstimos aprovados, com avaliação de risco e tudo o mais, a pessoas que não poderiam mais pagar por eles. Para conter a quebra do sistema financeiro e de grandes bancos, o governo arquitetou todo o mega esquema de salvação. Depois, misteriosamente, paramos de ouvir falar nas dificuldades de pagamentos, como se elas tivessem deixado de existir; no entanto, houve neste ano de 2009, 1,9 milhões de arrestos (tomada de bem por endividamento) somente nos seis primeiros meses do ano. E a perspectiva é de que aconteçam mais 1,5 milhões até o fim do ano.

A inadimplência, por seu lado, também é crescente, como podemos comprovar no gráfico na página seguinte. A propósito, segundo avaliação do banco alemão *Deutsche Bank*, 48% de todas as hipotecas americanas estarão insolventes em 2011.<sup>10</sup> Somente no mês de junho desse ano as vendas de imóveis caíram 23,7%

---

<sup>10</sup> Mike Whitney, "Isto não é recessão - É uma demolição planeada". (10 de agosto de 2009) [http://resistir.info/crise/whitney\\_10ago09.html](http://resistir.info/crise/whitney_10ago09.html)

em relação ao mesmo mês de 2008. Como consequência desse quadro de baixa de vendas, também os preços dessas casas estão caindo sem cessar. Esse é um nó difícil de desatar na economia americana. As pessoas se endividaram ao longo dos últimos anos (mais de uma década) e propiciaram uma orgia de consumo mundial por parte das famílias americanas, baseada na crença de que os seus bens valorizariam sem cessar. Como os valores dos imóveis só desabam, há um empobrecimento crescente do trabalhador médio americano e uma destruição de bilhões de dólares em sua situação patrimonial. Destruição de riqueza, em outras palavras.



A situação do crédito imobiliário americano continua em colapso, junto com o número de arrestos em crescimento e a queda no preço dos ativos, o que aumenta a inadimplência. O resultado disso tudo é que

todo aquele volume maciço de dinheiro injetado nos bancos continua empoçado por lá, sem alimentar a economia real. Como a situação das famílias é de insolvência, as linhas de crédito estão paralisadas. As falências bancárias continuam a acontecer, com socorro pontual do Estado americano para não quebrar este ou aquele banco. Os que estão empanturrados de dólares em seus caixas, não querem emprestar. Como emprestar dinheiro a quem não vai poder pagar? É essa a linha de raciocínio dos banqueiros dos EUA nesta conjuntura. Sem crédito, há uma significativa redução no consumo e o PIB só tem encolhido nos últimos resultados. Dá para falar em recuperação com esse barulho infernal na economia real?

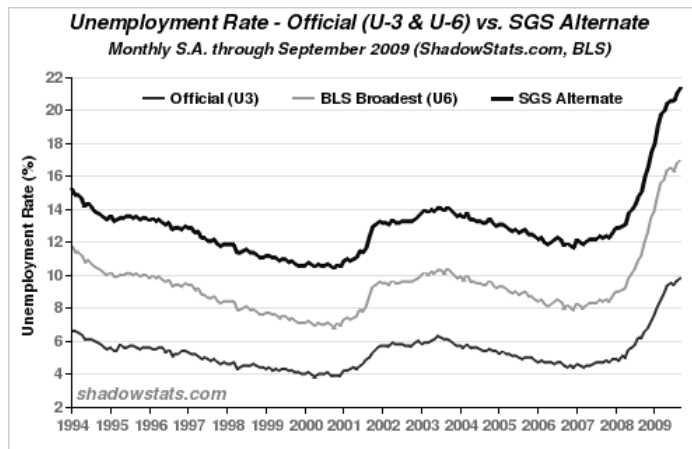
Uma economia que se caracterizou em toda uma conjuntura por liberar crédito fácil e farto tem essa engrenagem enferrujada de uma hora para outra. Os bancos, na defensiva, entesouraram a fim de tratar mais despesas que vem pela frente com os ativos tóxicos que continuam a ser uma realidade irresolúvel. A confiança do consumidor americano continua a ser deprimida a cada mês. E o que fez o Estado americano além de socorrer grandes bancos e multinacionais, "grandes demais para quebrar", e deixar à míngua a classe trabalhadora com seu endividamento, sofrendo, essa sim, as consequências da crise?

Eis o que fez o Estado: baixou os juros. Parodiando conhecida personagem política brasileira, nunca na história desse país os juros foram tão baixos. As taxas de juros foram reduzidas a quase zero. Mesmo assim, não saem os empréstimos e nem é aquecido o consu-

mo, dado que o trabalhador americano trabalhou "alavancado" nos últimos anos gastando um dinheiro que não era seu, dinheiro tomado de empréstimo. Perdeu o que era seu e o que não era (dívida), aumentando o seu passivo, enquanto o seu ativo continua a se deteriorar. Agora, sem poupança e endividado, começou a tratar de "desalavancar", ou seja, está restringindo o consumo a um mínimo possível a fim de formar alguma poupança, algo que nem mais sabia o que significava.

Como soltar fogos de artifício comemorando uma recuperação em que o setor produtivo se vê restrito, trabalhando com capacidade ociosa e sem perspectiva de retomada, dado que o consumidor pisou no freio decididamente, ou nem mais tem como acelerar o seu ritmo consumista? Uma mudança drástica tem sido verificada no perfil do consumidor médio americano,

Gráfico 1



que tem redescoberto a parcimônia, com reflexos diretos em vários setores da economia.

A perda de empregos entre os trabalhadores dos Estados Unidos é um dos mais graves problemas de sua economia real. O número de empregos perdidos no mês de setembro deste ano foi de 263 mil, contra 201 mil no mês de agosto, aumentando a estatística oficial para 9,8% de desempregados. Vários economistas renomados dos Estados Unidos sabem que esse número é subestimado e preferem levar em conta a estimativa do *Bureau of Labour Statistics* (BLS), que fixava em 17% o índice de desemprego para o mês de setembro. Ainda assim essa medida não inclui os trabalhadores que, cansados de procurar emprego e não lograr êxito, desistiram dessa busca. Com esses, por pesquisa estimulada, o índice subiria para 21,4%, conforme o gráfico 1.<sup>11</sup>

Temos então um quadro mostrando um quinto da população americana desempregada, e o restante afundado em hipotecas bancárias e dívidas de cartão de crédito, sem poupança para propiciar uma nova corrida ao consumo e sem crédito também para tal. Onde está a recuperação? Como considerar que "o pior já passou"? Todos esses dados mostram que o maior problema da crise norte-americana está na economia real, mas é justamente por alguns resultados que apareceram na esfera financeira que os fanfarrões começaram a festejar a vitória contra uma crise que persiste.

---

<sup>11</sup> Paul Craig Roberts, "Trabalho Morto: Marx e Lenine reconsiderados" (7 de outubro de 2009).[http://resistir.info/crise/trabalho\\_morto.html](http://resistir.info/crise/trabalho_morto.html)



## **Dívida sem fim. Para onde vai o déficit americano?**

Se levarmos em consideração os pontos que foram abordados anteriormente, fica coerente deduzir que mais execuções de hipotecas deverão acontecer e mais bancos vão precisar de mais salvamentos. O financiamento disso se dá com mais dívida, ou mais criação de moeda sem lastro em criação de riqueza, o que se chama de "pintar" papel dinheiro. A grande pergunta é até quando o Departamento do Tesouro Americano vai continuar socorrendo bancos à custa de um endividamento que multiplica a olhos vistos.

Uma dívida que foi criada, sobretudo pela burguesia privada, que passou anos cantando a retirada do Estado da economia, é agora "sociabilizada", leia-se, repassada para a classe trabalhadora e o conjunto da sociedade, por meio do assalto aos recursos públicos, o que leva ao risco de jogar as contas públicas da maior economia do planeta nas profundezas do inferno. Vejam o que disse a *Bloomberg News* em seu boletim de 21 de agosto deste ano:

Os Estados Unidos acrescentaram mais 111 bancos na lista dos 'bancos problemáticos' no segundo trimestre, crescimento de 36% que elevou o grupo ao nível mais alto em 15 anos. Um total de 416 bancos com ativos somados de U\$ 299,8 bilhões quebraram até agora e foram socorridos pelo *Federal Deposit Insurance Corps* (FDIC), agência federal que supervisiona o sistema. Os órgãos reguladores estatizaram 81 bancos neste ano... Vinte e quatro bancos quebraram no

segundo trimestre com a aceleração do ritmo de calotes, resultado da pior crise financeira desde a Grande Depressão.<sup>12</sup>

Não por outra razão, economistas americanos, grandes capitalistas e os mais atentos à bomba relógio que está armada aos seus pés, mostram-se cada vez mais preocupados e até desesperados quanto aos efeitos de uma explosão e crise do crédito público. A dívida pública americana já está próxima dos 12 trilhões de dólares e, a crescer ao ritmo atual, chegará aos 23,3 trilhões no ano 2019, conforme previsão do Orçamento do Congresso Americano.<sup>13</sup> O déficit fiscal americano, que é a diferença entre o que o governo arrecada e o que ele gasta, deverá ficar neste ano em U\$ 1,8 trilhões, ou 13% do PIB. Apenas por curiosidade, o maior déficit fiscal americano em tempos de paz havia sido de 6% do PIB desde meados do século passado. É a soma desses dois déficits, o fiscal com o público, que se costuma chamar de "déficits gêmeos", pois o primeiro alimenta o segundo. Como o governo gasta mais do que arrecada (déficit fiscal), tem que emitir títulos da dívida pública (déficit público) para suprir essa diferença. Na realidade, os dois andam juntos e

---

<sup>12</sup> Bloomberg News - "Problem Banks Rise to 15-Year High on Bad Loans, FDIC Says" - 27/agosto/2009. Apud José Martins, Crítica Semanal da Economia, nº 987, 4ª semana agosto/2009, "Vícios Privados, Déficits Públicos".

<sup>13</sup> Revista Exame, edição 951, 09 de setembro de 2009. "Especial Estados Unidos: A Nova economia americana". Vide também o site [http://www.brillig.com/debt\\_clock/](http://www.brillig.com/debt_clock/) - U.S. National Debt Clock - que dá uma atualização diária da dívida pública dos EUA, dívida que cresce ao ritmo de U\$ 3,83 bilhões por dia e que, se dividida pela população americana atual, daria U\$ 38.771,20 para cada habitante (consulta ao site em 26 de outubro de 2009).

têm crescido juntos, trazendo uma ameaça potencial para o sistema financeiro mundial, com todas as consequências que podem advir para o próprio sistema produtivo, ou seja, um desmoronamento mais completo e profundo, uma vez que o Estado não mais poderá lançar a boia salvadora.

A questão é que estamos vivendo numa economia viciada em dívida, viciada irremediavelmente a cada dia que passa, e que, sem esse tipo de anabolizante, tende a murchar e definhar. O caminho do *dopping* econômico não tem retorno. O problema agora é saber até onde e até quando esse elástico vai aturar esticado sem romper.

### **Para entender a questão dos títulos americanos**

Os déficits americanos de que falamos acima podem gerar um perigoso desequilíbrio no mercado de títulos do país, e do mundo, por extensão, o que pode tornar a crise mundial ainda mais grave. Para entender melhor esta questão, é preciso colocar em cena um ator até então relegado a segundo plano, mas não menos importante - a China. E por que a China? Porque um componente importante da economia mundial nos últimos anos foi uma espécie de simbiose que existiu - e existe - entre os Estados Unidos e a China. É que, para financiar um déficit público tão gigantesco, os Estados Unidos lançam títulos do Tesouro Americano que são comprados, sobretudo, pelos chineses. São

os chineses os maiores detentores da dívida pública americana, com reservas acumuladas, atualmente, em mais de 2,3 trilhões de dólares.<sup>14</sup> Não são os cidadãos americanos quem financiam a dívida do seu país, visto que estão endividados ao extremo, e também não é a burguesia privada mundial que está inquieta e temerosa com o estado de saúde do dólar e dos Estados Unidos.

Aos chineses interessa financiar essa dívida, pois eles exportam grande parte de sua produção industrial para os Estados Unidos. Com a crise, no entanto, os Estados Unidos passaram a importar menos, não apenas da China, mas de todo o mundo. Exportando menos a China pode vir a ter problemas de recursos para continuar a financiar a dívida americana via compra de títulos daquele governo. Outro componente é que, justamente para contrabalançar a queda no comércio e nas exportações mundiais, a China está estimulando o seu mercado interno, via aumento de consumo dos próprios chineses. A tendência, a continuar nessa toada, é haver uma diminuição do nível de poupança chinesa, com menos recursos fluindo para os Bancos chineses para que possam investir em ativos dolarizados. Como a dívida americana só faz crescer, os EUA vão continuar com uma absoluta necessidade de emitir títulos do Tesouro ou de imprimir papel moeda sem lastro, ou os dois, mais provavelmente.

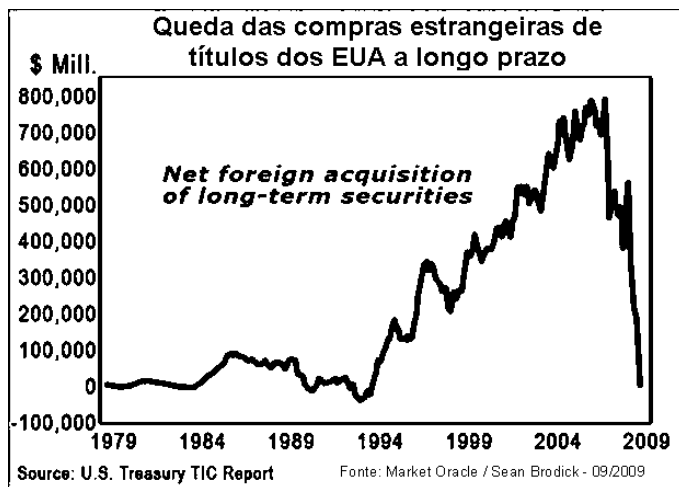
O problema é que ao emitir títulos para financiar

---

<sup>14</sup> Depois da China vem, por ordem, Japão, Reino Unido e Brasil, os maiores credores da dívida americana. Folha de São Paulo, 8 de outubro de 2009, Caderno Dinheiro, "BC faz maior ação no câmbio em 17 meses".

os programas de recuperação de Barack Obama, ou para salvar bancos, ou para tapar o buraco do déficit fiscal, os EUA aumentam ainda mais o seu endividamento. E tudo isso num momento em que nem a China ou qualquer outro país será capaz de absorver a enxurrada de papéis que estão abarrotando o mercado, como havia feito até então. Nos últimos anos, as reservas individuais somadas de vários países saltaram de U\$ 2 trilhões para U\$ 8 trilhões de dólares.<sup>15</sup>

A dificuldade se agrava para a economia americana, uma vez que, com o derrame de dólares dos últimos anos, essa moeda, ainda aquela que é referência mundial, começou a ser olhada com desconfiança por todos os atores do cenário global, e começou a se des-



<sup>15</sup>Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2009, Caderno Dinheiro, "FMI quer papel de Banco Central Global".

valorizar perante praticamente todas as moedas do mundo. Ora, os países que detêm uma imensa fatia de riqueza em títulos americanos, cotados, claro, em dólar, correm o risco, de uma hora para outra, de verem essa riqueza se evaporar com uma megadesvalorização do dólar, uma moeda cujo descrédito cresce a olhos vistos. Ao invés de alimentar a viciada economia americana, os países começam a se desvencilhar dos dólares acumulados ou, no mínimo, a não entesourar mais em dólares, ou a não procurar mais os títulos americanos, tidos até então pelo mercado como os mais seguros. Vejam o que mostra o gráfico abaixo em relação ao interesse pelos títulos dos EUA para longo prazo nos últimos meses.<sup>16</sup>

Podemos afirmar, sem medo de errar, que há uma bolha no mercado de títulos do Tesouro americano. O grande perigo é essa bolha estourar, ou melhor, a questão é saber até quando vão conseguir mantê-la no ar sem romper, uma vez que ela cresce mais e mais. Quem investe em títulos americanos atualmente está procurando aqueles de curto prazo, pois nem os investidores institucionais estão apostando mais naquela economia no longo prazo, no colosso e locomotiva econômica do planeta, é bom sempre lembrar.

### **Alinhavando algumas conclusões**

Como as atuais taxas de rendimento dos títulos ame-

---

<sup>16</sup> GEAB, "A União européia na encruzilhada em 2010: cúmplice ou vítima do afundamento do dólar?" (15 de outubro de 2009). [http://resistir.info/crise/geab\\_38.html](http://resistir.info/crise/geab_38.html)

ricanos para 10 anos, por exemplo, estão entre 2% e 2,4%, ou seja, baixíssimas, o que estão fazendo os investidores internacionais? Simples: como têm a ambição de continuar ganhando, sobretudo os que acreditam em ganhos fáceis, os que estavam "comprados" em dólar, para se proteger da crise, passam a ficar "vendidos" nesta moeda, e "comprados" em moedas, principalmente, dos países emergentes, uma vez que a "recuperação" é mais forte nesses locais; mas não apenas isso, também porque mesmo em investimentos de renda fixa, países como o Brasil dão algo em torno de 9% ao ano. Para quem está ou estava auferindo quase zero de rendimento, é um grande negócio.

Nesse sentido, o próprio discurso da recuperação atua contra o dólar, dado que estimula o investidor a se livrar desta moeda, o que causa uma maior oferta dela no mercado, acelerando a sua desvalorização. A questão se complica porque manter títulos tão pouco atrativos numa economia que precisa cada vez mais vender estes papéis só seria possível se se acreditasse numa espiral de deflação prolongada (e desastrosa) para valer a pena ganhar 2,4% em 10 anos. A deflação é realmente um problema atual na economia americana, frente ao empobrecimento e endividamento da população, à deterioração de sua situação patrimonial, como a queda no valor dos imóveis (enquanto as dívidas ficam estáveis ou crescem), o que tem levado a uma drástica redução no consumo o que, por sua vez, compromete a recuperação.

Por outro lado, o FED (Banco Central Americano) continua a imprimir dinheiro furiosamente, o que co-

loca como o perigo da próxima esquina não mais a deflação, mas o potencial inflacionário que trás esse tipo de atuação. Ora, em qualquer lugar do mundo imprimir moeda sem respaldo em riqueza concreta leva "naturalmente" à inflação. Isso só não tem acontecido nos EUA pelos motivos acima citados e pelo fato de boa parte da economia atuar neste momento com capacidade ociosa. Se uma recuperação real tiver lugar nos próximos meses ou anos, o ônus de todo esse derrame de moedas verdes será cobrado na esteira dessa recuperação, via inflação. É por tudo isso que o mundo olha hoje para os Estados Unidos e vê que existe um cenário inflacionário pela frente, e que não faz o menor sentido ficar sentado numa pilha de títulos dolarizados, já que o que aponta a tendência é uma desvalorização desses papéis, junto com o ex-poderoso dólar.<sup>17</sup>

### **O Brasil e o mundo: dá para acreditar em descolamento?**

Começamos este artigo citando uma série de bons números da economia brasileira. Trata-se, de fato, de uma economia que tem tido um crescimento maior do que o de alguns dos grandes países do mundo e que tem apresentado números surpreendentes em relação ao seu próprio passado. Ganhou, como dissemos antes, certa musculatura e maturidade. Mas ainda assim

---

<sup>17</sup> Revista Exame, edição 936, 12 de fevereiro de 2009. "A próxima bolha americana pode estourar no fim do ano".



se trata de uma economia pequena em comparação com as maiores do planeta. Participa com algo em torno de 2,4 a 2,7% do PIB mundial, contra quase 25% da economia americana, por exemplo. É por esse motivo que não dá para imaginar que todas as economias têm o mesmo peso qualitativo no cenário internacional. Foi por esse motivo que priorizamos neste artigo a análise da economia americana para fazer uma avaliação do que de fato se passa entre os grandes, ou melhor, entre os maiores, com os perigos que espreitam cada lance que é feito na tentativa de dar fôlego ao colosso americano.

É por todos esses motivos que não dá para imaginar que a tese do descolamento pode ser levada a sério, e que as economias emergentes teriam o poder de crescer e puxar o crescimento do mundo trazendo a reboque as economias europeias, japonesa, americana, enfim, os países mais dinâmicos do processo histórico capitalista. Mesmo a China, caminhando a passos largos para ser a segunda economia do planeta, não é ainda uma máquina possante o bastante para suprir o poder de produção e de consumo do mercado americano, a ponto de substituí-lo e puxar o crescimento do mundo, ainda mais considerando que os EUA, antes a locomotiva, agora poderão ser um peso a ser arrastado.

Para entender a "prosperidade" atual da realidade econômica brasileira<sup>18</sup>, assim como a da China, da Índia e até a da Coreia do Sul, um dos elementos que

---

<sup>18</sup> Não foi priorizada, neste artigo, uma série de contradições existentes no Brasil, tais como um índice de desemprego também alto e também devida-

precisaríamos compreender é conhecido na língua inglesa como *outsourcing*, outros o chamam de *offshoring*, outros ainda, já numa tradução aportuguesada, designam de deslocalização. Seja qual for o nome, o fenómeno consiste em transplantar todo um aparato produtivo instalado em um país para outro país, em busca de lucros fáceis, principalmente por conta de sua mão de obra mais barata. Leia-se, transplantar empresas dos EUA, Europa, Japão, etc., para o Brasil, a China, Índia, Coreia do Sul e outros. Foi assim que a China "sugou" - e continua a sugar - muito da economia americana e da europeia, e até da japonesa. Também o Brasil se beneficiou dessa prática que visava, como dito, a retomada dos lucros pagando menos aos trabalhadores e aumentando a sua jornada de trabalho.

Mas esse é só um dos elementos dessa realidade, que aqui apenas tangenciamos. Outro importante elemento consiste justamente no entendimento que buscamos captar em todo o artigo. Procuramos deixar claro como aconteceu o socorro estatal aos grandes bancos e empresas, por meio da maior injeção de liquidez de que se tem notícia no mundo em todos os tempos. Mostramos que o dinheiro, que foi usado para salvar as grandes empresas e bancos, não se transformou em oferta de crédito a fim de irrigar outra vez a economia

---

mente maquiado; a questão da violência, sobretudo nos grandes centros urbanos; a precarização das condições de trabalho; a informalidade; o arrocho salarial que dura décadas e que não tem perspectiva de se reverter, dado que é um elemento "qualitativo" importante para a competitividade brasileira e para a continuidade da "deslocalização" de empresas do mundo desenvolvido para este país.

com o estímulo ao consumo.

Temos todos os elementos para compreender como esse dinheiro sobran­te na economia passou a buscar loucamente praças onde conseguissem melhores condições para se "reproduzir". É desse modo que bancos e investidores dos países ricos têm-se aproveitado do dilúvio de dólares despejados em circulação para transferir uma parte dessa moeda empoçada para as nações emergentes. Como não dá para transformar a maior parcela desse dinheiro em "capital-dinheiro", ou seja, dada a crise de superprodução mundial, não é possível aplicar fortemente no setor produtivo, a ordem do dia passou a ser a transformação dessa moeda sobran­te mundial em capital fictício. Voltaram então, bancos e bancões, e instituições financeiras e aplicadores mil, a atuar fortemente no mercado financeiro e de derivativos.

Se a crise financeira foi deflagrada por uma bolha que colocava em evidência os problemas mais estruturais da economia, a tentativa de solução da crise via injeção de liquidez, fez aparecer uma nova bolha, uma vez que não há o que fazer com tanto dinheiro desbotado por falta de lastro senão colocá-lo para girar na roleta do revitalizado cassino global. O Brasil, cuja taxa de juros é de 8,75% atualmente, ainda tem uma das mais elevadas taxas de juros do planeta. Transformou-se então num dos alvos preferidos dos investidores internacionais, quer seja para aplicação em renda fixa, ou, principalmente, na bolsa de valores, o que ajuda a explicar a alta muito acima de qualquer padrão razo-

ável que vem tendo essa bolsa - apesar dos sustos que ocorrem vez por outra -, e apesar da taxação de 2% de IOF, conforme a nova medida do governo brasileiro para taxar capital especulativo estrangeiro.

É por tudo isso que o Brasil se tornou uma espécie de oásis mundial para chegada de dólares querendo valorização rápida e fácil. Um país de juros altos, ações ainda baixas (em relação ao pico "pré-crise"), uma economia que mostrava sinais de recuperação e uma moeda que foi a que mais se valorizou no mundo em relação ao dólar. O Brasil é hoje um centro internacional de reciclagem de dólares sobranes, e por isso o governo pôde se dar ao luxo de taxar o capital especulativo, pois, mesmo assim, ainda entrou mais moedas verdes do que a que foi embora.

Como os que atuam nesse mercado da riqueza fictícia parecem ter a memória curta, enquanto não vier um novo colapso, parece que a situação deve continuar a se reproduzir, com o governo acumulando reservas ainda maiores, e com o real se mostrando como uma moeda cada vez mais forte. O problema passou a ser então o que fazer com essa moeda forte, tendo em vista que esse quesito trás o encarecimento do produto brasileiro no mercado internacional e, conseqüentemente, sua perda da competitividade. O esforço do Banco Central em regular "minimamente" o mercado de dólares é bastante claro, numa tentativa de gerenciar a abundância de dólares, evitando, assim, um maior volume de importações e uma situação desfavorável na balança de pagamentos brasileira.

## Palavras Finais

Todo o esforço de salvação do sistema capitalista em sua esfera financeira colocou na realidade do mundo atual uma espécie de armadilha de liquidez, com o potencial de retomar o lucro de alguns bancos e grandes investidores, mas à custa de criar uma nova bolha, que tem tudo para não ter uma duração muito grande. Enquanto isso, continua fraco em nível mundial o fluxo de capital na esfera produtiva. Claro que não podemos e nem ousamos "adivinhar o futuro", dizendo que ocorrerá uma crise de tal ou qual forma, neste ou naquele momento, mas as tendências apontadas pela análise não deixam muito espaço para uma recuperação como a que estão pintando.

Neste momento se convive com perdas bastante significativas na economia real, com calotes crescentes, desemprego em grande quantidade, ao lado de lucros especulativos que voltam a inebriar uma gama de eufóricos capitalistas, governos e propagandistas em geral. Enquanto isso, o desatino com as contas públicas dos países tomou proporções jamais conhecidas, deixando a economia cada vez mais viciada e dependente de socorro estatal, socorro este baseado em papel pintado e em emissão de títulos em volume crescente. E tudo isso é solicitado, clamado e aplaudido por liberais e keynesianos que não veem outra saída senão o faz de conta da riqueza fictícia, ignorando assim os fundamentos mais sólidos da economia.

Fica como síntese final a palavra do megainvestidor americano Warren Buffet, publicada recentemente no jornal *The New York Times*:

O oceano de dinheiro estatal socorreu o sistema financeiro privado e agora a economia encontra-se fora da UTI e em ritmo lento de recuperação. Mas enormes dosagens de medicina monetária continuam a ser ministradas e logo precisaremos de um acordo sobre seus efeitos colaterais. Por enquanto a maioria daqueles efeitos está invisível e pode ainda permanecer latente por algum tempo. Mas o seu potencial de perigo pode ser muito mais dilacerante do que a própria crise financeira.<sup>19</sup>

Enquanto a renda se concentra mais e mais no topo, na base pouca atenção tem merecida a recuperação da população trabalhadora em todo o mundo. A forma como tratam essa questão no país mais rico do planeta mostra, muito claramente, que a crise e a atuação sobre ela é também uma questão de classe social. O empobrecimento nos Estados Unidos é algo assustador, e as famílias morando em *trailers*, estacionamentos e cidades de tendas já passam a fazer parte do cenário "normal" do dia a dia. Parece que o sombrio futuro preconizado pelos filmes de ficção científica já chegou. Temos algo a fazer!

---

<sup>19</sup> Warren Buffet - "The Greenback Effect" - The New York Times, 18/08/2009. Apud José Martins, Crítica Semanal da Economia, nº 987, 4ª semana agosto/2009, "Vícios Privados, Déficits Públicos".

## **Por que a burguesia mundial não acaba de vez com a crise atual?**

Capitalista não gosta de crise; capitalista que se preza tem horror à crise; capitalista de verdade sonha com um desenvolvimento "sustentável" no qual a acumulação da riqueza não sofra nenhuma interrupção; capitalista para valer sonha com um sistema no qual a sua classe poderia dispor da energia vital de seus empregados num crescendo sem nenhum problema e sem qualquer interrupção; o mundo dos sonhos de um bom capitalista seria aquele no qual ele pudesse acumular sem qualquer solução de continuidade e aborrecimento. Por que, então, as crises, contrariando as expectativas e sonhos dos senhores do capital ocorrem, se instalam, arrebatam massas de capital, levam bancos e empresas à falência, fazem entrar pelo ralo do sistema massas de lucro crescentes, enquanto governos, economistas e empresários, atônitos uns, verdadeiras baratas tontas, outros, não conseguem reverter uma crise, pelo menos nos prazos, nas condições e nas circunstâncias ditados pelos discursos oficiais?

De início, porque uma coisa é a decisão tomada individualmente por cada empresário capitalista, e outra muito diferente são as decisões tomadas pelo conjunto da classe capitalista. Numa unidade empresarial capitalista existe uma racionalidade tal que cada capitalista pode muito bem agir: 1) determinando que tipo de mercadoria (e em que quantidade) vai produzir e; 2) arregimentando os objetos e meios de trabalho necessários à produção de mercadorias. Para esclarecer, com um exemplo, vejamos o caso de produzir pneus para carros: os engenheiros desenham o modelo de pneu que a fábrica deve produzir; o conselho deliberativo da empresa, tomando por base sondagens de mercado ou acionando dispositivos políticos para assegurar as vendas de suas mercadorias, estipula o número de pneus a serem produzidos; o departamento de compras providencia a aquisição das matérias-primas, matérias auxiliares e meios de trabalho necessários para a produção dos pneus; o departamento de "recursos humanos" contrata o batalhão de trabalhadores que vai imprimir movimento à produção; o departamento de engenharia procede aos testes de resistência do tipo de pneu produzido, etc.; e, no dia estipulado, se as condições "atmosféricas" são favoráveis - ou então, se o mercado está de "bom humor" -, o departamento de vendas despacha a massa de mercadorias para os comerciantes autorizados venderem ao consumidor final. A operação total foi coberta de êxito - motivo de sobra para mais uma comemoração: bravos! Prêmios podem ser distribuídos,



sem faltar a célebre plaquinha com a foto de um trabalhador - o mais "bem comportado" de todos - e com o velho e desbotado bordão nela gravado: "operário padrão".

Isso porque cada empresário capitalista, em "condições normais de temperatura e pressão", age segundo determinações de uma única vontade, a sua. O fato é que a produção de sua empresa integra centenas ou milhares de atos de trabalho de seus inúmeros trabalhadores, todos eles atos teleológicos de trabalho<sup>1</sup>, sendo que a soma de atos teleológicos de trabalho de centenas ou milhares de trabalhadores no âmbito de sua fábrica funciona como um grande e conexo ato teleológico de trabalho do conjunto da empresa.

Já no conjunto da economia social, a teleologia desaparece para dar lugar à causalidade - o que equivale a dizer que as leis que regem o conjunto da economia já não são as simples leis que regem cada capital privado, porém leis que derivam da totalidade do sistema; leis que negam racionalidade ao sistema; leis

---

<sup>1</sup> Um ato teleológico é exatamente um ato que comporta um objetivo traçado conscientemente e a escolha conexa de meios cuja disposição faculta a objetivação daquilo que se previu. Se, para esclarecer com um exemplo, um engenheiro da empresa em questão percebe que uma determinada máquina já está demodé, e que ele tem condições de desenhar uma nova máquina para substituí-la, ele pode retirar-se para o seu ateliê e, mediante um ato teleológico de trabalho, desenhar a máquina em apreço, construí-la e instalá-la no lugar da outra. Todavia, uma vez instalada, a nova máquina vai, agora com todo o aparato e toda a ação produtiva da fábrica, ser lançada na produção e na circulação de mercadorias do conjunto da economia - onde sua liberdade teleológica já perdeu sentido e se vê envolta num vendaval ditado por leis cegas num sistema onde impera a anarquia da produção.

que obrigam a que o resultado das inúmeras decisões planejadas dos milhares de capitalistas individuais não obedeam, no conjunto da produção social - vale dizer, da produção enquanto modo de produção capitalista -, a nenhum objetivo ou plano previamente estipulado por uma ação coordenada; leis que imprimem um movimento cego - daí o caráter anárquico do modo de produção capitalista - e que constituem, em última instância, o espaço onde se batem todas as contradições inerentes à ordem do capital, de que resultam as crises capitalistas.

Eis, numa visão resumida, o motivo pelo qual nenhum capitalista individual pode escapar da crise e também porque nem a classe capitalista pode debelar uma crise num tempo qualquer e independentemente de um processo de maturação da própria crise enquanto *processus*. A crise traz consigo, portanto, uma disposição mais uma vez dialética, no sentido de que combina um certo grau de determinismo com um outro que dá lugar à intervenção consciente das classes nela envolvidas - tanto da burguesia, no sentido de superar a crise e arremeter a economia para um novo ciclo de crescimento, quanto do proletariado, no sentido oposto. O êxito na disputa entre essas duas classes vai depender de uma certa ordem de condições e circunstâncias, entre as quais a própria dimensão da crise e a capacidade de organização de uma classe diante da outra de arregimentar meios para impor o seu projeto de classe.

Estamos diante de um aparente paradoxo: dizíamos mais acima que não existe um movimento teleológico

no conjunto do movimento do modo de produção capitalista, e agora dizemos que as duas classes podem conduzir o sistema social como um todo para objetivos e um projeto seu. Não existe paradoxo algum nesta afirmação, de vez que qualquer um dos dois projetos de classe, que venha a reunir as condições de êxito, só pode ser realizado - um, o da burguesia, pela contrarrevolução, outro, o do proletariado, pela revolução - a partir das possibilidades que emanam das contradições dadas pelo mesmo sistema em crise. Uma sociedade que se move por leis e pelo império da necessidade (causalidade) cega aponta tendências que, se bem compreendidas, e a depender de condições e circunstâncias dadas, podem ser potencializadas. Em poucas palavras, a sociedade capitalista que evolui à base de leis cegas, portanto sem obedecer, como totalidade, a nenhuma "intenção", a nenhum plano previamente traçado, dá lugar, por conta das imensas contradições sociais que armazena e que explode nas ocasiões de crise, a duas ordens de possibilidades antitéticas: a de uma reposição das premissas da reprodução do capital num outro patamar ou, ao contrário, a de uma ruptura que signifique a derrocada da (des)ordem do capital. Pelo menos era assim que o capitalismo vinha-se desenvolvendo até aqui.

Se a burguesia é a classe que reúne as condições de vantagens sobre o proletariado, ela pode, como na maioria das vezes pôde, reunir forças e meios, acionados e coordenados pelo (seu) Estado e (seus) governos, para, num tempo dado de maturação de tais esforços - que não é o tempo demagogicamente

propalado pelas suas elites "bem pensantes" - disparar contratendências à crise (entre as quais o arrocho salarial, a queima do capital excedente desvalorizado, entre outras) e, tateando, sair dela inaugurando um outro ciclo de crescimento<sup>2</sup>. Se, do lado oposto, dada uma situação de crise grave - numa reconhecida situação revolucionária<sup>3</sup> -, a burguesia já não pôde ou já não pode estar com a iniciativa, e esta esteve ou venha a estar com um proletariado consciente, mobilizado, organizado e bem dirigido com base num projeto de classe, como foi o caso da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, então, em tais circunstâncias, é a classe operária a que pode ultrapassar a crise do modo de produção, mas dessa vez não para reabrir mais um ciclo de reprodução do capital, mas para declarar e praticar a sua ruptura inaugurando, pela via revolucionária, um outro modo de produção e de exis-

---

<sup>2</sup> Um ciclo contém dois momentos que se opõem, um de boom, outro de recessão, o que equivale dizer que um ciclo tem início quando a crise anterior é vencida e se abre um processo de recuperação, e que o ciclo se conclui quando a economia atinge seu estado máximo de recessão e está novamente apta para inaugurar um outro ciclo.

<sup>3</sup> A descoberta conceitual de uma situação revolucionária pertence a Lênin (a teoria em apreço encontra-se principalmente no seu livro *A Bancarrota da Internacional Comunista*) e quer significar um momento no qual, esgotadas as contratendências aplicadas pelo capital no sentido de debelar a crise, advém uma situação de acentuada perda de controle econômico e social por parte do conjunto da burguesia, que passa a se encontrar relativamente paralisada, e por um amplo e profundo movimento das massas proletárias no sentido que aponta para uma insurreição. Uma situação revolucionária não é ainda uma insurreição e muito menos uma revolução, porque se, de um lado, o proletariado ainda não conseguiu armar-se de um projeto e de uma direção firme, então, a burguesia pode ainda repor-se e desmanchar uma situação revolucionária, na maioria das vezes pela repressão generalizada, e reconfigurar a sua dominação de classe.

tência social.

Quando então, diante de uma crise de superprodução, a iniciativa está com a burguesia, quais as premissas sobre as quais dá-se início a uma superação que é - em se tratando de uma saída da crise do ponto de vista do capital - a inauguração de um novo ciclo de acumulação do capital? A situação, em tais estágios, tem sido aproximadamente esta: esgotadas as contratendências, que até então evitavam a precipitação da taxa de lucro, esta se encontra agora, num patamar crítico; ela caiu até um nível irrisório - um nível que não pode mais assegurar a mobilização do acervo de capital super-acumulado -, por conta, em primeira mão, de um movimento da produção, que paralisa a taxa de mais-valia e a taxa de lucro do conjunto da economia e, em segunda mão, como resultado ainda por efeito, em última instância, do movimento da mesma produção, da ausência do mercado no qual as mercadorias deveriam poder ser realizadas. Afinal de contas, super-acumulação é um estado no qual a plataforma da produção de mercadorias acumulou capital em excesso, para uma demanda social dada. As duas pontas, assim dispostas, fecham o cerco e dão passagem ao momento da crise de superprodução.

Sempre existiu no quadro pelo qual a burguesia tem conseguido dar início a um ciclo de crescimento, uma enorme massa de capital excedente sem função, ocioso, desvalorizado, sucateado combinado com o desemprego massivo de trabalhadores e, conseqüentemente, com um mercado consumidor tão

enrugado que se coloca com um grave bloqueio à realização (venda) da massa de mercadorias disponíveis para troca. Partindo, portanto, do movimento autônomo da produção e completado pela contração do mercado (causada pelo desemprego e pelo rebaixamento dos salários), as mercadorias não podiam, como não podem, escoar, e, não sendo vendidas, portanto, sobrando nos estoques das empresas, determinam, no limite, uma queda da massa e da taxa de lucro (não realizados) que se tornam incapazes de sustentar a continuidade do processo de reprodução ampliada do capital. Aqueles analistas - em especial os que seguem a teoria luxemburguista da acumulação do capital - que colocam o mercado como a premissa mais decisiva da acumulação, não conseguem dar uma explicação convincente do porquê de o capital conseguir abrir caminhos para a retomada do crescimento num quadro no qual o mercado se encontra mais restringido. Como é possível o modo de produção capitalista se reerguer de uma crise se a premissa mais fundamental para a sustentação, no caso, o mercado, não existe como a premissa?

A história das crises capitalistas não deixa dúvidas a esse respeito: a retomada dos ciclos de acumulação do modo produção capitalista se dá não pelo mercado em si mesmo, mas, também aqui, por um movimento que tem sua gênese na produção. Sempre que foi possível um novo ciclo, esse se deu pela retomada da taxa de mais-valia<sup>4</sup> e, conseqüentemente, da taxa

---

<sup>4</sup> Taxa de mais-valia, ou taxa de exploração, é um índice que relaciona a

de lucro<sup>5</sup> em condições de máximo desemprego e de um mercado consumidor em baixa. Para tal, a burguesia teve de criar novos arranjos tecnológicos - nomeadamente do capital fixo<sup>6</sup> -, adquirir, por preço mínimo, as empresas que não conseguiam manter-se no jogo da concorrência, contratar trabalhadores pagando salários aviltados e, ocupando, num primeiro momento, o espaço de mercado deixado pelo capital que foi retirado da arena da concorrência à força. É, portanto, dentro dos limites do modo de produção ca-

---

massa de mais-valia (m) com as despesas com a força de trabalho (v), incluindo salários e outras despesas com o trabalhador. A massa de mais-valia é o montante do valor produzido pelo trabalhador, que não lhe é repassado, e que, permanecendo retido no cofre do patrão capitalista, vai formar a fonte de lucro da persona do capital. Aos gastos com o trabalho dá-se o nome de capital variável (v). A taxa de mais-valia é representada por  $m/v$ . Se uma taxa de mais-valia é de 100%, significa que m é igual a v ou que  $m/v$  é igual a 1/1, ou ainda que, para cada salário pago, o patrão fica com uma mais-valia que equivale a um salário pago.

<sup>5</sup> Taxa de lucro é outro indicador que relaciona a massa de mais-valia, ou seja, a massa de valor do trabalho não pago - aquele valor que o capitalista recebe de graça do trabalhador, que é por ele explorado - com a soma do capital total aplicado. A taxa de lucro é representada por uma fração que tem como numerador a massa de mais-valia (m) e como denominador a soma do capital constante (c) com o capital variável (v).  $Tl = m/(c+v)$ . Se a Tl é de 20%, isso significa que para cada 100 unidades de valor que o capitalista investiu em compras de matérias-primas, máquinas, etc. e salários, ele recebeu 20 de graça. Como 20% equivale a 1/5, isso significa que, para cada 5 tostões aplicados na produção, ele recebeu um tostão de graça do trabalhador.

<sup>6</sup> A soma do capital-dinheiro gasta com meios de produção (matérias-primas, máquinas, instalações, etc) denomina-se capital constante. À parte dos componentes físicos, representada pelas matérias-primas, matérias auxiliares e insumos em geral, dá-se o nome de capital circulante, enquanto que àquela parcela representada pelas máquinas e instalações em geral designa-se capital fixo.

pitalista, sem que haja necessidade de apelar para artifícios situados fora dele, como "mercados extra-capitalistas" e outras miragens, que se apresentam e são superadas as premissas de seus momentos de crise e de superação. Uma vez repostas as condições para uma retomada da taxa de lucro e, complementarmente, de um mercado inicial, o movimento de retomada da reprodução ampliada (que leva no seu bojo, pelo aumento da atividade econômica e da diferenciação da divisão social do trabalho, à ampliação e à diferenciação do mercado consumidor) se dá mediante investimentos novos em regime de reforço mútuo entre os Departamentos I e II da economia. Dessa maneira é posto em marcha um novo ciclo que, mais adiante, repetirá mais outra crise sob condições mais graves ainda.

### **Socialismo e Barbárie**

Posto isso, podemos avançar um pouco mais em nossa investigação ao mesmo tempo teórica e empírica. Afirmamos aqui, categoricamente, que existem situações nas quais as contradições acumuladas foram tão longe que o capital não mais encontrava meios com os quais pudesse reverter uma crise - nestes casos, o momento da subjetividade "normal" era, como segue sendo, totalmente anulado pelo da ação imperativa da ruptura, que coloca a questão da decisão num outro plano: no do embate entre o socialismo e a barbárie. Com isso, o momento da subjetividade



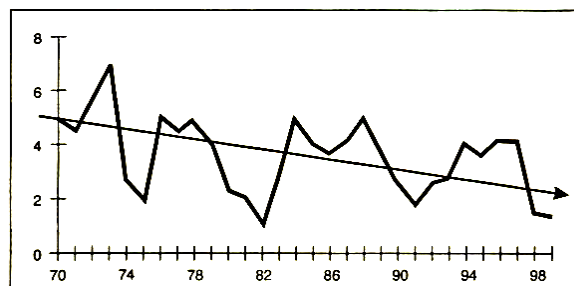
contrarrevolucionária pelos meios "pacíficos" avança para o terreno da luta de classe em estado de paroxismo. É exatamente o que está começando a acontecer nos dias atuais.

Desde os anos 1960-70 o capital deixou de ter na acumulação produtiva o ancoradouro privilegiado de seus investimentos; desde então, o capital reorienta os seus lucros para a esfera financeira, a qual acumula capital-dinheiro como nunca acumulou, tanto em volume como em duração, em toda a sua história. Já faz quatro décadas que essa situação, que noutros tempos era uma situação passageira, se prolonga até a derrocada presente; já faz quatro décadas que a acumulação produtiva se mantém numa linha de queda tendencial só, sendo que agora a linha de queda se precipita brusca e perigosamente para baixo apontando para uma depressão inusitada. Olhemos para as figuras 1, 2 e 3 seguintes.

**Figura 1**

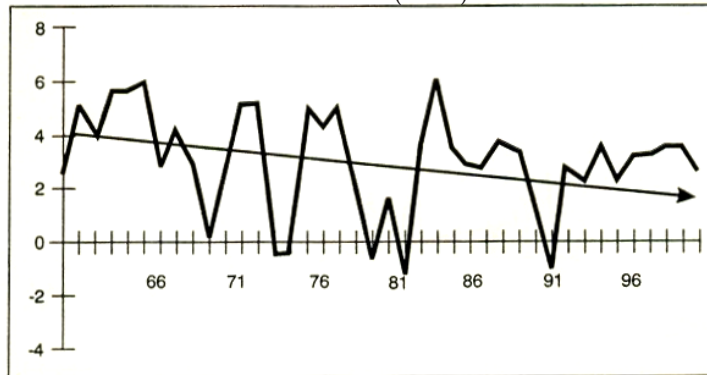
Queda da taxa de crescimento  
Tendência a longo prazo, 1970-99

Variacão anual real do Produto Mundial Bruto (em %)



Elaborado com base em: FMI, 1997; Banco Mundial, 1998, 2000; IFRI-Ramses.

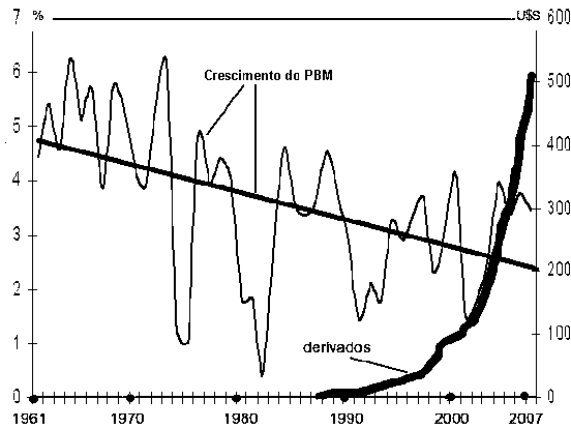
**Figura 2**  
Taxas de crescimento do Pib real dos Estados Unidos  
1961-2000\* (em %)



\*Crescimento real do PIB no ano 2000: estimativa da OCDE (OCDE, 1999).

Fontes: OCDE, 1998 e 1999; IFRI-Ramses 98; CPE, 1999

**Figura 3**  
Taxas de crescimento real do Produto Bruto Mundial (%)  
Produtos financeiros derivados (US\$ 10<sup>12</sup>)



Fuentes: Banco Mundial y Banco de Basilea (BIS)

Elas exibem a tendência de queda sistemática (a linha de queda está representada nos gráficos pela seta) das economias mundial e norte-americana desde os anos 1960, quando a crise atual teve início, até o ano 2007. Os gráficos revelam uma linha tendencial de queda do PIB em torno da qual ocorrem picos alternadamente para cima e para baixo - nos dois casos movimentos que não conseguem nivelar-se ao pico alcançado nos "anos dourados" - e as durações mínimas, contrariando as alcançadas nas crises anteriores. A última figura confirma a tendência de queda do produto bruto mundial registrada na figuras 1 e 2 nos anos recentes - até o ano de 2007. Acerca da tendência que ele evidencia, comenta Jorge Beinstein, que no-lo fornece:

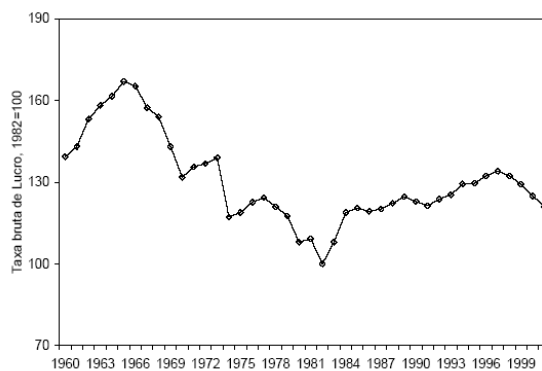
A prosperidade do pós-guerra terminou em 1973-1974 com o choque petrolífero que encontrou uma economia mundial muito frágil devido à soma de acontecimentos negativos que o precederam, como as desordens monetárias, a queda da rentabilidade empresária, a desaceleração do circuito de endividamento e do consumo privado, além do incremento da capacidade produtiva ociosa (...) Com a imagem de fundo de uma crise de sobre-produção as economias industrializadas entraram na chamada "estagflação", os preços subiam ao mesmo tempo que a desocupação e os aparelhos produtivos estancavam. A partir daí a taxa de crescimento econômico mundial foi caindo tendencialmente, fenômeno que persistiu até à actualidade (...)

(...) Isto traduziu-se em altos níveis de desemprego e precarização laboral, agravados pela guerra tecnológica entre as empresas que procuravam preservar ou conquistar mercados cada vez mais difíceis. Como consequência foi-se impondo uma tendência pesada, de grande duração, de

desaceleração da procura nas nações ricas. Nos países da OCDE a taxa de crescimento real médio do consumo privado tinha chegado a 5,1% no período 1961-73 mas desceu para 3,1% em 1974-1979, 2,7% em 1980-89 e 2,3% em 1990-1991. Tal movimento travou a expansão produtiva, convertendo a superprodução real ou potencial desordenada iniciada em 1970 num fenómeno que persistiu a longo prazo<sup>7</sup>.

O leitor pode observar, que, enquanto o produto bruto mundial cai sistemática e regularmente, os produtos financeiros derivados se movimentam no sentido oposto e com forte crescimento, fato que corrobora a tese central desse artigo de que os elevados níveis de produto, dos lucros e as taxas de lucro - que ainda confundem alguns analistas - não passam de bolhas sem a contrapartida de valor real, aspecto que será abordado mais adiante neste mesmo artigo. Vejamos agora a Figura 4, abaixo.

Figura 4  
Taxa bruta de lucro nos Estados Unidos  
(Fonte dos Dados: OCDE, 2002).



<sup>7</sup> Beinstein, JORGE - Rostos da crise: reflexões sobre o colapso da civilização burguesa - [www.resistir.info](http://www.resistir.info). 2009.

Tomemos os dados da economia norte-americana, que é, pela sua condição de epicentro da acumulação e da crise, a mais representativa das tendências do conjunto da economia mundial. Observa-se que a evolução do PIB no mundo (Figura 1) tem a mesma estrutura do PIB dos EUA. A taxa bruta de lucro nos Estados Unidos declinou fortemente da segunda metade dos anos 1960 aos anos iniciais da década de 1980, quando recuou, no intervalo, em 70 pontos, ou seja, da referência 170 para 100 do mesmo referencial. Passou a crescer, a partir daí, até o ano de 1996, quando então ocorreu uma nova desaceleração, passando por uma nova subida, entre 2001 e 2005, voltando a experimentar a queda brusca que culminou com a avalanche depressiva de agora. Como o gráfico deixa meridianamente claro, o derradeiro pico para cima de peso da taxa de lucro aconteceu em torno dos anos que vão de 1966 a 1968, correspondendo ao último pico para cima do embalo dos "anos de ouro", e que não mais será repetido. De fato, o segundo pico para cima, já situado no processo de crise atual, é muito mais baixo do que o pico dos anos 1960. Nos anos que vão de 2001 a 2005 um novo pico para cima ocorreu, porém, como o que o antecedeu, também não alcançou a performance anterior. Depois desse pico do ano de 2005, que não aparece no gráfico, já se sabe: a tendência à queda, assinalada pelas posições declinantes verificadas entre 1968 e 1996 e entre 1996 e agora, revela um movimento de desaceleração que inclina a linha de queda tendencial para patamares de uma depressão que certamente é muito mais larga e pro-

funda do que a dos anos 1920-1930 - malgrado os escorchantes expedientes de expropriação da mais-valia (em parte da mais-valia relativa<sup>8</sup>, com o emprego da informática e da robótica, em parte, da mais-valia absoluta, resultante do arrocho salarial e da super-exploração do trabalho pelo capital às expensas da reestruturação produtiva e das reformas neoliberais implantados, que ganham velocidade nomeadamente a partir dos anos 1990). A mesma tendência de queda da taxa de lucro se confirma se observarmos o aparecimento dos picos para baixo experimentados pela economia ianque: o pico para baixo, experimentado no ano de 1981, é mais forte do que o último deixado pelos anos 1960-1970 e o que está sendo experimentado agora é muito mais grave do que os que lhe antecedem. Recapitulando: tomando-se o índice 140 para representar a taxa de lucro no ano de 1960, a taxa de lucro atinge o seu máximo, 170, entre os anos de 1963 e 1966. O segundo pico para cima, de apenas 130 (40 pontos mais abaixo do que lhe antecede), ocorrerá em 1972, um terceiro, algo em torno de

---

<sup>8</sup> Mais-valia, mais valia absoluta e mais-valia relativa. Já vimos o que é a mais-valia: aquela parcela do valor criado pelo trabalhador que é retida pelo capitalista e que será a fonte do lucro do capital. Quando o incremento da mais-valia é obtido pelo mero prolongamento da jornada de trabalho ou pela intensificação do ritmo do trabalho, tem-se a coleta da mais-valia absoluta. Quando esse incremento resulta do emprego de tecnologia, isto é, em função do aumento da produtividade do trabalho, tem-se a coleta da mais-valia relativa. O limite da coleta da mais-valia absoluta é de natureza física: num caso, porque a jornada de trabalho não pode ultrapassar do seu nível teórico, de 24 horas, no outro, porque a velocidade do ritmo de trabalho pode levar o trabalhador à mais completa exaustão. Já o limite da coleta da mais-valia relativa é dado pelo esgotamento do padrão tecnológico, que pode ser ultrapassado por um outro padrão tecnológico novo e superior.

120 (50 pontos abaixo), entre os anos de 1975 e 1978, outro dos mesmos 120, entre os anos 1987 e 1990, e um no entorno de 130 (40 pontos abaixo do pico de 170 dos "anos dourados"), entre os anos de 1996 e 1999.

Os movimentos de picos para cima da taxa de lucro média da economia americana, que ocorrem entre esses marcos definidores do processo geral de queda da taxa de lucro - como os que acontecem entre 1984 e 1996 e entre 2001 e 2005 - não conseguem, todavia, se igualar aos níveis alcançados nos anos 1960. Isso tem uma implicação muito importante, a saber: mantida constante a correlação entre a taxa de lucro e a taxa de acumulação - no caso em questão essa correlação se manteve aproximadamente constante durante um certo tempo (Figura 4), para um nível dado da pletora de capital acumulado num determinado momento, *verbi gracia*, o momento do último pico dos anos 1960, com a referência do índice máximo de 170, da escala da Fig. 3 -, a isso deve corresponder um nível determinado da taxa de lucro, e se essa taxa de lucro não consegue se nivelar, *ex-post*, à mais alta taxa de lucro anteriormente verificada, ou seja, à que correspondeu ao maior nível do PIB e da acumulação, então não restam dúvidas de que as taxas de lucro alcançadas pela economia americana pós-anos 1970 foram insuficientes para mobilizar a enorme massa de trabalho morto<sup>9</sup> acumulado do pós-guerra até os anos 1963-1966,

---

<sup>9</sup> Trabalho morto e trabalho vivo. O trabalho com o qual o padeiro está produzindo pão é trabalho vivo, ao passo que as matérias-primas, o forno e as instalações industriais que esse mesmo trabalhador manipula para a produzir "o pão nosso de cada dia"- que foram produzidos fora da padaria e em

sobretudo a parte fixa do mesmo, representada por uma quantidade de máquinas e instalações industriais jamais de longe imitada por qualquer época anterior em toda a história da humanidade.

Ademais, nos 20 anos, transcorridos entre 1961 e 1981, a capacidade instalada da economia permaneceu constante, porque, como se sabe, o capital fixo, o componente decisivo do capital constante, não se evapora e nem foi ampliado posteriormente em nenhum momento - ainda que possa padecer de uma certa e relativa "velhice". Por outro lado, a estreita correlação existente entre as taxas de lucro, da acumulação e do produto se mantém solidária na queda durante esses 14 ou 15 anos (os dados levam a supor que a mais-valia arrecadada era ainda convertida basicamente na acumulação produtiva). Ora, com base nesses pressupostos, fica muito claro que a manutenção das taxas de acumulação e do produto deixadas pela situação, por volta do ano de 1966, só poderiam ser sustentadas com uma taxa de lucro no mínimo igual à que vigia nesses anos, e que, portanto, a taxa de lucro decréscida não era adequada para arrastar a pletora de capital físico existente, alcançada por volta de 1966 e herdada da fase de boom da onda longa do pós-guerra.

---

outras ocasiões por outros trabalhadores -, é trabalho morto. No valor do pão estão computados os valores das matérias-primas, da depreciação das máquinas e instalações industriais da padaria (que representam trabalho morto), mais os que correspondem aos salários dos padeiros e da mais-valia (que representam trabalho vivo), sendo que o valor-soma do trabalho morto é valor que é transferido pelo padeiro ao valor do pão, enquanto que o trabalho vivo, com o qual o padeiro transforma aquelas matérias-primas, etc., em pão, é valor novo - que se divide em duas partes: valor-salário e valor-mais-valia.



O que ocorre é que esse tipo de análise tem de considerar a que níveis de produto e acumulação uma determinada taxa de lucro deve corresponder - e fica evidente que, depois de armazenar um máximo de capital fixo no ano 1966, ao que corresponderam as mais elevadas taxas de acumulação e do produto mantidas pela mais elevada taxa de lucro, os lucros realizados em todos os anos posteriores não se colocaram no nível necessário para assegurar a atividade dos "anos dourados".

Não é por outro motivo, lembrado seja, que em momento algum a economia americana e mundial deixou de operar com uma margem de capacidade ociosa nada desprezível<sup>10</sup>. A primeira façanha é muito mais fácil do que a segunda, porque pode ser alcançada com uma taxa de lucro menor, mas a segunda exige muito mais. É aqui que se percebe com maior nitidez

---

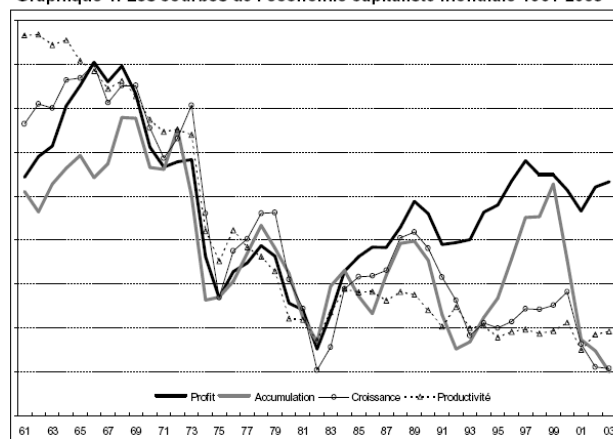
<sup>10</sup> A exceção se faz basicamente no caso da China, que alargou todas as fronteiras de capital fixo implantadas, criando e reproduzindo uma capacidade instalada recorde a cada ano - mas que, não obstante influir em alguma medida, não o faz com a força de decisão dos EUA. Nem mesmo o Brasil, que é comumente citado, junto com a Índia e a mesma China, como a trinca de "super-emergentes" debutantes e candidatos a fazer parte da "Comissão de Frente" do "Bloco dos 20", logrou eliminar uma capacidade ociosa que está posta praticamente desde o "Milagre", o que não quer dizer que não tenha repostado parcelas desse volumoso capital fixo na base de tecnologias mais atuais (é perfeitamente possível "modernizar" uma parcela do capital instalado sem que se tenha absorvido a capacidade ociosa da totalidade desse capital, fato que apenas agrava a pressão da composição orgânica do capital sobre a taxa de lucro). Deixamos de mencionar a situação da Índia, a tal respeito, por não dispormos de dados. No que se refere à China, as previsões e os indícios apontam para a formação de algum nível de ociosidade no seu aparelho produtivo, a julgar pela desaceleração da atividade econômica desse país.

o quão insuficiente tem sido a taxa de lucro para manter a reprodução ampliada do capital à escala. Ora, a bem da verdade, nem mesmo a proeza mais fácil foi realizada pela economia americana ou pela economia mundial - ou seja, nem para um crescimento que aproveitasse a cobertura da capacidade ociosa se obteve uma taxa de lucro adequada.

Tomemos, para análise, os dados da Figura 5, fornecidos pela OCDE.

Figura 5

Graphique 1. Les courbes de l'économie capitaliste mondiale 1961-2003



Moyennes pondérées selon le PIB pour le ((G6)) (Etats-Unis, Japon, Royaume-Uni, Italie)  
Source: OCDE, Perspectives économiques, 2003

Nela estão correlacionadas quatro tendências que cobrem as performances dos lucros, da acumulação, do PIB e da produtividade nas vastas conjunturas que ocorrem nos últimos 50 anos, incluindo o período de boom que antecede à crise dos finais dos anos 1960 e inícios da década de 1970. Duas tendências se mani-

festam de modo diferenciado: a primeira, já analisada nos parágrafos anteriores, acontece no início da fase recessiva do ciclo de onda longa do pós-guerra, que, como se pode ver pelos dados, ocorre numa estreita correlação entre as quedas nos quatro itens (a queda do produto está estreitamente relacionada com as quedas da produtividade, da acumulação e dos lucros); a segunda passa a acontecer a partir do ano de 1981, quando se verifica claramente uma crescente disjunção entre as performances em tela, principalmente entre os lucros e a acumulação. Analisemos com vagar os dados. Em todos os anos que vão de 1981 a 2001, o crescimento dos lucros se sobrepõe ao dos demais fatores<sup>11</sup>. Os lucros crescem inclusive nos intervalos de tempo de 1989 a 1991 e de 2000 a 2003, nos quais os elevados lucros obtidos não se traduzem em acumulação. Surgem as inarredáveis perguntas: Por que a taxa de lucro cai? Por que se dá tal disjunção? Para onde foram os lucros? Por que não foram convertidos numa acumulação regular e sistemática que fundamentasse um novo ciclo de acumulação duradouro, etc.?

A que se deveu a queda da taxa de lucro nos EUA,

---

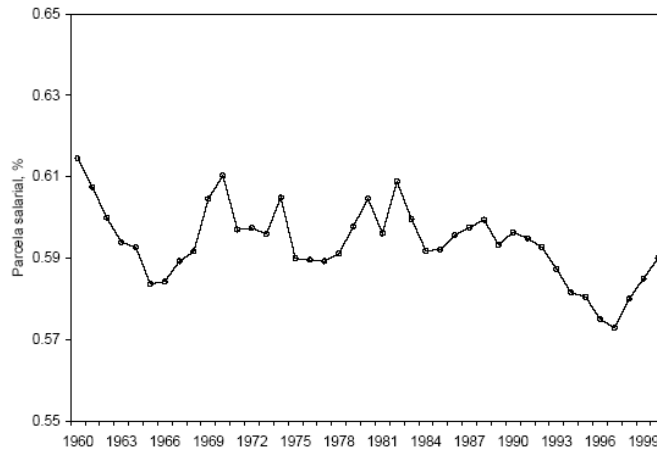
<sup>11</sup> Uma ressalva importantíssima: como a contabilidade nacional, elaborada pelas instituições estatísticas burguesas, incluem no PIB o "valor" - como dizem, o "produto" - das transações financeiras e, no cálculo dos lucros, os ganhos efetuados com os juros, segue que os lucros anunciados, que devem incluir também os juros ganhos com capital fictício, os lucros obtidos no processo de circulação do capital - D - M...P... M' - devem ser menores ainda. Tais lucros possuem uma bolha puramente especulativa, o que não passa de mais uma malandragem dos economistas burgueses. Em suma, os lucros que são formados de valor-trabalho devem ser muito menores, o que só faz dar mais consistência às nossas análises.

no período em questão? Considerando que, conforme explicou Mandel inúmeras vezes, o consumo matemático se em alta em todas as vésperas da detonação de uma crise, e que, por conseguinte, a baixa do consumo só acontece algum tempo depois, quando é grande o desemprego e o decréscimo dos salários, infere-se que não há porque buscar a causa da primeira queda da taxa de lucro numa suposta retração da demanda solvável, mas em outro campo. Considerando também que não é a queda do ritmo da acumulação e do produto-valor que causa a queda da taxa de lucro, mas, ao contrário, é a queda da taxa de lucro que acarreta a queda da taxa de acumulação e do produto-valor - termos nos quais a taxa de lucro é que é variável independente -, somos obrigados a buscar a causa da queda da taxa de lucro tanto fora do mercado como dos dois fenômenos logo acima analisados. Só existe uma única causa para explicar o declínio da taxa de lucro, e esta queda deve ser creditada à taxa de mais-valia - que cai exatamente quando a composição orgânica do capital<sup>12</sup> se encontra no nível máximo e em circunstâncias nas quais a produtividade está em baixa. De maneira que é na taxa de salário que se deve buscar a explicação dos fatos.

---

<sup>12</sup> Composição orgânica do capital. Ela se expressa por  $c/v$ , sendo  $c$  o conjunto de gastos efetuados com os componentes físicos do capital constante - ou seja, com matérias-primas, matérias auxiliares, máquinas, instalações (edifícios, etc.) - e  $v$  o conjunto de gastos efetuados com capital variável (salários e outras formas de pagamento feitas aos trabalhadores no âmbito da fábrica). Para ilustrar, uma  $c/v = 100\%$ , ou de  $1/1$ , significa que para cada tostão gasto com o trabalho, o capitalista gasta 1 tostão com máquinas, etc.; para uma  $c/v$  de  $10.000\%$ , ou  $10.000/10 = 1000/1$  significa que para cada 1 tostão gasto

Figura 6  
Movimento dos salários nos EUA



Examinemos, portanto, o movimento dos salários na economia norte-americana no período em tela e con-

---

efetuado com salários, etc., o capitalista gasta 1.000 tostões com máquinas, equipamentos, etc. A tendência da  $c/v$  é se elevar, ou seja, é de que os capitalistas gastem crescentemente mais com máquinas, etc., do que com trabalhador; ou por outra, com a elevação da  $c/v$  opera-se a substituição de trabalho humano por máquinas, vale dizer, de trabalho vivo por trabalho morto. Elevando-se a  $c/v$ , eleva-se, portanto, a produtividade; porém, por motivos cuja explicação ultrapassaria o espaço disponível num artigo pequeno como o que o leitor tem em mãos (poderemos discutir a questão numa outra oportunidade), o crescimento da composição orgânica do capital,  $c/v$ , resulta numa queda tendencial da taxa de lucro - que constitui um dos movimentos mais importantes e decisivos para o funcionamento do capitalismo, sobretudo das crises do referido modo de produção. Basta observar a relação  $c/v$  para se concluir que uma proporção muito avantajada do  $c$  em relação ao  $v$  implica numa brutal capacidade produtiva no contraponto de um reduzido número de trabalhadores, ou, o que é a mesma coisa, que um pequeno número de trabalhadores pode representar, a um só tempo, uma massa de fornecedores de mais-valia e de consumidores de mercadorias muito menor do que seria necessário para alavancar o movimento da massa de trabalho morto acumulado - problema que está na raiz das crises de superprodução do sistema capitalista.

forme é apresentado na Figura 6. Note-se que os lucros permanecem em elevação, não obstante a produtividade estar em forte queda durante praticamente todo o período entre os anos 1960 a 2003 - sobretudo nos anos pós-1981 -, o que só pode significar que o crescimento dos lucros advindos no caso do processo produtivo deve ser creditado principalmente à coleta da mais-valia absoluta, além de operações especulativas com capital fictício - ainda que uma parcela dos lucros acumulados durante esse mesmo período de disjunção a que fizemos referência vão ser aplicados em efetiva acumulação nos anos de boom de parte da década de 1990, sendo que, neste caso, os lucros realizados se devem, também, como é sabido, às tecnologias da informática. Depois do ano de 2000, a disjunção aumenta bruscamente. Em suma, em todos esses anos os lucros cresceram mais do que os demais fatores e em todos eles foram logrados combinando mais-valia absoluta, em primeiro plano - o que não parece ser nenhuma blasfêmia, em se tratando de épocas de re-estruturação produtiva e neoliberalismo extremos -, com mais-valia relativa em segundo plano, e, muito provavelmente num plano maior, operações financeiras com capital fictício (lucros advindo das operações D - D').

Voltemos à Figura 6, que dá uma ideia da involução dos salários no período em tela. Comparando as figuras 5 e 6, pode-se observar algumas inferências que ilustram e corroboram nossos argumentos. Num primeiro plano estão as posições antitéticas dos movi-

mentos dos salários e dos indicadores analisados nos parágrafos anteriores. Com efeito, a grande contração dos salários, encontrada entre os anos 1966 e 1971 - anos que estão situados na crise da década de 1970 -, está na base do boom verificado nos derradeiros anos da onda longa 1945-1975. Quando, a partir dos anos 1971-72, a fase recessiva toma impulso, os salários seguem uma tendência de alta, o que só pode ser explicada pela queda da taxa de mais-valia relativa em função da queda da produtividade, que é forte também, motivo de sobra para a aplicação de duas grandes contratendências: a reestruturação produtiva e o neoliberalismo .

O mais notável é que os salários sofrem enorme queda nos anos pós-1981, atingindo queda máxima no ano de 1996. Como a produtividade estava em queda - que atinge o maior grau nos anos 1990, 2000 e 2001 -, a coleta de mais-valia relativa também estava em declínio, e aí só existe uma inferência a ser tirada da análise dos fatos: a taxa de lucro se eleva, dos anos 1991 em diante, por intermédio da coleta da mais-valia absoluta e por conta dos lucros realizados na esfera da especulação. Não existe mistério algum nisso, de vez que é nesse período que entra em cena com o máximo vigor a dobradinha reestruturação produtiva/neoliberalismo, dando vazão à máxima desregulamentação dos mercados financeiros e das relações trabalho-capital. Os dados falam por si sós: é nos anos entre 1990 e 1996 que os salários sofrem a queda mais brusca de todos os anos cobertos pelos

dados, como é também nesses anos que a acumulação atinge seu ponto máximo no período 1983-2003. Como a mais-valia relativa deixou de ser a fonte principal e como se registra um descolamento acentuado entre a taxa de lucro e a acumulação, só resta uma explicação plausível para o movimento de capitais nesse período: a taxa de lucro volta a crescer em função da desqualificação da força de trabalho e da acumulação financeira, e esta acumulação - acumulação-bolha -, é que vai caracterizar o período de decadência máxima de toda a ordem do capital.

Agora vem a outra pergunta: para onde foram essas massas de lucro, sobretudo depois dos anos 2001-2005, quando a disjunção entre lucros e acumulação produtiva atingiu o estado de paroxismo? Não é necessário ser nenhum Keynes para "adivinhar" o paradeiro dessa massa de lucros; basta consultar os anais da assim chamada "crise do subprime" para conhecer os endereços dos sorvedouros de tais lucros - os endereços dos hedge funds, dos bancos e instituições financeiras que praticaram uma monumental orgia napoleônica com trilhões de dólares que abandonaram a economia real na busca de lucro fácil.

Agora a última pergunta se impõe: por que esses lucros não foram investidos na economia real? É preciso convir que os trilhões de dólares circulados - que inflam os verdadeiros lucros constituídos de valor-trabalho - na ciranda financeira não só não existiram sempre como podem ter crescido a partir da transferência de uma massa inicial oriunda dos ramos pro-



ditivos nos quais os investimentos não compensavam mais e que cresceram a partir da dinâmica do próprio setor financeiro (cuja dinâmica obrigou a emissão de moeda em quantidades astronômicas) e que finalmente corresponderam, como se sabe, em bolhas de "valor" puramente fictício. Nada do que aconteceu - que é, como cremos, o que acabamos de descrever - nega, antes confirma, a tese de que tudo isso aconteceu por conta de uma crise que resulta da queda da taxa de lucro da economia produtiva mundial, que se deu por conta do brutal crescimento da composição orgânica do capital, pelo estiolamento das contratendências disparadas pelo capital, que tornou essas taxas de lucro incompatíveis alavancas da continuidade da reprodução ampliada do capital pós-anos 1970 - combinada com a retração do mercado de consumo resultante da extrema concentração da renda, das políticas neoliberais e do desemprego que a própria crise produz e reproduz como resultado e pressuposto.

Há, pois, em suma, quatro décadas que o capital, lançando mãos da reestruturação produtiva, vem tentando explorar mais-valia e, não obstante esse brutal empenho, não consegue arremeter sinalizando um ciclo de onda longa como o anterior (de 1945 a 1975). Durante essas décadas, o máximo que ele tem conseguido são ciclos de curta duração, cada vez menores, que logo se esgotam, deixando atrás de si problemas cada vez maiores para os quais não tem logrado nenhuma solução: desemprego estrutural, rebaixamento extremo dos salários em condições de trabalho

precaríssimas, violência atingindo níveis e dimensões absolutamente sem paralelo em toda a história, etc., etc. Ou seja, aquela recuperação dos níveis de emprego, dos salários, de algumas modalidades de assistência social que, de certa forma, voltava a existir a cada novo ciclo de expansão, desde os anos 1970, não se vê mais.

O que está na base dessa manifesta incapacidade do capital de recuperar a economia? Podemos reiterar a linha de entendimento que desenvolvemos no presente escrito e que pode ser resumidamente apresentada nos seguintes termos: a) do lado da produção, o trabalho morto (capacidade física de produção) acumulado até a crise dos "anos dourados" atingiu tal ordem de grandeza e, em posição antitética, o trabalho vivo (o exército de trabalhadores ativos) tornou-se tão insuficiente para mobilizá-lo que, por um lado, já não pode mais oferecer massas e taxas de mais-valia compatíveis com uma robusta taxa de lucro compatível com a mobilização da força produtiva acumulada; b) do lado do mercado, já se coloca com um espaço de longe insuficiente para absorver a torrente de mercadorias que a economia mundial está fisicamente em condições de ofertar. Em função desse malogro, o capital transfere-se para a acumulação-bolha, que também não constitui uma saída e que, pelo contrário, coloca-o numa berlinda muito incômoda: a crise estrutural do capital. Esta contradição, prenunciada por Marx, não resulta de um condicionamento técnico, pois o que está na sua raiz é o grau a que levou

uma produção que possui uma vasta dimensão social em confronto com o caráter privado que ostenta. Noutras palavras, o que está no centro desta, que se coloca como a contradição central da produção capitalista hoje, é a insuperável contradição entre as imensas forças produtivas e as relações de produção de um capitalismo que amarga seus piores momentos de decadência em curso.

É esse conflito que faz com que o capital não reencontre a saída que um bando de alegres literatos de quinta categoria vive a apregoar; que faz com que os bilhões de dólares lançados na conta de bancos e empresas falidas sejam vorazmente engolidos pelo dragão da crise, sem nem de longe apontar para "o fortalecimento do crédito ao consumidor e ao produtor", como é reiteradamente anunciado. Para esses resta um lembrete que ficaria muito bem se colocado no umbral da moradia que se situa na Avenida Pensilvânia, número 1600, Washington D.C.: *acta est fabula*.

## **Marx e Rosa Luxemburgo: os erros da revolucionária sobre a análise de Marx**

Rosa Luxemburgo redigiu sua obra *A Acumulação do Capital* porque sua leitura de Marx não lhe havia permitido compreender nem "o problema da produção capitalista nas suas relações concretas" nem "seus limites objetivos históricos". Apoiando-se sobre o que ela considerava ser "as contradições do esquema de reprodução ampliada", tal como nos livros II e III de *O Capital*, ela desenvolveu outra análise da expansão capitalista, diferente daquela elaborada por Marx<sup>1</sup>. Uma leitura correta deste último mostra claramente os múltiplos erros de Rosa acerca da análise econômica de Marx. É o que tentaremos evidenciar, ainda que de maneira sucinta, no presente artigo.

---

<sup>1</sup> LUXEMBURG, Rosa. *A Acumulação do Capital/Anticrítica*, Nova Cultural, 1985. O presente artigo é produto de uma troca de ideias e opiniões com um militante de outro continente.

## A posição de Rosa Luxemburgo

Para Rosa, a esfera propriamente capitalista só pode assegurar de fato a reprodução simples, mas não a reprodução ampliada. O capitalismo puro não comporta a demanda social que lhe permitiria realizar o objetivo de sua acumulação ampliada: a capitalização da mais-valia adicional. Dito de outra forma, ele é confrontado com uma superprodução permanente em relação aos seus meios internos de realização. A resposta de Rosa é que essa demanda seria fornecida “de fora” por compradores. Na sua obra *A Acumulação do Capital*, Rosa prognostica:

[...] a parte da mais-valia destinada à realização deve ser realizada 'do exterior'. [...] O capital sem emprego não tinha a possibilidade de acumular em seu país de origem devido à falta de procura dos produtos adicionais [...]. A acumulação capitalista tem necessidade de se mover em direção a formações sociais não capitalistas ao redor dela, ela se desenvolve por meio de trocas constantes com essas relações e não pode subsistir sem um contato com tal meio.

Ora, os tais meios existiam em quantidade limitada e foram arruinados progressivamente. Isso engendra, ainda segundo Rosa, crises periódicas de superprodução que o capitalismo supera por meio de uma extensão do mercado mundial e de suas relações de produção dependentes da esfera extracapitalista. Entretanto, a certo momento, essa esfera torna-se relativamente insuficiente em relação às necessidades da

acumulação à escala mundial. Essa inflexão levaria à abertura da fase de decadência do capitalismo, inaugurada pelo primeiro conflito mundial. Rosa dizia que as tais zonas extracapitalistas, embora ainda fossem geograficamente abundantes no início do século XX, não representavam mais um mercado suficiente, em valor, para assegurar uma expansão normal do capitalismo tal como existira no século XIX. Era esse então, para Rosa, o fundamento econômico da entrada do capitalismo em decadência no momento da Primeira Guerra Mundial.

Na lógica econômica de Rosa, quanto mais o capitalismo substituísse os modos de produção anteriores mais se tornariam estreitos os limites do mercado e mais problemas causariam à necessidade de expansão das empresas capitalistas existentes. Expandir ou ampliar, portanto, era algo que o capitalismo só poderia fazer para fora de si mesmo, açambarcando mercados de "fora do capitalismo", ou, na sua terminologia, extracapitalistas. Só que à medida que fazia isso, estaria cavando o seu próprio fim, já que chegaria o momento em que as travas para o crescimento seriam maiores do que a sua capacidade de manter a expansão. Era esse freio no crescimento das forças produtivas o que caracterizaria a decadência do capitalismo. O desmoronamento catastrófico do sistema capitalista seria, dessa maneira, irreversível, já que seria impossível a continuidade da acumulação, sobretudo à medida que aumentasse o número de países capitalistas na disputa por territórios de acumulação. A si-

tuação ficaria cada vez mais grave à medida que ficassem restritos os territórios que ainda estavam disponíveis para a acumulação capitalista, o que levaria a lutas mais violentas e a catástrofes econômicas e políticas<sup>2</sup>.

Essa nova visão da dinâmica e das contradições do capitalismo constituiria, segundo Rosa, a solução das contradições existentes na obra de Marx. Mas o desenvolvimento do capitalismo na sua lógica econômica não se deu segundo os pressupostos teóricos da revolucionária alemã. Não apenas cada uma das teses de Rosa é contrária à análise desenvolvida pelos fundadores do marxismo, mas também elas não correspondem à realidade do desenvolvimento histórico do sistema capitalista. Teórica e empiricamente, a concepção de Rosa tem-se mostrado inadequada para compreender a dinâmica e as contradições do capitalismo. Jogar alguma luz sobre essa discussão é o que nos propomos a fazer daqui por diante neste artigo.

### **Uma concepção incoerente da acumulação ampliada**

Em Rosa, como dissemos, apenas os mercados extracapitalistas ofereceriam a possibilidade de realizar a mais-valia necessária à ampliação do capitalismo. Essa é uma de suas mais caras teses acerca do

---

<sup>2</sup> Anticrítica, ensaio publicado como apêndice de edições posteriores de *A Acumulação do Capital*.

desenvolvimento econômico:

Para que a acumulação possa ter lugar, os capitalistas devem encontrar em outros lugares os compradores para a porção de mercadorias que porta o lucro destinado à acumulação; esses compradores devem ter os meios de pagamento provenientes de uma fonte autônoma e não impregnada pelas relações capitalistas... Deve tratar-se de compradores que procuram meios de pagamento graças a um sistema de troca de mercadorias, por conseguinte, sobre uma base de produção de mercadorias, e esta produção deve necessariamente se encontrar no exterior do sistema capitalista de produção.<sup>3</sup>

Rosa ilustra aqui sua incompreensão das principais razões pelas quais Marx explicitamente retirou de sua análise as trocas com os setores não-capitalistas, tendo ele em sua argumentação lógica considerado esse sistema exclusivamente composto de operários e capitalistas. Isso não decorre de uma simples razão metodológica, mas, antes de tudo, porque ele demonstrou que essas trocas não são necessárias para compreender a acumulação ampliada; nem são verdadeiramente indispensáveis, senão na fase da acumulação primitiva, "da gênese do capital"; e que a crise, a "tendência à superprodução", não advém, de modo algum, da insuficiência dos mercados extracapitalistas, mas, antes de tudo, "da relação imediata do capital" no seio do capitalismo puro.

Efetivamente, para ampliar, o capitalismo tem a necessidade de encontrar à disposição sobre o seu pró-

---

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. Anticrítica.



prio mercado todos os meios materiais modernos e eficientes necessários para a sua ampliação. Dito de outra forma, as vendas extracapitalistas correspondem a uma saída do circuito de acumulação, e as compras na esfera da pequena produção mercantil são incapazes de lhe fornecer todos os meios materiais novos e competitivos necessários ao seu crescimento ampliado. São essas as principais razões pelas quais Marx excluiu categoricamente os mercados extracapitalistas de sua análise.

Com efeito, se o capitalismo vende suas mercadorias fora de sua esfera vai dispor do dinheiro correspondente àquelas vendas, mas deixa de dispor dos meios materiais necessários para a sua expansão (bens de consumo, máquinas, meios de transporte, etc.). Esses não estariam mais disponíveis, pois seriam consumidos ou incorporados na esfera não capitalista. Eles seriam, de resto, de modo geral, bens baratos, máquinas cujas patentes já teriam caído no domínio público e, sobretudo, bens que respondem à demanda local e não às necessidades materiais de expansão do capitalismo, como reconhece a própria Rosa Luxemburgo.

Desde que nós admitimos que a mais-valia é realizada no exterior da produção capitalista, nós admitimos também que a sua forma material não está ligada às necessidades da produção capitalista. Sua forma material responde às necessidades dos meios extracapitalistas que o ajudam a realizar.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. A Acumulação do Capital.

O capitalismo não pode, por conseguinte, encontrar nessas mercadorias, já obsoletas e concebidas para responder à demanda dos pequenos produtores mercantis, os bens modernos e tecnologicamente avançados necessários à sua ampliação. Nenhum fato econômico, nenhum processo histórico, nenhuma passagem nem de Marx nem de Rosa atestam, de resto, qualquer movimento de retorno dessas mercadorias inicialmente vendidas na esfera extracapitalista de volta ao "capitalismo puro" a fim de lhe assegurar os meios materiais necessários ao seu desenvolvimento.

Seria então a produção localizada da esfera extracapitalista que poderia oferecer os meios materiais necessários à produção ampliada do capitalismo? Em outras palavras, o dinheiro proveniente da venda de mercadorias sobre esses mercados serviria então para comprar os meios materiais necessários para a ampliação do capitalismo puro. É o que Rosa tenta argumentar no capítulo 26 de sua obra. Sem dúvida é inegável que o capitalismo encontrou certos bens úteis à sua ampliação: matérias-primas, bens de consumo e, sobretudo, a mão-de-obra adicional. Entretanto, contrariamente ao que pensava Rosa, numerosos bens foram rapidamente produzidos localmente por empresas capitalistas empregando assalariados. A troca, por conseguinte, tornou-se rapidamente interna ao capitalismo puro. No entanto, mais importante ainda, para a particularidade da ampliação da acumulação, foi que passou também a se tratar de bens modernos e eficientes.

Certamente a esfera da pequena produção mercan-

til era incapaz de produzir tal proeza. Na verdade, é difícil ver artesãos e camponeses providenciar as linhas de montagem robotizadas, máquinas em grande número e os meios de transportes modernos que pudessem levar à ampliação da acumulação do capitalismo puro. Essa esfera do comércio se caracteriza por uma venda de bens de produção e compra de bens de consumo, ou seja, é o inverso do que postula a teoria de Rosa, como mostraremos mais adiante.

Uma primeira conclusão se impõe: Rosa Luxemburgo faz da demanda social externa ao capitalismo puro o motor de sua acumulação, e da produção local a fonte dos meios materiais da reprodução ampliada. Ora, Marx demonstra que essas vendas correspondem a uma saída do circuito de acumulação e que o capitalismo não pode encontrar no seio da pequena produção mercantil os meios materiais modernos e eficientes requeridos para a sua ampliação. Tais são os fundamentos teóricos da exclusão dessa esfera por Marx. A teoria de Rosa Luxemburgo, nesse aspecto, não oferece nenhuma análise coerente da acumulação ampliada, nem uma explicação satisfatória da origem de seus meios materiais.

### **A história concreta do desenvolvimento capitalista desmente a visão luxemburguista da acumulação**

Seguindo Rosa, os defensores da visão luxemburguista da acumulação apresentam a sua ca-

pacidade suposta de explicar a história do capitalismo de modo coerente: sua expansão, a destruição e integração das zonas extracapitalistas, o imperialismo, etc. Ela dizia que "o esquema de Marx da reprodução ampliada não conseguia nos explicar o processo da acumulação tal como existiu na realidade histórica"<sup>5</sup>. Não apenas essa coerência prometida por Rosa é bastante peculiar, mas a história real do desenvolvimento capitalista traz um contundente desmentido das principais teses originadas por Rosa Luxemburgo em sua análise. Vejamos alguns desses desmentidos:

### **1) Os mercados extracapitalistas freiam a acumulação do capital em lugar de estimulá-la**

Conceber, como defende Marx, que as vendas extracapitalistas correspondem a uma saída do circuito de acumulação, permite compreender porque foram os países que dispunham de um vasto império colonial que conheceram as taxas de crescimento mais fracas, enquanto aqueles que vendiam nos mercados capitalistas tiveram taxas bem superiores. Com efeito, ao invés de estimular a acumulação, como pensava Rosa, e ainda pensam muitos dos seus seguidores, as vendas nos mercados extracapitalistas a freiam. Isso se verificou em toda a história do capitalismo e, em particular, nos momentos onde as colônias jogavam, ou deveriam jogar, o papel mais importante.

No século XIX, quando houve uma maior interven-

---

<sup>5</sup> \_\_\_\_ . A Acumulação do Capital

ção dos mercados coloniais, os países capitalistas não-coloniais conheceram crescimento quase duas vezes mais rápido que as potências coloniais. As cifras do crescimento do PIB por habitante entre 1870 e 1913 são: Países coloniais: Grã-Bretanha (1,01%), França (1,45%), Holanda (0,9%), Espanha (1,15%), Portugal (0,52%). Países não-coloniais: Estados Unidos (1,82%), Alemanha (1,63%), Suécia (1,46%), Suíça (1,55%), Dinamarca (1,57%)<sup>6</sup>. A média das taxas de crescimento de cada um dos dois grupos mostra que os países coloniais conheceram um crescimento quase duas vezes mais fraco do que os outros. A realidade, então, corresponde à visão de Marx da acumulação e é contrária à teoria econômica de Rosa Luxemburgo.

## **2) Um esquema teórico que não corresponde à realidade**

Todo o raciocínio de Rosa conduz a um "déficit dos meios de produção" e a um "excedente invendável dos meios de consumo". Ela conclui, por conseguinte, que são estes últimos que devem ser escoados para os mercados extracapitalistas e por lá serem comprados. Ora, os países desenvolvidos exportam principalmente bens de produção ao Terceiro Mundo, bens manufaturados, e importam os bens de consumo. Em boa parte do século XX, as exportações de quase todos os países do Terceiro Mundo foram em absoluta maioria compostas por produtos primários, ou seja, exatamente o contrário do que previa a teoria de Rosa. Isso vem formalmente desmentir a sua tentativa de fundar no

---

<sup>6</sup> MADDISON, Angus. *L'économie mondiale*, OCDE, 2001, p.284

comércio com a esfera da pequena produção mercantil a origem dos meios materiais necessários para a ampliação do capitalismo puro. Mais uma vez o esquema teórico pensado pela revolucionária Rosa entrou em contraposição com o desenvolvimento histórico real.

### **3) Uma grave subestimação da lei da baixa tendencial da taxa de lucro e dos ciclos econômicos para explicar as crises**

Ao colocar a origem da dinâmica do capitalismo na demanda dos mercados extracapitalistas, Rosa seria levada a uma grave subestimação da importância da lei da baixa tendencial da taxa de lucro e a negar qualquer noção de ciclos econômicos. Assim, dizia ela, em Reforma Social ou Revolução, que "correria muita água debaixo da ponte antes que a baixa da taxa de lucro viesse provocar o desmoronamento do capitalismo" e que

A fórmula do período decenal, fechando todo o ciclo da indústria capitalista, era para Marx e Engels, nos anos 60 e 70, uma simples constatação dos fatos: esses fatos não correspondiam a uma lei natural, mas a uma série de circunstâncias históricas determinadas; estavam ligados à extensão por saltos, da esfera de influência do jovem capitalismo [...]. De cada vez, isso aconteceu pela expansão brusca da economia capitalista que esteve na origem dessas crises comerciais, e não em consequência de limitações do seu âmbito nem do seu esgotamento. A periodicidade decenal dessas crises internacionais é um fato puramente exterior,

um acaso<sup>7</sup>.

Ora, nada mais equivocado, segundo o que nos apontaria o próprio Marx, que mostraria tudo isso de forma muito diferente. A lei da queda tendencial da taxa de lucro foi colocada por Marx como um elemento central para o entendimento da dinâmica em que se desenvolve o capitalismo. Com efeito, ele considerou a lei da baixa tendencial da taxa de lucro como

[...] de todas as leis da economia política moderna, a mais importante que existe. Essencial para a compreensão dos problemas mais difíceis, ela é também a lei mais importante do ponto de vista histórico, uma lei que, apesar de sua simplicidade, nunca foi compreendida até o momento presente e menos ainda enunciada de maneira consciente<sup>8</sup>.

Na verdade, é o peso do capital fixo que está na base dos ciclos decenais e estes no seio de sua análise da acumulação e das crises:

À medida que o valor e a duração do capital fixo envolvido se desenvolvem com o modo de produção capitalista, a vida da indústria e do capital industrial se desenvolvem em cada empresa particular e se prolonga sobre um período, digamos em média de dez anos [...]. Este ciclo de rotações que se encadeiam e se prolongam por uma série de anos, onde o capital é prisioneiro de seu elemento fixo, constitui

---

<sup>7</sup> LUXEMBURG, Rosa. Reforma Social ou Revolução? 1990, Global.

<sup>8</sup> MARX, Karl. Grundrisse. Apud Roman Rosdolsky: Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx, Contraponto, 2001.

uma das bases materiais das crises periódicas<sup>9</sup>

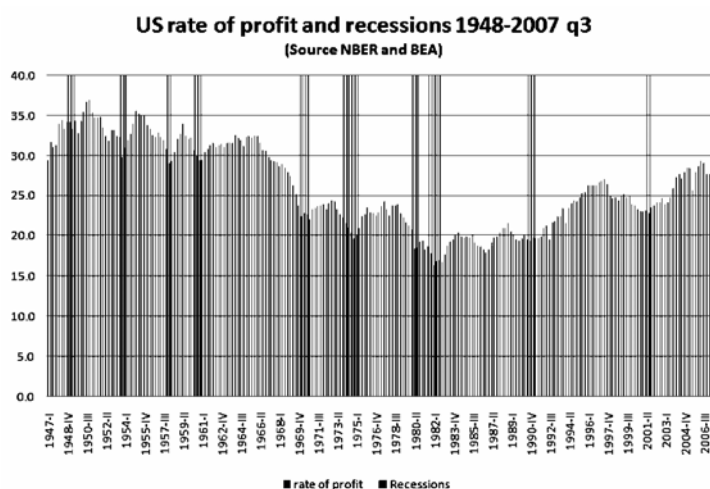
Como vimos, os ciclos decenais, considerados e estudados por Marx, nada tinham de "fato puramente exterior", e muito menos de "acaso". Os 25 ciclos econômicos em dois séculos de capitalismo mostram formalmente a invalidação dessa tese de Rosa. Marx identificou e analisou sete ciclos decenais durante o seu período de vida. A essas evidências históricas mais elementares, o gráfico seguinte busca fazer a demonstração da plena operacionalidade da lei da baixa tendencial da taxa de lucro para compreender a dinâmica do capitalismo, suas contradições e suas crises cíclicas.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_. O Capital, Livro II, segunda sessão - A rotação do capital, capítulo IX A rotação total do capital avançado. Os ciclos de rotação.

<sup>10</sup> Estados Unidos - Taxa de lucro e recessões 1948-2007. Esse gráfico, que mostra a relação entre a taxa de lucros e as recessões nos Estados Unidos entre 1948 e 2007, evidencia muito claramente que a taxa de lucro esteve alta e estável entre 1947 e 1966, que ela caiu entre 1966 e 1982, e que ela voltou a subir entre 1982 e 2007. É sempre o seu ciclo que determina as fases de retomadas e recessões econômicas: entre cada recessão (em vermelho) há uma retomada e depois uma queda da taxa de lucro, e as recessões chegam sempre depois de um período de queda da taxa de lucro. Disponível em: <http://en.internationalism.org/image/tid/458> Data de acesso: 11 de abril de 2009





Como Marx havia analisado, a vida do capitalismo é bem ritmada por uma sucessão de ciclos mais ou menos regulares; cada um deles é composto por uma fase de alta e depois de baixa da taxa de lucro, em meio à qual estoura uma nova crise. Isso também desmente de maneira formal a tese de Rosa que faz depender as crises e a evolução da taxa de lucro essencialmente da saturação dos mercados. Na realidade, como poderíamos explicar a retomada do crescimento da taxa de lucro desde 1982, quando os discípulos de Rosa sustentam que os mercados extracapitalistas estão saturados desde o fim dos anos 1960 e que hoje nós estaríamos perante um "esgotamento total dos mercados extracapitalistas"?<sup>11</sup> Tudo isso remonta,

<sup>11</sup> Revue Internationale, n°133, da Corrente Comunista Internacional. Les causes de la prospérité consécutive à la Seconde Guerre mondiale (debate

mais uma vez, a uma oposição radical entre as análises de Marx e a de Rosa, tal como temos demonstrado.

#### **4) Análise econômica e decadência do capitalismo**

Os discípulos de Rosa gostam de salientar que a sua análise guarda até hoje uma grande coerência para fundar toda uma série de posições políticas e, notadamente, a mais importante dentre elas: a decadência do capitalismo. Para Rosa, o socialismo deveria fundamentar-se não na "injustiça do mundo atual", mas justamente nessa decadência que seria uma espécie de "viga mestre" da necessidade histórica objetiva. O que ela buscava, naquele momento, era uma fundamentação econômica rigorosa para justificar o colapso inevitável do capitalismo. Apesar de querer fazer pender a balança em favor do núcleo revolucionário do marxismo, em contraposição às tendências reformistas da época, a realidade, outra vez, mostrou-se contrária às teses da revolucionária alemã.

Rosa Luxemburgo retomou a questão da entrada em decadência do capitalismo na sequência da fase imperialista para a partilha das "zonas do mundo ainda não capitalistas", durante o último terço da fase ascendente do capitalismo. Em consonância com essa análise, muitas correntes e frações políticas se sentiram inspiradas para anunciar o fim do sistema capita-

---

interno da CCI). Disponível em:[http://fr.internationalism.org/rint133/les\\_causes\\_de\\_la\\_periode\\_de\\_prosperite\\_consecutive\\_a\\_la\\_seconde\\_guerre\\_mondiale.html](http://fr.internationalism.org/rint133/les_causes_de_la_periode_de_prosperite_consecutive_a_la_seconde_guerre_mondiale.html)  
Data de acesso: 11 de abril de 2009.

lista após a Primeira Guerra Mundial. Muitas inscreveram, infelizmente, o seu próprio fim adotando tal visão catastrofista; outros repetiram o mesmo erro estabelecendo um diagnóstico análogo ao momento da crise de 1929. Alguns chegaram a prever a eclosão da terceira guerra mundial, em 1952, a partir desse mesmo tipo de constatação:

O desaparecimento dos mercados extracapitalistas provoca, por conseguinte, uma crise permanente do capitalismo [...]. O mundo capitalista entrou em sua crise permanente: ele não pode mais ampliar a sua produção. Veremos a retumbante confirmação da teoria de Rosa: a restrição dos mercados extracapitalistas leva a uma saturação dos mercados propriamente capitalistas. [...] Na realidade as colônias pararam de representar um mercado extracapitalista para as metrópoles, pois elas se tornaram novos países capitalistas. Elas perderam então a sua característica de mercados [...]. "Nós vivemos num estado de guerra iminente..."<sup>12</sup>.

Essa expressão do catastrofismo, que era filha da trajetória política e econômica de Rosa, foi enunciada no início do que se tornaria a fase mais dinâmica e próspera do capitalismo. Isso não é surpreendente, dado que, como vimos anteriormente, a visão luxemburguista tem engendrado frequentemente análises e previsões bastantes distantes do que se dá na realidade.

Hoje em dia, não apenas os herdeiros da Esquerda

---

<sup>12</sup> Internacjonalismo, n° 46, Revista da Esquerda Comunista da França (1942-1952). Disponível em: [http://www.collectif-smolny.org/article.php?id\\_article=523](http://www.collectif-smolny.org/article.php?id_article=523) Data de acesso: 10 de abril de 2009.

Comunista Francesa não hesitam em recuar um século na mesma constatação de "esgotamento total dos mercados extracapitalistas", mas fazem desses mercados repetidamente anunciados como saturados no passado uma das duas "causas do período de prosperidade consecutivo à Segunda Guerra Mundial".

Assim o mercado solvável que levou ao crescimento dos Trinta Gloriosos foi constituído pela combinação de exploração dos mercados extracapitalistas ainda existentes naquela época, e ao endividamento, à medida que os primeiros deixaram de ser suficientes para absorver toda a oferta<sup>13</sup>.

Essa é, sem dúvida, uma bela confissão de que grande parte das previsões luxemburguistas anteriores se revelaram falsas. A citação acima é bastante singular se levarmos em consideração que os mercados já estavam saturados desde a Primeira Guerra Mundial. Com efeito, não é mais o período imperialista de antes de 1914 que assinala a saturação relativa dos mercados extracapitalistas, como defendia Rosa, mas a crise de 1929 que passou a ser esse marco. Mas então, por qual magia essa insuficiência de mercados extracapitalistas, na base da mais grave crise de superprodução de toda a história do capitalismo, de repente pôde transformar-se em uma potente causa da mais longa e intensa fase de crescimento? Totalmente insuficiente em 1929, a esfera extracapitalista tornou-se subitamente um dos dois fundamentos da prosperidade no curso dos Trinta

---

<sup>13</sup> Revue Internationale, nº133, da Corrente Comunista Internacional

Gloriosos! Como poderia ter-se dado isso?

A magia referida era tão potente que o contexto do entre guerras era de muito fraco crescimento, enquanto que o dos Trinta Gloriosos foi de muito forte crescimento. Portanto, como a insuficiência de mercados no contexto de fraco crescimento de 1929 transformou-se miraculosamente em um fator de prosperidade de crescimento muito forte? Em outras palavras, apesar da "crise permanente e da entrada no período de guerras e de catástrofes", o capitalismo havia sido bastante inteligente para se preparar para períodos como tais constituindo uma base, uma reserva trinta anos mais cedo<sup>14</sup>.

Todos os revolucionários do mundo devem um respeito muito grande a Rosa Luxemburgo, por sua coragem, seu valor, a denúncia do reformismo, sua capacidade política e revolucionária e sua incansável atitude militante. No que diz respeito à sua tentativa de dar contornos reais às suas abstrações teóricas no terreno da economia, entretanto, muitos equívocos foram cometidos. Essas quatro discordâncias maiores entre a história do desenvolvimento capitalista e as teses e previsões decorrentes da análise econômica luxemburguista, dentre outras aqui não citadas, mostram que Rosa Luxemburgo apresentou a maior parte

---

<sup>14</sup> Os leitores poderão apreciar alguns dos argumentos desenvolvidos pela análise luxemburguista a respeito da decadência do capitalismo, como o da "utilização de um fundo de guerra resultante de ciclos passados de acumulação". Disponível em: [http://pt.internationalism.org/icconline/2006\\_reunioes\\_publicas-2-decadencia-do-capitalismo](http://pt.internationalism.org/icconline/2006_reunioes_publicas-2-decadencia-do-capitalismo) Data de acesso: 10 de abril de 2009.

do tempo uma imagem contrária de uma realidade que ela foi incapaz de compreender quando tratou das relações econômicas do capitalismo. A raiz dessa incompreensão está nos seus pressupostos teóricos, tema que será tratado e analisado num momento posterior.

# AS AMBIGUIDADES DA REVOLUÇÃO RUSSA: LÊNIN E A REVOLUÇÃO

"O que de pior pode acontecer a um chefe de partido radical é ver-se obrigado a tomar o poder num momento em que o movimento não está ainda maduro para o domínio da classe que ele representa e para por em prática as medidas que o domínio de tal classe exige. Neste caso o que ele pode fazer não depende de sua vontade, senão do grau alcançado pelos conflitos entre as classes particulares e o grau de desenvolvimento das condições materiais de existência e das relações de produção e troca... O que ele deve fazer, o que seu partido exige dele... se acha vinculado às doutrinas que ele tem professado e às reivindicações que até aquele momento avançaram... Por isso se encontra necessariamente diante de um dilema insolúvel: o que ele pode fazer contradiz tudo o que ele fez anteriormente, seus princípios e os interesses imediatos de seu partido; e o que deve fazer é irrealizável. Em suma, se vê obrigado a representar a classe para cujo domínio está o movimento maduro, e não a seu partido, a sua classe. No interesse do movimento tem que dar satisfação aos interesses de uma classe que não é a sua e dirigir-se a sua própria classe mediante frases e promessas, mediante a afirmação de que os interesses daquela classe alheia são os interesses da sua própria classe. Quem cai nesta falsa posição está irremediavelmente perdido" (ENGELS, f. In, As Guerras Camponesas na Alemanha).

## Introito

Nenhum homem, mesmo ocupando lugar de destaque na galeria dos maiores e mais reconhecidos gênios da humanidade, foi, é, ou será infalível; mesmo que esteja, por merecimento incontestado, entre gente do calibre de Aristóteles, Newton, Darwin, Einstein, Engels e Marx; mesmo que esse homem se chame Vladimir Ilich Lênin! À primeira vista, a ressalva parece tola, porque a sua obviedade, que resulta da condição humana, soa, quando posta de manifesto, como uma aberração ou crime de lesarevolução inafiançável ao ouvido de muitos - referimo-nos aos espíritos de papagaios de pirata que pululam nas fileiras das mais diversas "escolas" do marxismo - para quem um "bom dogma" é, em se tratando da "defesa" dos "interesses da revolução", sempre preferível à verdade clara. Pois que, infelizmente, temos, nas nossas fileiras, muitos da nefanda espécie dos venerandos Jorges<sup>1</sup>, para quem a opção de uma "sublime recapitulação" ganha status de infalível alternativa na defesa de questionamentos que poderiam pôr em risco os sólidos alicerces do Credo.

A respeito da condição humana, não há muito o que dizer, salvo uma ligeira digressão, apenas para que a alusão ao termo não passe como um velho chavão tão ao gosto de uma literatura medíocre que, por absolu-

---

<sup>1</sup> Famoso personagem de O Nome da Rosa, de Umberto Eco, que justificava de modo extremado a defesa dos postulados do pensamento agostiniano, portado pela Igreja, contra as invectivas de monges que, afirmando princípios aristotélicos, induziriam o "rebanho infectado a duvidar de Deus."



ta falta de seriedade e de assunto, tece combinações do tipo "condição", "essência" ou "natureza" humanas para não dizer absolutamente nada acerca de coisa alguma. Aqui, ao contrário do padrão medíocre, o termo recebe conotação teórica precisa e contextualizada, para caracterizar o pensamento humano como um processo que se faz à base de acercamentos e sujeito a tensões de elevado e variado calibre - mais ainda em se tratando do trabalho intelectual de um Lênin durante toda a sua vida política. Tampouco existe, em se falando de Lênin, credo algum, e a maior prova de respeito que se possa ou que se deva dar a esse homem único é a que consiste em revelar seus acertos e erros, uns e outros grandes e generosos, uns e outros resultantes da tentativa, entre as mais honestas e dramáticas vistas na História, consistente em abrir espaço à inteligência dos desafios da revolução por entre ambiguidades que brotavam de um período e de um terreno social acentuadamente refratários a um processo que, não obstante, não podia comportar qualquer recusa; até porque, no caso em questão, o mundo dos revolucionários seria muito monótono, pobre e ausente de motivação, se a Comuna de Paris e a Revolução de 1917 não tivessem acontecido.

Se o que os revolucionários, que se colocam na perspectiva dos interesses históricos do proletariado - que são, sem medo de errar, os pressupostos da sobrevivência da própria humanidade -, desejam e necessitam é conhecer o curso completo e final do revés da Revolução Russa, devem deixar de lado a atitude pueril e sumamente amadorista, que consiste em afirmar

- simplificando um pouco, para dar a ênfase devida - que tudo "ia bem" na Revolução Russa enquanto Lênin estava no leme e até que Stálin e sua troupe aparecessem implantando a ditadura da burocracia no lugar da ditadura do proletariado. Esses revolucionários devem aprender a encarar abertamente e com coragem as travas e ambiguidades da Revolução Russa, conhecer e reconhecer as ambiguidades dos grandes revolucionários que, pela posição que nela ocupavam, acabavam por incluir nas suas formulações políticas, nos seus desenhos estratégicos, táticos e organizativos essas ambiguidades, para poder aquilatar com justeza o que aconteceu e o que não deve acontecer no futuro - o que não quer dizer que os revolucionários do futuro estejam isentos de novas e também imensas ambiguidades.

## **Parte 1**

### **As ambiguidades da revolução como fato social**

#### **Os fatores objetivos e subjetivos de uma revolução necessária**

Para se ter uma visão ampla e segura de um processo tão complexo e difícil como a revolução russa, sobretudo no que diz respeito ao seu revés, é conveniente que o resumamos a alguns traços bem gerais,

traços que, muito próximos de sua essência, possam revelar, da maneira mais nítida possível, os revezes de uma Revolução que se perdeu por uma combinação de erros políticos e processos sociais incontornáveis, uma revolução que, junto com a Comuna de Paris, foi, pelo propósito e significado que encerrava, a mais importante da História - mais importante que a própria Revolução Francesa.

A revolução russa contou com fatores objetivos e subjetivos, enunciado óbvio, mas que tem de ser colocado a título de método na abordagem ao tema. Como toda revolução, não nasceu do nada, mas de um processo geral que as massas viveram, sobre o qual aprenderam e ao qual reagiram com iniciativas que foram potencializadas pela direção revolucionária - a direção do POSDR e, particularmente, de Lênin, aquele que, entre os demais dirigentes bolcheviques, teve a visão mais penetrante sobre o estado de ânimo das massas, das suas possibilidades e de seus limites.

Entre os fatores objetivos estavam a crise do sistema feudal e de sua superestrutura, a opressão do Estado czarista, a crise econômica e a Primeira Guerra Mundial. A revolução russa foi, pois, em grande medida, decorrência da Primeira Guerra Mundial, na medida em que as massas, extenuadas ao limite, tiveram condições de avaliar as contradições e a crise do antigo regime com maior nitidez; e o partido bolchevique soube traduzir esse estado de ânimo em palavras de ordem que soavam fundo num front maciçamente camponês, com a bandeira da paz e da terra aos camponeses.

Pelo menos desde a emancipação dos servos, a economia feudal estava estagnada; pelo menos desde a década de 1860 tem início a ação de grupos terroristas, nomeadamente o Narodnik (Vontade do Povo), mais tarde Partido Social-Revolucionário. Eram organizações voltadas para a defesa dos camponeses.

### **Anos 1890**

Década de 1890: início e avanço da industrialização, embora ainda assente em poucas cidades da vasta Rússia camponesa e feudal. Dessa social e territorialmente reduzida industrialização capitalista nasceram uma burguesia e um proletariado urbano, envoltos numa ampla economia com traços feudais e de base camponesa. É em tal contexto que a sociedade russa assume uma tessitura social altamente desigual e combinada: uma Rússia feudal e camponesa de um lado e, de outro, uma Rússia com uma indústria, uma burguesia e um proletariado fabril nascentes. A década de 1890 trouxe também as greves operárias, o partido Kadet (Democrata Constitucional), da burguesia, a introdução das idéias marxistas e, em 1897, o Partido Marxista Russo dos Trabalhadores Socialdemocratas de Lênin, Martov e Plekhanov.

O contexto social e histórico da Rússia, que vai perdurar até depois da Revolução de 1917, inclusive em muito determinando, em última instância, seu caráter e seus desdobramentos, era, então, basicamente o seguinte: a) uma sociedade com fortes traços estruturais e culturais feudais; b) um predomínio quase absoluto do campesinato, no âmbito das classes oprimidas, que

vai exercer influência fundamental sobre o caráter (ambíguo) e os desdobramentos da revolução; c) um proletariado combativo, mas reduzido e apenas concentrado em algumas poucas cidades. Já desses traços vai depender, numa grande medida, o destino da Revolução de outubro de 1917.

Em face do exposto - ainda que numa apresentação sumária -, uma primeira conclusão pode ser adiantada: uma vasta estrutura econômica ainda portadora de traços feudais; uma cultura camponesa atrasada, também encharcada dos mesmos traços feudais, e um campesinato, portanto, impossibilitado de uma concepção e de uma ação socialista. Isso era mais do que suficiente para travar o movimento da revolução em direção ao socialismo - o proletariado, em minoria e ainda jovem e inexperiente, não tinha acumulado forças, salvo em alguns reduzidos espaços, sobretudo Petrogrado e Moscou, para imprimir seu selo à Revolução. Essa era uma séria limitação da revolução, que só poderia ser superada na perspectiva de um processo revolucionário em cadeia e à escala, pelo menos nos principais países europeus, de cujo único âmbito - internacionalista - poderia retirar o oxigênio que sua maturação haveria de exigir para se completar. Na ausência de tal perspectiva, por ter sido forçada a uma busca estéril, isolada, do socialismo num só país, a revolução na Rússia não pôde oferecer aos dirigentes revolucionários mais do que um terreno apinhado de dificuldades abissais que se refletiam numa recorrente ambiguidade conceitual da política bolchevique pós-Revolução. Essa limitação está na base das mui-

tas peripécias das formulações, iniciativas e propostas de Lênin, não só estratégicas (como saber qual o caráter da revolução e do Estado pós-revolucionário) como táticas - que se refletiram até mesmo, ou principalmente, no interior do Soviete de Petrogrado, o qual esteve nas mãos dos mencheviques e socialistas revolucionários até as vésperas de Outubro.

#### **De 1905 a 1917**

O caráter dual da Revolução de 1905 deriva basicamente de uma ambiguidade, digamos, estrutural. Esse mesmo caráter vai estar presente também nas revoluções de fevereiro e de outubro de 1917: uma revolução burguesa incapaz de avançar como tal e uma revolução operário-camponesa que também não pôde avançar no sentido do socialismo. Uma tal revolução só teria êxito se houvesse acontecido um pressuposto: a revolução socialista, pelo menos na Europa ocidental, que a tirasse do isolamento e que a ajudasse a suprir grande parte de suas deficiências e contradições. Uma revolução que é travada nos termos aqui colocados e que vai dar lugar a uma formação que não será de um capitalismo privado nem do socialismo - e cujo caráter final, resgatado por uma nova maneira de reprodução do capital, vai ser reforçado com outros ingredientes mais adiante analisados.

A Revolução de Fevereiro não teve na burguesia russa uma classe à altura da tarefa que, por princípio, era sua: a de imprimir uma solução radical burguesa que polarizasse trabalhadores e camponeses - até porque estava envolvida pelos trabalhadores dirigidos

pelos bolcheviques e por uma guerra da qual as massas trabalhadoras estavam desgastadas ao extremo. A burguesia russa não tinha uma proposta de revolução burguesa radical capaz de oferecer liberdade política aos trabalhadores, terra aos camponeses e independência em relação aos capitais estrangeiros e à própria aristocracia czarista.

O Soviete de Petrogrado era a alma da revolução, porém, a rigor, não pôde sustentar uma saída socialista para ela. Esse soviete foi a plataforma sobre a qual agiam os líderes das organizações revolucionárias: socialistas-revolucionários, mencheviques e bolcheviques. Só muito tarde os bolcheviques lograram ser maioria nesse quartel-general da revolução; somente com atraso puderam assimilar uma concepção - incompleta, acima de tudo - socialista para a revolução dentro dos limites do Soviete de Petrogrado, com seu raio de ação curto para a escala de uma Rússia muito grande e atrasada e sua formação incompleta e tardia. Também os sovietes levavam o selo do atraso numérico e qualitativo da sociedade.

### 1917

Até abril de 1917 não se tinha avançado para uma concepção que fosse além de uma revolução burguesa - inclusive no POSDR. Lênin, também premido pelas mesmas limitações do caráter da sociedade russa, só avançou para uma proposta socialista - na verdade sempre eivada de ambiguidades, dentro das quais seu pensamento se movia - a partir de abril. Suas posições eram então e por muito tempo ambíguas; todas elas,

na verdade, determinadas pelo caráter da sociedade e de sua estrutura de classes.

O atraso das formulações e do ensinamento aos operários organizados nos sovietes pode ser aquilatado pelo fato de que, no I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, reunido em junho de 1917, a apenas quatro meses da Revolução de Outubro, os bolcheviques eram minoria. Destarte, os bolcheviques, que eram os únicos dirigentes capazes de passar à vanguarda da classe operária, acantonada nos principais sovietes da Rússia revolucionária, careciam de uma concepção que fosse (além da mera organização insurrecional) necessária para contemplar uma formação que os capacitasse à indeclinável tarefa do exercício do Poder, e não puderam preparar a vanguarda da classe nesse sentido - o que certamente explica porque o proletariado russo não se impôs às invectivas da burocracia na usurpação do Poder que deveria ser seu.

Não deixa de ser sintomático que Lênin, em pleno mês de outubro, ao lançar a proposta da tomada do poder com a palavra de ordem "todo o poder aos sovietes", encontrasse forte resistência na própria direção do Partido, fato que, por si só, já revelava uma ambiguidade na compreensão das tarefas da revolução, no centro mesmo daquilo que era a direção revolucionária do proletariado para a revolução socialista.

Ocorre, já depois da Revolução de Outubro, o II Congresso geral dos Sovietes. e os bolcheviques, agora em maioria, passam "o poder aos sovietes", coisa que não encontrava eco na realidade concreta, posto



que os soviets não tinham escala em número e nem em qualidade para exercer - como de qualquer maneira fizeram os comunnards em 1871 - o poder socialista.

### 1918

As mesmas ambiguidades permanecem e estão presentes na preparação da Assembleia Constituinte, que, na verdade, se opõe ao Soviete. Só em março de 1918 a Assembleia se reúne, mas, com ampla maioria de mencheviques, SRs e outras forças, põe em perigo a revolução e então se resolve, a partir do Soviete de Petrogrado, cassar a AC. Ou seja, essa anulação é feita pela força de um soviets, mas esse mesmo soviets não terá escala para arcar com todas as responsabilidades daí decorrentes - age sem escala qualitativa e quantitativa para dobrar o terreno muito amplo de ambiguidades da revolução vitoriosa.

A outra já mencionada necessidade para a vida do socialismo na URSS foi a revolução em escala mundial, internacional e internacionalista, que foi tentada, que manteve a expectativa, mas que terminou não vingando - e aqui, as causas são muitas, entre as quais a falta de uma IC e de partidos marxistas, sem as traições de grande parte de suas direções, que não prepararam os operários de seus países para intervirem numa conjuntura favorável. Essa lacuna vai colocar a Revolução de Outubro, isolada, numa relação de contradição consigo própria. Estava de certa forma em andamento aquela que era de fato a maior ambiguidade entre as muitas que pontilharam a saga

da revolução russa: a tentativa frustrada de manter, em circunstâncias de isolamento, uma sociedade não-socialista numa forma hoje difícil de imaginar (qual?), ou tentar o impossível: construir o socialismo num só país. As difíceis circunstâncias da época levaram, passo a passo, ato a ato, a Revolução de Outubro - que se colocava como uma necessidade social - para a segunda alternativa.

O isolamento da revolução russa também levou, na falta de um apoio vindo dos trabalhadores da Alemanha e de outros países europeus, o Governo Bolchevique a se armar, sozinho, para defender-se das invasões. E aí temos em decorrência mais duas ambiguidades: o Poder deixa de ser da classe para ser do Partido e a Guarda Vermelha, com cerca de 10 mil homens, exército popular, cede lugar ao Exército Vermelho, um exército nos moldes burgueses com chefes trazidos do exército anterior e formado de 5 milhões de homens dirigidos por 30 mil oficiais do passado - um exército profissional e com disciplina centralizada e de ferro.

Como é fácil de ver, cada ambiguidade nova resulta de outras acumuladas e aumenta o volume de ambiguidades que afastam, cada vez mais, a URSS de uma ditadura do proletariado para tornar-se uma ditadura do partido e da burocracia sobre o proletariado. Poder Soviético passou a ser apenas um nome que encobria um enorme revés. O Partido Bolchevique toma o Poder porque: a) depois de tentar a aliança com os mencheviques e os socialistas revolucionários percebe que tais partidos estavam com a contrarrevolução;

b) a classe operária também não estava preparada para dirigir o Estado pós-revolucionário por via dos Sovietes; c) os bolcheviques compreenderam que não tinham quadros, entre comunistas e operários, para ocupar cargos no Estado pós-revolucionário; d) os próprios bolcheviques não tinham uma ideia clara acerca do caráter da sociedade pós-Outubro; e) a ajuda revolucionária esperada da Europa socialista-revolucionária não veio, porque a revolução mundial, esperada com convicção, não aconteceu. Assim, as difíceis circunstâncias - internas e externas - que cercaram a revolução, principalmente depois da tomada do Poder, jogaram o Poder nas mãos do Partido que teve de dividi-lo com a burocracia. Tudo isso já não era, na prática, uma tentativa malograda de salvar - e, na verdade, de construir - o "socialismo num só país"? Como se sabe, o Exército Vermelho, sob a direção de Trotsky, rechaçou inúmeras investidas tanto de fora para dentro como do interior da própria Rússia, mas aí certamente o que se tentava salvar não era mais o socialismo, mas uma outra coisa que precisa ser definida, até porque as tentativas de defini-la feitas, principalmente, por Lênin e Trotsky não contribuíram para elucidá-la; muito ao contrário reforçaram equívocos conceituais que, respaldados pela autoridade intelectual, moral e política desses seus formuladores, se mantêm até hoje na espera de uma solução convincente.

O acúmulo de ambiguidades, sob o peso das quais a revolução batia em retirada, funcionava como uma inexorável fonte de novas ambiguidades, numa espécie de efeito-cascata. Vejamos mais lances desse de-

esperado processo, em cujo centro debatia-se o próprio Lênin tentando atalhos, soluções provisórias, sempre com a perspectiva de ceder para aliviar tensões e pressões fatais para a revolução, com o firme propósito de reverter cada uma e todas as derrotas temporárias, num futuro que a cada passo ficava mais incerto e distante. Em 1919, ele tenta reverter o cenário comunista mundial dominado pela II IC, criando a III IC, com a qual pensava ganhar o proletariado para uma revolução à escala mundial, mas a III IC nasceu frágil e não conseguiu cumprir a tarefa - e acabou sendo, mais tarde, a chancelaria para o Poder burocrático. Nesse ínterim, os trabalhadores europeus estavam nas mãos das direções patrióticas, nacionalistas, e a onda do movimento operário estava, por volta de 1921, em refluxo. A invasão da Polônia, autorizada pelo próprio Lênin na esperança de um apoio dos trabalhadores poloneses para uma revolução ali, foi um fiasco e uma derrota.

A reação não tardou. A guerra civil foi posta em movimento. Partidos burgueses desalojados, mencheviques, SRs, anarquistas instigaram a reação. O ano era 1918. Tudo isso, produto da situação anterior, levou a economia à desorganização. A I Guerra Mundial, a formação de um exército profissional e a guerra civil desorganizaram a economia. Transportes em pane; as reservas de matérias-primas em baixa; fome e frio assolavam a população. Todo esse impasse levou o governo a tomar mais uma medida de adiamento -ou dissolução, talvez este seja o melhor termo - do "socialismo". Aí ocorreu o "comunismo de guer-

ra" - um nome já de si muito estranho. A escassez de alimentos era o maior problema. Os camponeses não aderiram aos apelos do partido e os alimentos tiveram de ser confiscados. Problemas também com a indústria. Operários que ocupavam cargos não estavam habilitados: a recorrência aos "especialistas", com altos salários, não pôde ser evitada. Como se pode ver, a velha ordem se imiscuía nas entranhas da nova, e as velhas relações, recriadas com selo novo. Dizem-nos historiadores creditados que após três anos de revolução, a população de Moscou estava reduzida a 55% e a de Petrogrado, a cerca de 43%.

### 1921

A essa altura, o controle operário da produção foi trocado pela obediência e a repressão cegas. Foi implantada a "militarização do trabalho". Mais e mais ambivalências. O "comunismo de guerra" não podia mais continuar, e, no início de 1921, foi abandonado e substituído pela NEP. Mas, antes que isso acontecesse, o "comunismo de guerra" deixou seus "saldos": uma inusitada centralização da economia e do poder e a substituição da distribuição pelo mercado por mecanismos diretos para o consumo - uma espécie de "economia natural". A primeira, que já fora implantada antes, teve continuidade, a segunda, não deu certo. Ademais, a concentração, que foi aplicada na indústria, não deu certo no campo. No que tange à economia "natural", ela, que estava combinada com a política de requisições, não deu certo - e aí não se teve outra alternativa senão recorrer a mais uma ambiguidade: o

incentivo capitalista, com comércio a dinheiro; o camponês rico, o kulak, para além do que lhe era requisitado, podia levar um excedente ao mercado - e o kulak tornou-se um pequeno capitalista. Recuperou-se o direito de contratar mão-de-obra e de arrendar a terra. A NEP era vista pelo próprio Lênin como mais uma parada forçada a ser revista num certo futuro, não estabelecido por antecipação.

Diante de tal quadro, era inevitável que surgissem movimentos de oposição, nascidos até mesmo dentro de espaços sociais emblemáticos da Revolução de Outubro, como foi o caso da revolta dos marinheiros do Kronstadt, amotinados, reclamando, entre outras coisas, eleições livres nos soviets, mas que foram esmagados pelo próprio Exército Vermelho. Uma tal medida, drástica ao extremo, não podia ser vista com simpatia pelos trabalhadores que já se encontravam isolados de qualquer participação na estrutura do Poder... "Soviético". Essa medida, tomada com o assentimento do próprio Lênin, talvez seja a maior das ambiguidades de toda a Revolução.

### **1922**

Um poder centralizado, que emergia do enfrentamento a todas as incursões e a todos os desafios, em continuação com o "comunismo de guerra" e a NEP, era agora corroborado pela necessidade de reconstrução da economia nacional. Essa centralização vai constar do novo texto constitucional da Rússia (o primeiro fora aprovado em julho de 1918, acompanhado da criação do Conselho dos Comissários do Povo):

a República Soviética Federal Socialista Russa (RSFSR). Entre 1920 e 1922 foram incorporadas à RSFSR, com convênios e com a força, as repúblicas socialistas ou não-socialistas da Ucrânia, Bielo Rússia, Geórgia, Armênia e Azerbaijão. O poder desse conjunto estava concentrado em Moscou. Em 1922, congressos da RSFSR, Ucrânia, Bielo Rússia e Transcaucásia ratificaram a centralização e criaram a URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A aprovação de uma constituição para o conjunto foi estabelecida pelo Segundo Congresso dos Sovietes, em janeiro de 1924 - que seguia, em geral, as linhas da Constituição da RSFSR. Por sua vez, o Partido tornou-se uma máquina centralizadora com um Politburo de 5 membros, mais forte do que o próprio Comitê Central - e esse Politburo passou a ser, na prática, "o órgão supremo de elaboração da política da URSS". Contactos para abrir caminhos de acesso a trocas comerciais foram abertos com as Inglaterra e com a Alemanha e, à medida que a expectativa da revolução mundial caía, a diplomacia avançava. Acordos militares secretos, para benefício mútuo, que visavam a produção de material bélico, foram assinados - com, inclusive, treinamento militar por especialistas alemães ao Exército Vermelho.

A essa altura o comércio ressurgia, prostitutas podiam ser vistas nas ruas, a instituição da gorjeta reapareceu, o trabalho assalariado se alastrava. Tem início a era Stálin. Todavia, antes de tecer alguma considerações acerca das relações entre as duas eras, a "era Lênin" e a "era Stálin", faz sentido passar a vista no

torturante esforço intelectual de Lênin tentando compreender e definir, por entre um denso e contraditório cipoal de ambiguidades - que se mostraram, depois, letais para a revolução e a ditadura do proletariado -, o caráter e as tarefas que a revolução em processo estavam a exigir.

## **Parte 2**

### **As ambiguidades do pensamento político de Lênin**

#### **1918**

O regime saído da Revolução de Outubro não era ainda socialismo, mas uma fase de transição para o socialismo. Em 1918, eram essas as "estruturas socioeconômicas" existentes na Rússia, segundo Lênin: "1) Patriarcal, quer dizer, uma economia camponesa natural em grau considerável; 2) Pequena produção mercantil (compreende a maioria dos camponeses que vendem seu trigo); 3) Capitalismo privado; 4) Capitalismo de Estado; 5) Socialismo" (In, O Infantilismo de Esquerda e a Mentalidade Pequeno-Burguesa). Nelas, predominava "o elemento pequeno-burguês camponês".

Na fase do "comunismo de guerra", quando houve a "liquidação da burguesia privada" e a apropriação estatal dos meios de produção, o campesinato e os operários já haviam sido despojados dos seus órgãos de administração direta, quando, por meio de uma inusitada centralização das decisões, foram também



eliminados os próprios conselhos de empresa, substituídos por via da nomeação direta dos diretores de fábrica pelo governo "socialista", Lênin afirmava que já se havia dado importantes passos na direção do comunismo e distinguia três formas básicas de "economia social": o capitalismo (com a burguesia), a pequena produção mercantil (basicamente os camponeses) e o comunismo (o proletariado). A ideia de uma aproximação do comunismo substituiu, temporariamente, a de um "capitalismo de Estado". Em 1920, o "comunismo de guerra" tinha-se tornado num fracasso contundente e Lênin titubeava entre ambiguidades. Como falar de avanço para o comunismo numa sociedade mal saída de uma revolução, sem a necessária transição - postulada por Marx (Crítica ao Programa de Gotha) e pelo próprio Lênin (O Estado e a Revolução) - na qual o poder de Estado dos conselhos operários tinha sido liquidado e já estava substituído pela burocracia? Mesmo assim, Lênin considerava que aquela forma de poder inclinava-se para o comunismo e que a este faltavam apenas "condições materiais". Lênin estava a confundir aquela centralização burocrática com Poder socialista: confundia um Poder do partido e da burocracia com "ditadura do proletariado" (já beirando o comunismo) - de um proletariado que já não se encontrava no poder; uma "ditadura do proletariado, na qual as milícias operárias tinham sido desfeitas e substituídas por um Exército (Vermelho) regular; numa realidade sumamente problemática na qual ocorriam rebeliões camponesas, greves operárias em Petrogrado e a revolta dos marinhei-

ros do Kronstadt. São suas estas palavras (1922): "Esta crise interna trouxe à luz o descontentamento de uma parte considerável dos camponeses e também dos operários. Foi a primeira vez, e espero que seja a última, que largas massas de camponeses estiveram contra nós, não de modo consciente, mas instintivo."

### **1920 - 1921- 1922**

Lênin reconhece um erro na pretensão de passar diretamente para a produção e distribuição comunista e, por meio de um recuo, instaura a NEP. O erro de Lênin, que não é um erro qualquer, consiste em ter confundido traços forçados (logrados por via coercitiva) na produção e na circulação com comunismo, quando não se poderia falar de comunismo, muito menos com tais métodos ou com conquistas obtidas tão rapidamente e descoladas da questão do poder efetivo - sem transição socialista alguma. Há algo mais do que mero economicismo nisso tudo...

Lênin reconhece o fracasso do "comunismo de guerra"- "[...] Cometemos um erro ao decidir passar diretamente para a produção e a distribuição comunista [...]"- e reconhece a volta ao capitalismo numa extensão considerável. Não há como negar: Lênin estava em total desacordo com o que Marx escrevera em Crítica ao Programa de Gotha e consigo próprio em O Estado e a Revolução. Mas Lênin não pensava num capitalismo privado, mas num novo tipo de capitalismo de Estado. Como acontecia com muitos outros "recuos táticos"- tomados sob a pressão de fatos na verdade intransponíveis, e que mais na frente haveriam de ser

revertidos -, pensava, novamente, num capitalismo de Estado, que se combinava com traços socialistas. Em 1921, no livro *O Imposto em Espécie*, ele retoma as ideias de 1918 - às mesmas "estruturas econômicas" que havia identificado na Rússia em 1918. O "elemento socialista" estava no setor estatal da economia - e isso independentemente da questão do Poder das comissões e dos conselhos operários dentro e fora das empresas. E o capitalismo de Estado? O capitalismo de Estado era, na versão de Lênin, um regime onde a primazia estava com a produção mercantil, no qual o setor estatal era minoritário, mas o Poder estava representado pela "ditadura do proletariado" - por um Estado que, nesse contexto, era "um Estado verdadeiramente revolucionário" e representava "inevitável e inexoravelmente a marcha para o socialismo". Parece óbvio que Lênin estava teórica e historicamente equivocado. Teórica e politicamente equivocado porque aquele já não era um Estado proletário, social e historicamente, porque as relações de produção capitalistas não tinham desaparecido nem mesmo no âmbito do setor estatal da economia (confusão entre relações sociais de produção e forma de propriedade).

Na obra *O Imposto em Espécie*, Lênin identifica os seguintes traços constitutivos do Capitalismo de Estado, que estava a existir na URSS: a concessão (a capitalistas privados, inclusive estrangeiros), a cooperativa, (a pequenos produtores, principalmente camponeses) a comissão (ao comerciante para vender a produção estatal e recolhimento dos produtos do pequeno produtor)) e o arrendamento (de empresas, terras

etc. estatais a capitalistas privados). O Capitalismo de Estado era então uma sociedade na qual havia um pequeno setor estatal, a primazia da produção mercantil, a propriedade privada (inclusive arrendada), ou seja, uma sociedade majoritariamente capitalista, controlada por um "Estado proletário" revolucionário - um Estado, diga-se de passagem, que não era proletário e não representava, portanto, nenhuma ditadura do proletariado.

Nesse mesmo ano de 1922, Lênin considera que "o elemento pequeno-burguês (campesinato) é o principal inimigo e que o proletariado está impregnado dessa ideologia e também 'desclassificado' (fora de sua base de classe), debilitado, disperso etc. Eis a que ficou reduzida a 'ditadura do proletariado'!!!

Tentando apropriar-se do fato pelo conceito, Lênin tentava, no "Relatório Político ao Comitê Central ao XI Congresso", caracterizar esse capitalismo de Estado da seguinte maneira:

O capitalismo de Estado, segundo todos os livros de economia, é o capitalismo que existe sob regime capitalista, quando o Poder estatal subordina diretamente as empresas capitalistas. Porém, nosso Estado é proletário [???], apóia-se sobre o proletariado [???], dá ["dar" é o caso?] ao proletariado todas as vantagens políticas [...] [???] [...] Nenhuma teoria, nenhuma literatura analisa o capitalismo de Estado na forma em que ele existe aqui, pela simples razão que todos os conceitos usuais relacionados com este termo estão associados com a dominação burguesa numa sociedade capitalista. A nossa sociedade é uma sociedade que saltou dos trilhos do capitalismo mas ainda não encontrou novos trilhos... Nunca na história houve uma situação em que o pro-

letariado, a vanguarda revolucionária possuísse suficiente poder político e o capitalismo de Estado coexistisse com ele [...]

Mas, não são menores as ambivalências do grande Lênin ao tentar compreender a natureza do Estado que dirige. No texto citado mais atrás ele assim define aquele Estado: "Este capitalismo de Estado está conectado com o Estado. E o Estado é a classe operária, é a parte mais avançada dos trabalhadores, é a vanguarda. Nós somos o Estado". No mesmo texto, noutra passagem, encontramos uma surpreendente definição, hoje sabidamente falsa - como tem-na demonstrado Mészáros - que constitui um lamentável equívoco teórico e político, consistente em confundir-se supressão da propriedade privada com superação da relação-capital:

A dominação do proletariado consiste no fato de que os latifundiários foram despojados de suas propriedades [...] O proletariado vitorioso aboliu a propriedade, anulou-a completamente, e aqui reside a sua dominação de classe. A coisa principal é a questão da propriedade. Tão logo a questão da propriedade foi virtualmente assentada, a dominação de classe foi assegurada.

Em "Sobre o Programa do Partido, Informe ao VIII Congresso do PC(b)", de março de 1919, referindo-se aos *soviets*, ele afirmara: "Sendo por seu programa órgão da administração exercida pelos trabalhadores, são na prática órgãos da administração para os trabalhadores, exercida pela camada do proletariado que

constitui a vanguarda e não pelos trabalhadores em seu conjunto."

Numa outra passagem mais ambígua ainda, fazendo uma alusão ao Partido, no texto "Sobre o Sindicato", de 1920, ele chega a afirmar que

"A ditadura do proletariado [...] só pode ser exercida por uma vanguarda que tenha absorvido as energias revolucionárias da classe [..] Tal é o mecanismo básico da ditadura do proletariado e a essência da transição do capitalismo para o comunismo.", mas, no Imposto em Espécie, já citado, ele, em alusão ao mesmo Partido, assume uma definição desconcertante: "[...] o contingente avançado do proletariado só representa uma pequena parte de todo o proletariado que, por sua vez, não representa mais do que uma pequena parte de toda a massa da população." Num escrito de 1922, "Condições para a Admissão de Novos Membros no Partido", ele escreve:

Se não fecharmos os olhos à realidade, devemos admitir que atualmente a política proletária do Partido não é determinada pelo caráter de seus membros, mas pelo prestígio enorme e indivisível de que goza um pequeno grupo que pode ser chamado de Velha Guarda. Um pequeno conflito no interior desse grupo será suficiente, se não para destruir esse prestígio, pelo menos para enfraquecer o grupo a tal ponto que lhe tirará o poder de impor sua política.

Ou seja, a política proletária não foi absorvida respectivamente pelo conjunto da classe, pelo conjunto do segmento mais avançado da classe - a vanguarda da classe -, também não pelo conjunto do Partido, er-

roneamente visto, em passagens anteriores, como a vanguarda de uma classe incapaz de reconhecê-la conscientemente como tal - resultando que tal política proletária só existia na cabeça de uma Velha Guarda que, se desfeita, perderia as condições de impor sua política. Num outro texto de 1921, se reportando a uma polêmica mantida com Bukharin, que o havia criticado, ele - como fazia sempre que era convencido de seus erros - escreve:

[...] Eu estava errado e o camarada Bukharin estava certo. O que eu deveria ter dito era: "Um Estado Operário é uma abstração. O que nós temos é um Estado Operário com esta peculiaridade: primeiro, não é a classe operária, mas a população camponesa que predomina no país e, segundo, é um Estado Operário com deformações burocráticas." (In, "A Crise Partidária", 1921).

Tratando da burocracia que avançava em todas as instâncias do Estado e da sociedade inteira, algumas formulações feitas por Lênin podem fornecer mais e maiores lições. Porém, façamos um breve parêntesis para lembrar que a formulação "Estado Operário com deformações burocráticas" é um conceito que vai ser empregado por Trotsky para caracterizar o Estado parido da Revolução de Outubro durante todo o tempo em que viveu. Voltemos a Lênin. Numa passagem de um texto de novembro de 1922, "Cinco anos de Revolução Russa e as Perspectivas da Revolução Mundial. Relatório ao IV Congresso da IC", ele escreve:

Herdamos o velho aparato do Estado e isso foi uma infe-

licidade. Muito frequentemente, essa máquina estatal trabalha contra nós. Em 1917, depois de termos tomado o poder, os funcionários começaram a nos sabotar. Ficamos muito assustados e pedimos: "Por favor, voltem a seus postos". Eles voltaram, mas isso foi a nossa desgraça. Temos agora um enorme exército de funcionários, mas nos faltam pessoas instruídas para exercer um efetivo controle sobre eles. Na prática, acontece frequentemente que, na cúpula, onde temos o poder político, a máquina funciona de algum modo, porém, embaixo, os funcionários têm o completo controle e o exercem de tal maneira que anulam nossas decisões.

Até aqui, para Lênin, a burocracia encontra-se arraigada no tecido estatal, mas não na cúpula. Porém, numa passagem de um outro texto, escrito apenas um mês depois do mesmo ano de 1922, nas angustiantes análises feitas por Lênin a tal respeito, ele, agressivo com os próprios camaradas do partido, dessa vez já vê a coisa muito pior:

[...] todos os membros dos departamentos governamentais de Moscou - exceto os membros do Comitê Executivo Central os quais, como todo mundo sabe, gozam de imunidade - deveriam ser encarcerados na pior prisão de Moscou por seis horas, e os membros do Comissariado do Povo para o Comércio Exterior, por 36 horas. Porém, ocorre que ninguém pôde achar os culpados e, pelo que eu lhes falei, é evidente que os culpados nunca serão encontrados."

Agora, Lênin começa a notar que a burocracia, que apenas um mês atrás tinha corroído apenas a larga esfera do funcionalismo do Estado, na verdade encontrava-se instalada em parte da cúpula, nada menos do que na alta esfera ministerial, a esfera do Comissariado



do Povo, onde, como se vê, uma outra prática da democracia operária, que a Comuna de Paris implantou e fez valer nos seus dois meses de existência - a revogabilidade dos cargos - , também inexistia, anulada pela imunidade (fato e termo incompreensíveis nas circunstâncias reais e conceituais da ditadura do proletariado) da alta esfera do poder burocrático. São sintomáticas algumas colocações feitas por Lênin ainda nos finais do ano de 1922, tais como:

Se considerarmos Moscou - 4700 comunistas em posições responsáveis - e se tomamos a grande máquina burocrática, este número gigantesco, devemos perguntar: quem dirige quem? Duvido muito que se possa dizer, verdadeiramente, que os comunistas estão dirigindo este monte. Para dizer a verdade, eles não estão dirigindo, mas estão sendo dirigidos. (Relatório Político ao XI Congresso).

Ou este, no qual o aparelho de Estado era

[...] inteiramente estranho [...] tratando-se [...] de uma salada burguesa e czarista da qual não conseguimos nos livrar nos últimos cinco anos, sem a ajuda de outros países porque estivemos "ocupados" com a guerra civil e com a luta contra a fome. (In, A Questão das Nacionalidades ou "Autonomização". Dezembro de 1922).

Mas, se todos esses pareceres de Lênin preocupam, preocupam muito mais alguns outros que, nas mãos de Stálin e entourage, vão ser assumidos não só sem crítica, mas apesar da crítica e, sobretudo, contra toda crítica, que constituem uma justificativa para o afastamento dos operários do mecanismo do poder. Veja-

mos esta longa passagem de um texto escrito por Lênin ("Discurso no III Congresso Pan-Russo dos Trabalhadores de Transporte de Água", de março de 1920):

Vocês sabem [...] que não somos contrários a colocar operários na direção, mas dizemos que essa questão deve ser resolvida segundo o interesse da produção. Não podemos esperar. O país está tão terrivelmente arruinado, calamidades - fome, frio, e uma carência geral - atingiram um tal ponto que não podemos mais continuar dessa maneira. Nenhuma devoção, nenhum sacrifício próprio pode nos salvar se não mantivermos os operários vivos, se não abastecermos com pão, se não conseguirmos obter grandes quantidades de sal, de maneira a recompensar os camponeses através de uma troca adequada e não através de pedaços de papel colorido que não nos permitirá sobreviver muito tempo. A própria existência da Rússia Soviética está em jogo [...] Assim, tratem da questão da administração como homens práticos [...] Aprendam com sua experiência prática, aprendam também da burguesia [...] O poder só poderá ser mantido adotando toda experiência do capitalismo culto, tecnicamente avançado e progressista, e pela utilização dos serviços dessa gente (os técnicos burgueses) [...] A experiência nos indica que qualquer um que tenha uma cultura burguesa, uma ciência burguesa e uma tecnologia burguesa deve ser valorizado. Sem eles nós não seremos capazes de construir o comunismo.

E desta ilação, constante de um texto de 1922, "Papel e Funções dos Sindicatos", sempre feita a contragosto e em função de pressões socialmente ambíguas, que vai, nas mãos de Stálin & Cia., receber o selo não de uma ação transitória e provisória, mas, ao contrário, um atestado de permanência definitiva:

[...] o mais rápido e sólido êxito na restauração da grande indústria é a condição sem a qual nenhum êxito pode ser alcançado na causa geral da emancipação do trabalho do jugo do capital e na garantia da vitória do socialismo. Para alcançar esse resultado na Rússia, na presente situação, é absolutamente necessário que toda a autoridade, na fábrica, deva estar concentrada nas mãos da direção.

Ou ainda: "[...] o trabalho deve ser organizado de um novo modo; novos meios de estimular as pessoas a trabalhar e a observar a disciplina no trabalho devem ser encontrados." (In, "Discurso no III Congresso Pan-Russo dos Sindicatos", 1920).

Ou mais nesta, de uma contundência a toda prova: "[...] Poderes ditatoriais e direção unipessoal não são contraditórios com a democracia socialista" (Ibidem).

Portanto, premido pelas ambiguidades do processo material da revolução russa, Lênin estava a justificar o injustificável, ou seja, colocar os interesses da produção na frente da legitimação dos operários no poder - uma postura teórica indefensável, uma postura política abominável, de todo modo uma herança a mais que vai ser assumida pela cúpula do capitalismo de Estado sem qualquer constrangimento depois de encerrada a era Lênin. Na sua obra *O Estado e a Revolução*, escrito dois meses antes da revolução, Lênin, no enalço de posições de Engels e Marx a respeito do Estado pós-revolucionário, como um exercício para compreender a constituição do Estado socialista, que haveria de ser montado na Rússia logo depois, afirmava, com convicção e brilhantismo, que o Estado Comuna, a ditadura da classe operária sobre a

burguesia, teria de ser erguido sobre os escombros do Estado burguês quebrado, eliminado, liquidado pela violência revolucionária do proletariado, naquilo que define a essência do poder da burguesia, ou seja, a burocracia e o exército regular, profissional e aquartelado. Todavia, o que se nota, nas próprias palavras de um Lênin abafado pelos descaminhos do socialismo, é que esse par de instituições, com ele o essencial do poder político da burguesia permaneceram, por conta das inúmeras ambiguidades postas em relevo no nosso artigo. Adeus milícias, adeus Estado mínimo e em extinção, adeus revogabilidade dos cargos, adeus controle direto da produção pelos operários, adeus poder operário de Estado.

### **Parte 3**

#### **Algumas conclusões**

##### **A**

Até aqui está visto, portanto, ao contrário do que se diz nas fileiras da maioria dos assim chamados "partidos comunistas", que: a) ao desaparecerem as perspectivas da revolução simultânea em vários países, o que se tentava mesmo era salvar (= construir) o socialismo num só país, tentativa a que o próprio Lênin se jogou com todas as suas energias; b) dessa ausência maior - a única que poderia assegurar as condições de maturação de uma sociedade não-socialista, saída de um solo social imaturo para tal, até o ponto em que o

socialismo pudesse ser implantado, de fato, na Rússia pós-revolucionária -, portanto, dessa ambiguidade maior, combinada com outras tantas que se apresentavam paridas de uma realidade refratária ao socialismo, os bolcheviques foram atolados em concessões em série, tomadas como recuos táticos a serem revertidos em etapas posteriores, mas que, infelizmente, num conjunto no qual essas coisas se integravam cumulativamente, se tornaram irreversíveis, levando os bolcheviques, incluindo o maior deles, a caírem em formulações igualmente ambíguas que não só não davam mais soluções, mas, exatamente, só contribuíam com o afastamento do horizonte socialista; c) resulta que posturas atribuídas a Stálin, como a ideia do socialismo num só país, ou a fórmula tão utilizada por Trotsky de um "Estado operário com distorções burocráticas", entre outras, não eram em nada estranhas ao próprio Lênin; d) a supressão da propriedade privada era confundida com a morte da relação-capital, ao tempo em que velhas relações voltavam à ordem do dia e se combinavam com outras saídas da nova configuração social que recuperava, isto sim, a mesma relação-capital na forma de um Estado pós-capitalista; e) a Revolução Russa estava estiolada desde que saiu do casulo, por força de referidas ambiguidades, e, ao fim e ao cabo, resultou que no lugar do proletariado e seus conselhos estava mandando uma burocracia - que permeava o Estado, o Exército, as empresas -, para além dela um poder fortemente concentrado no Partido, ou então, como o próprio Lênin afirmou, no lugar do partido uma exígua Velha Guarda de veteranos

bolcheviques, e assim por diante.

### **B**

Diante de ambiguidades de tal escala, que obrigavam os dirigentes do Partido - Lênin em especial -, diante de inarredáveis pressões dos fatos, a abrirem mãos de conquistas a duras penas alcançadas, com o propósito de recuperá-las quando as tormentas sociais se transformassem em situações mais sólidas e favoráveis, o que diferenciava os dois estilos - a saber: o estilo Lênin e o estilo Stálin - que se fizeram hegemônicos no processo pós-revolucionário?

Colocando inicialmente o problema no plano dos estilos de direção, que estava posto no processo de construção da ditadura do proletariado, há, a nosso juízo, uma diferença que é essencial - uma diferença que revela, de um lado, um revolucionário autêntico e impar, que perseguia, com a máxima dureza, no terreno do debate aberto e leal, ideias e concepções adversárias e, de outro, um indivíduo grosseiro, que se cercou do que havia de pior nas fileiras do Partido, que perseguia, no lugar das ideias, as cabeças dos opositoristas que as portavam. De fato, enquanto Lênin, de um lado, ao tentar escapar de uma ambiguidade - por exemplo, lançar mão da NEP, com o claro revés, calculado, de fortalecer o capitalismo no campo, para resolver o desafio iminente do problema do abastecimento, ou de transformar a Guarda Vermelha num Exército regular e profissional, sujeito a uma disciplina burguesa, para dar conta da contrarrevolução nos dois planos, o interno e o exter-

no -, agia na esperança de retomar o curso desviado da revolução, Stálin, do outro lado, tomava como um dado a tendência cumulativa dos desvios, que já configuravam uma sociedade não-socialista, jamais questionando o desencadear dos fatos e, para justificar uma ação política genuinamente revisionista, não titubeava em cometer as mais ousadas e grosseiras adulterações e falsificações, as mais hediondas perseguições aos adversários opositores e celebrar os mais abjetos acordos internacionais com governos imperialistas - como o ato de dissolução da III IC (e de qualquer Internacional), desde que estivesse em questão a sua sagrada tarefa de "construção do socialismo num só país", a Rússia. Nas mãos de Stálin e dirigentes seus, um marxismo coagulado e torpe figurou como a superestrutura ideológica do capitalismo de Estado que eles assumiram sem questionar e tentando, à base das mais grosseiras fraudes teóricas e políticas, justificar.

### C

Mas uma análise que incida sobre os dois estilos básicos dos dirigentes que estavam à testa dos destinos da Revolução Russa tem, decerto, certa relevância, mas ela só pode ser verdadeiramente eficaz para uma concreta compreensão de referido processo se compreendida como parte de uma abordagem das determinações de classes que estavam no centro das ambiguidades atrás ressaltadas. E aqui é forçoso esclarecer em que planos a análise das determinações de classe pode e deve ser realizada. Num primeiro plano está a necessidade da identificação das classes

sociais que estavam ativas nos desdobramentos da própria Revolução; no outro, essas classes faziam suas intervenções na tessitura da sociedade, na mesma Revolução, procurando incliná-la para o âmbito de seus interesses.

De todo o exposto no curso da análise levada a efeito acerca das ambiguidades da revolução é possível concluir que a classe social - uma burguesia de Estado -, que acabou prevalecendo nos desdobramentos do processo da revolução russa, foi constituída de uma complexa combinação dos caracteres e dos respectivos interesses dos seguintes segmentos sociais: a) de um lado os camponeses ricos, aqueles que, no mínimo, se beneficiaram e que, por conseguinte, se desenvolveram com interesses específicos com a NEP; b) os militares, sobretudo os que, contados em torno de algumas dezenas de milhares, passaram a ocupar postos de comando no Exército Vermelho; c) todo um corpo de funcionários, originários do Estado czarista, que foram resgatados e cooptados para pôr em andamento o Estado pós-revolucionário; d) de suma importância, e não poucos, os membros do próprio Partido, que se tornaram parte da burocracia e no conjunto diluíram sua fisionomia comunista, trocando-a pela fisionomia de uma burguesia de Estado. São essencialmente esses segmentos que vão ser a um só tempo resultado e agentes do processo de transformação da ditadura do proletariado numa ditadura de uma burocracia que culminou com uma burguesia de Estado à testa da qual estavam Stálin e sua entourage.

Demais, torna-se necessário compreender como se



deu o processo concreto da viragem em questão e, acima de tudo, como e porque o próprio Partido - nele incluindo os próprios Lênin, Trtosky e demais membros que, de alguma forma e em alguma medida compartilhavam, a tal altura do andamento do processo, da orientação geral de Lênin-tornou-se mediador da nova estrutura de Poder que tomava corpo a partir da insurreição de Outubro. Por tudo o quanto foi visto, é óbvio que seria um disparate supor que homens como Lênin, Trotsky, Bukharin ou Sverdlov pudessem ser responsabilizados por uma intervenção conscientemente deliberada no sentido da desmontagem da ditadura do proletariado em proveito da ditadura do partido e da burocracia sobre o proletariado. Mas também não se pode omitir que a intervenção, que se viu obrigados a levar a efeito, como homens de partido, diante das gigantescas ambiguidades paridas do próprio processo da revolução, terminou por se constituir como mediação do referido processo. As ambiguidades nasciam da combinação de problemas sociais objetivos que emergiam das entranhas de uma sociedade material que, política e ideologicamente resistia, nas circunstâncias dadas, ao desenvolvimento da ditadura do proletariado. Na medida em que cada intervenção posta em prática pelo Partido era acionada como um necessário recuo - embora apenas um recuo tático, para aqueles dirigentes - e produzia um reforço dos interesses e das respectivas posições de classes da amálgama vista mais atrás, esses segmentos ganhavam contornos adicionais de burguesia de Estado e, normalmente, a partir de cada nova posi-

ção assim alcançada, aumentavam seu poder de fogo na desmontagem em curso da ditadura do proletariado e no conseqüente reforço do capitalismo de Estado. Esses obstáculos que se colocavam como dados outros diante da ação geral do Partido - como as reações de certas esferas do campesinato - nasceram não como obstáculos, mas como fatores ativos da revolução, tornando-se obstáculos exatamente quando a própria revolução, em sua marcha progressiva, teve de colocar em questão certos interesses dessas esferas do campesinato. Entre alguns dos obstáculos gerais ao curso da revolução, que se constituíram como pressões objetivas - por exemplo, a crise de abastecimento, que levou ao "comunismo de guerra" e, depois, à NEP - e as posições crescentemente articuladas dos referidos segmentos de classe interessados na volta dos mecanismos de mercado e do Poder, havia uma relação dialética de simultaneidade, nunca um sistema de causa e efeito linear. Pois é exatamente no âmbito das contradições objetivas dessa dialética que a ação do Partido, operando a contragosto de Lênin e parceiros seus, funcionava como mediação. Diante da pressão dessas forças de resistência, o Partido media com um recuo tático provisório, que implicava num fortalecimento das posições de classes dos segmentos mais atrás relacionados; posições essas que, uma vez fortalecidas, agiam, no retorno, no fortalecimento dos referidos processos objetivos, cavando ainda mais o fosso existente entre a realidade pós-revolucionária e a perspectiva da ditadura do proletariado. Esses recuos, como foi visto, acumulavam-se num crescendo

até que, no limite, resultaram na consolidação de um capitalismo de Estado que, já na década de 1920, era um sistema social completo, com uma classe social formada, com um Estado correspondente, à testa do qual o stalinismo, como direção e ideologia adequada, assumiu-o de ponta a ponta.

### D

Diante de tudo o que acaba de ser exposto, uma pergunta se impõe: *haveria alguma alternativa? Positivamente, qual? É bom ter essas limitações claras em mente para não embarcarmos em formulações fáceis, como: a) o stalinismo pegou uma ditadura da classe e, traindo a revolução, deu início, após a morte de Lênin, ao capitalismo burocrático de Estado; b) Lênin, Trotsky, Bukharin teriam feito diferente. Para avaliarmos melhor, indaguemos: diante das circunstâncias de isolamento, interno e externo, do país, do partido e da própria revolução, qual a saída que poderia evitar a via stalinista de cristalização de uma ordem do capital pós-capitalista? Uma saída que colocasse a revolução russa num caminho que desse lugar ao socialismo, quando as condições da realidade mundial se fizessem presentes? Teria sido possível uma tal forma de sociedade de transição? Por quanto tempo?*

Como todas as experiências de tentativas de revoluções socialistas em condições de imaturidade para tais, e nas condições de ausência de simultaneidade de socialismos em nações que os fizessem brotar de capitalismo desenvolvidos, não puderam evitar o malogro, tornando-se invariavelmente sociedades reprodutoras do capital. O avanço dessa compreen-

são necessária e impostergável para o destino da humanidade passa pelo estudo dos processos similares ao da Revolução Russa (na China, em Cuba e na Nicarágua, em todo o Leste europeu, na Ásia e na África) - para inclusive entender como tentativas não bem sucedidas puderam e ainda podem chegar a situações nas quais se configuram e podem-se configurar verdadeiras aberrações ditatoriais, a exemplo do que aconteceu, em nome do "socialismo" e da "ditadura do proletariado", na própria China, na Coreia do Norte, na Romênia, etc.

### E

Devemos levar em conta, no presente e no futuro, duas ordens de preocupações que podem evitar erros e marchas forçadas como os que aconteceram até aqui: de um lado, que a História oferece, pela primeira vez, no plano objetivo, a possibilidade de revoluções socialistas simultâneas, inclusive em países capitalistas desenvolvidos, fato novo que poderá combinar, na base de um internacionalismo proletário autêntico, a ajuda mútua de nações pós-revolucionárias, sobretudo a dos países desenvolvidos, onde o socialismo já pode florescer imediatamente às revoluções, aos países atrasados, em que as revoluções se coloquem como necessidades, mas em circunstâncias nas quais o socialismo ainda não possa ser construído de imediato. A outra coisa a ser levada em conta é o fato, reiteradamente posto em manifesto por Stivan Mészáros, baseado em Marx, de que o que tem de ser superado não é só o capitalismo mas toda a vida e a

sobrevida do capital, o que deve compreender que não basta suprimir a propriedade privada dos meios de produção para que o socialismo possa se desenvolver como tal, mas o próprio capital como fator de exploração, dominação, controle e articulação de toda uma ordem de metabolismo social.

# A POLITIZADA ARTE DO CINEMA

Os filmes são as janelas para o mundo. Eles nos permitem desvendar outras mentes - não simplesmente pela identificação com os personagens, embora isto seja uma parte muito importante, mas por nos oferecerem a oportunidade de ver o mundo como outras pessoas o veem.

Roger Ebert, *A magia do Cinema*.

## 1 - BREVE *TRAILER* DOS PRIMÓRDIOS DO CINEMA

O Cinema tem como data histórica de seu nascimento 28 de dezembro de 1895, quando da primeira apresentação do *Cinematógrafo* Lumière no subsolo do Grand Café, no Boulevard des Capuchines, em Paris. A sua designação - Cinema - como abreviatura do aparelho francês, foi adotada na maioria dos países. Porém, até aquela data, desenvolveu-se uma busca incessante, por meio de inúmeras pesquisas e experimentos, no sentido daquilo que se denominou a imagem em movimento.

O sonho da projeção em tela branca já fora acalen-

tado em 1650 com as lanternas mágicas do jesuíta Kirscher, mas as imagens eram fixas. Inútil era prosseguir nesse sentido se ainda não fora inventada a fotografia.

Esta surgiria no século XIX, sendo que a partir daí o objetivo passou a ser a fotografia do movimento por meio de instantâneos multiplicando as imagens numa fita transparente, maleável e perfurada - o filme. Para tanto, durante mais de meio século, centenas de investigadores em diversos países desenvolveram ingentes trabalhos. O primeiro passo foi dado em 1832 pelo físico belga e professor da Universidade de Liège, Joseph Plateau, ao descobrir o princípio da recomposição do movimento a partir de uma série de imagens fixas, e, mais ainda, a decomposição do movimento numa série de imagens fixas. Essa importante descoberta permitiu estabelecer as bases da fotografia em movimento que possibilita à câmera registrar sobre um filme 24 imagens por segundo, sendo depois projetadas no mesmo tempo, dando a impressão de movimento contínuo; isso porque o olho humano guarda na retina a imagem por um tempo maior que 1/24 de segundo, o que faz com que tenhamos uma impressão semelhante à realidade, uma vez que, ao captarmos uma imagem, a anterior ainda está no nosso olho, motivo pelo qual não percebemos a interrupção entre cada imagem.

O princípio dessa descoberta, ainda rudimentar, constava de um disco de cartão perfurado em ranhuras dispostas em coroa.

Essa invenção de Plateau, bem como a do austríaco

Stampfer, que desenvolvia o mesmo tipo de pesquisa sem conexão com o pesquisador francês, utilizava o desenho, pois a fotografia, já inventada, não era ainda conhecida do público.

A substituição do desenho pela fotografia animada, nos aparelhos de Plateau, aconteceria pela primeira vez em 1850 com as descobertas de Claudet, Duboscq, Seguin e outros; porém a descoberta pouco favoreceu, porque a decomposição do movimento nas várias fases exigia a imobilidade da imagem em cada uma delas, possibilitando apenas movimentos elementares.

As pesquisas se sucediam na esteira dessas descobertas, sempre objetivando o aperfeiçoamento.

Até que o fisiologista francês Marey conseguiu, utilizando-se da fotografia, em 1882, criar a primeira câmera, o primeiro aparelho de filmagem, ao adaptar no aparelho por ele inventado, denominado *Cronofotógrafo*, os rolos de películas Kodak, recentemente lançados no comércio. Outros fizeram o mesmo.

Os trabalhos de Marey não eram desconhecidos do norte-americano Thomas Edison, o criador do truste da eletricidade, ao fabricar industrialmente a lâmpada de incandescência, experiência já realizada em laboratórios de diversos laboratórios ingleses, alemães e russos. Com base nos trabalhos de Marey, e utilizando películas de celuloide fabricadas pelas usinas Eastman-Kodak, Edison concebeu o filme padrão perfurado de 35 milímetros, ainda hoje de uso universal, embora outros inventores já houvessem perfurado



películas anteriores.

Em 1894, Edison põe à venda o seu *Quinetoscópio*, o primeiro produto da indústria cinematográfica: uma caixa na qual o espectador via as imagens diretamente das fitas ampliadas por meio de uma lupa. Faltava agora projetar as imagens numa tela. O primeiro êxito acontece nos Estados Unidos da América, em 1895, de maio a outubro, por intermédio de vários pesquisadores, porém de limitado sucesso. O acontecimento marcante ocorreria em 28 de dezembro do mesmo ano na França com a apresentação de Louis Lumière no subsolo do Grand Café, a que já nos referimos.

Apesar da perfeição técnica do aparelho de Lumière, o assunto de seus filmes era que atraía o público com cenas reais de sua vida familiar, de sua fábrica, de suas viagens - era o nascimento do cinema como a "máquina de reconstruir a vida".

Lumière formou também operadores e os exportou para diversos países. Seus operadores, em suas viagens pelo mundo, criaram os primeiros gêneros do cinema: reportagens, documentários, atualidades e as primeiras comédias.

Mas foi Méliès, diretor de um teatro de prestidigitação, quem decidiu empregar no cinema todos os meios do teatro: atores, vestuários, maquiagem, maquinaria, truques, argumentos, trama dramática, etc. Ao assistir às primeiras representações do cinematógrafo - e tendo Lumière se recusado a vender-lhe um aparelho, argumentando que aquilo só servia para pesquisas e que não tinha nenhum futuro comercial - Méliès adquiriu de William Paul, em Londres, um projetor e

com ele, após transformação, pôde realizar filmagens e também copiar, a partir de maio de 1896, os temas mais célebres de Lumière. Em seguida, dando continuidade ao seu objetivo maior, mandou construir perto de Paris, em Montreuil-sous-Bois, o primeiro estúdio, combinando o palco do teatro com o laboratório fotográfico. Assim produziu os primeiros filmes divididos em quadros que duravam mais de dez minutos, ao passo que os filmes de Lumière duravam apenas um minuto.

Utilizando os recursos da maquinaria teatral e os artifícios fotográficos, Méliès criou os rudimentos da técnica do filme, embora se tratasse do teatro fotografado.

Para a concepção verdadeira do cinema como arte independente do teatro faltava a descoberta da *montagem*; isto aconteceria na Inglaterra, por volta de 1900, por meio de trabalhos de pequenas empresas inspiradas nos filmes do sistema Lumière. Esses artífices deram novo alento ao progresso técnico ao criar o grande plano, o carro e as sequências e o desdobramento da ação em vários lugares simultâneos.

Estava consolidada a técnica cinematográfica.

## 2 - O CINEMA COMO ARTE

O Cinema é, entre todas as artes, aquela que tem o maior poder de empatia, e bons filmes farão de nós seres melhores.

Roger Ebert, *idem*.

*Sétima Arte* é assim chamado o Cinema. As outras seis são: Arquitetura, Escultura, Gravura, Pintura, Música e Coreografia (também chamada Artes Cênicas, onde se situam a Dança e o Teatro, Marionete, Mímica, etc. As Belas Letras são quatro: Literatura, Poesia, Gramática e Eloquência).

O Cinema situa-se entre as artes do movimento que se projetam no tempo e no espaço e é definida pelo padre Guido Logger como a "arte que visa a criar a beleza por meio de imagens luminosas em movimento"; e esse mesmo autor, no seu livro *Elementos de Cinestética*, pergunta e ao mesmo tempo responde:

Quê moveu os primeiros cineastas, e mais tarde a vanguarda, a submeter, instintiva e deliberadamente, o Cinema às leis da sua própria natureza?

Em primeiro lugar, desligaram os primitivos a câmera da ideia fotografia, procurando uma reprodução fotográfica, que já apresentasse certo valor emocional, predeterminado pela sucessão de imagens.

Em segundo lugar, soltaram a câmera do chão e libertaram-na da estabilidade, pelo que se acrescentou outro movimento ao já existente, movimento esse que se poderia chamar uma nova dimensão. Com esta câmera móvel, o espectador penetra até o âmago de todas ações e até em todos os detalhes que começam a ter vida própria.

Em terceiro lugar, multiplicaram as câmeras, o que forneceu a possibilidade de combinar vários resultados, apresentando não só a realidade até agora existente, visível, palpável, mas também uma realidade não existente. Realizou-se uma realidade própria.

Em quarto lugar, os primitivos aboliram, de uma vez para sempre, a unidade de lugar.

Em quinto lugar, mais ainda, fizeram do deslocamento de objeto para objeto, de cena para cena, o seu princípio: um

jogo simultâneo com imagens cinematográficas. "A" podia filmar em Londres, "B" em Moscou e "C" em Berlim, e "D" podia ser o homem que reuniria os resultados num todo significativo. Assim se deu o fenômeno paradoxal de que as leis do drama clássico se tornaram antinaturais em relação ao Cinema. Já bem no começo do Cinema viu-se que a unidade de tempo e de lugar não se coadunava com a natureza do Cinema. Quero dizer na prática. As normas vieram depois. Esta necessidade intrínseca conduziu à lei principal do Cinema, a *síntese rítmica* ou sucessão das imagens. Procurava-se na sucessão das imagens contrastes, prosseguimento, prolongamentos, etc., numa palavra, continuidade. Portanto, não ação filmada, mas ação causada. Não a filmagem de uma ação teatral, mas ação em imagens cinematográficas. Não as imagens representando alguma coisa, mas o cineasta representando através das imagens.

Em sexto lugar, e como consequência das outras leis, o objeto não pode mais ter vida própria. Pelas tomadas cinematográficas e pela montagem tornou-se parte do ritmo, um acento que somente tem significação na independência com as outras partes e com os outros acentos.

O *pars pro toto* não vale só para o objeto, mas também para o ator. Seus pés andando, seu rosto, seus gestos, suas costas, sua sombra e mais tarde a sua voz, seu assobio, tornaram-se realidades fascinantes somente pela sua relação com as outras imagens. A ideia representação não serve ao Cinema. O ator não interpreta. É o diretor que interpreta com ele, por meio dele. Onde ele é autônomo e a câmera passiva, não há Cinema, mas Teatro filmado.

Em sétimo lugar, acrescentamos a tudo isso ainda a possibilidade de jogar com a fonte da Arte cinematográfica, isto é, a luz e a escuridão com todos os matizes entre ambas, e estaremos no âmago da tese: o Cinema e o Teatro não são artes afins mas completamente contrárias.

A partir disso, dois elementos estéticos são privati-

vos do Cinema: a fotografia que empolga pela tomada de imagens dos homens e das coisas de tal maneira que resulta em valor emocional e o ritmo resultante da cadência harmoniosa entre as diversas tomadas, por meio do movimento da câmera (planos) e a montagem. Acrescentem-se ainda outros meios, tais como o *flash back*, as fusões e a montagem alternada de dois acontecimentos simultâneos. Isso tudo se realiza por intermédio dos *fotogramas*, que é o material da obra cinematográfica, pelos quais a imagem isolada de uma realidade já existente ou imaginada é apanhada em certo plano. O *fotograma* é uma fotografia, porém, ao representar uma fase de um movimento, dela se diferencia. O uso adequado dos *fotogramas* numa composição lógica realizada na montagem é o segredo do cinema e sua razão de ser.

Ao enumerar as leis da própria natureza do Cinema, Padre Guido Logger toca na questão do ator e do diretor. Essa questão provoca debates e surpreende certas pessoas acostumadas com a elevação desmedida da imagem do ator nos filmes. Há uma diferença fundamental entre o ator de Teatro e o de Cinema. Enquanto aquele age de modo autônomo e independente, em comunicação com a platéia, este é instrumento do diretor, o verdadeiro artista do filme.

O *star-system*, utilizado largamente por Hollywood, sempre obedeceu a uma estratégia mercadológica que contrasta com o objetivo maior da arte. É a vedete que torna o filme vendável e em torno dela se cria o clube de fãs (*fanatics*), imprensa especializada, etc. Nos tem-

pos áureos de Hollywood, os contratos estipulavam o ator, em que cena deveria aparecer e até determinavam os ângulos da tomada e o final do filme.

Mas é o princípio do diretor como o artista que faz com que se diga que um filme é de Fellini, de John Ford ou de Glauber Rocha. Este era radical sobre o assunto: dizia que ator não tinha que entender nada, nem do filme, nem do personagem.

Vejamos o que diz a atriz Edwige Feuillère a respeito do assunto:

Depois da montagem do filme, depois dos cortes, dos arranjos, das truncagens, resta, não a criação do ator, mas uma série de registros da sua imagem, da sua voz, que, adaptados a montados, representam muito menos suas intenções (do ator) do que as do diretor.

É óbvio que um bom ator ajuda, mas se tiver um bom diretor. Inúmeros são os casos de bons atores em interpretações medíocres. Há filmes que se celebrizam com atores não profissionais, escolhidos aleatoriamente no meio do povo. Vemos exemplos assim no neorealismo italiano, nos filmes do *cinema novo* brasileiro e nos filmes de personagem coletiva de Eisenstein.

Resumindo, afirma mais uma vez o Padre Guido Logger:

O diretor utiliza o instrumento cinematográfico ator, assim como utiliza a câmera, a luz e a escuridão, o som e o silêncio, os espaços e as distâncias, o movimento a imagem estática, a água, o céu e mil outras coisas.

E completa:

O ator grande ou pequeno, genial ou medíocre, profissional ou amador, respira uma ordem extra-cinematográfica. Pode nela entrar somente pelo trabalho de outro, e esse outro chama-se diretor.

### 3 - CINEMA & CIA

A montagem foi criada por pequenas firmas inglesas, por volta de 1900, firmas essas mais modestas que as de Méliès, em contraposição ao esquema de quadros sucessivos.

Apoiada nesses inventos, a empresa francesa Pathé Frères produziu filmes para exibição em feiras. A partir disso, e diante do êxito no empreendimento, Charles Pathé tornou-se vendedor de aparelhos. A seguir, criou um estúdio de cinema e contratou Ferdinand Zecca para dirigi-lo.

Zecca passa a realizar centenas de filmes, formando realizadores, atores, argumentistas, cenógrafos, operadores e supervisores, ou seja, uma verdadeira estrutura para o Cinema e, o mais importante comercialmente: começou a copiar os filmes de sucesso em 1900.

Estava dada a largada para a transformação do Cinema em indústria e comércio. O sistema de cópias, ao se reproduzir, permitiu baratear os custos da produção e elevar a taxa de lucro; com isso, Pathé estendeu a influência de suas empresas ao mundo inteiro, abrindo escritórios comerciais, sucursais, estúdios e

laboratórios de copiagem. Fabricando películas virgens e aparelhos de projeção e filmagem, essa empresa francesa estabeleceu o monopólio da indústria e do comércio cinematográficos.

Depois de 1905 aparecem inúmeras salas de cinema luxuosas na Europa. Mas foi nos Estados Unidos que o movimento de resistência ao monopólio se concretizou por meio dos chamados *Independentes*. Imitando os franceses, contrataram atores e autores célebres e reuniram os melhores cineastas americanos (Griffith, Thomas Ince e Mack Sennet), derrotando assim o truste de Edison, que realizava apenas filmes curtos e medíocres.

A arte, como manifestação cultural, está inserida num processo histórico; a arte cinematográfica só poderia ter surgido na era industrial, e o seu caráter teria que ser o da classe hegemônica e sua criadora - a burguesia.

Assim, o Cinema tornado indústria e comércio transforma o seu principal produto e a sua razão de ser - o filme - em mercadoria. A partir desse ponto, a burguesia desenvolve um processo de dominação em que a acumulação cria um universo cultural à sua imagem.

O filme é uma mercadoria, mas uma mercadoria diferente de outras que são objetos concretos. O espectador não compra um filme na bilheteria; ele compra uma entrada que lhe permite assistir ao filme, sentado numa poltrona, que também não lhe pertence. É, pois, uma mercadoria abstrata. É diferente de quando se adquire uma obra de arte do tipo livro ou quadro de pintura e se apossa desses objetos.



A percepção dessa característica própria da mercadoria filme fez com que o comércio cinematográfico se estruturasse. De início, os produtores vendiam as cópias dos filmes aos exibidores que podiam exibí-las quantas vezes quisessem e até revendê-las. Posteriormente, os ladinos produtores perceberam o quanto estavam esvaindo suas possibilidades de obter grandes lucros; decidiram, então, alugar seus filmes aos exibidores recebendo deles uma porcentagem sobre suas receitas. Entre o produtor e o exibidor aparece depois o distribuidor como intermediário na comercialização do filme. Desse modo, o produtor cede parte de sua mais-valia para o distribuidor e o exibidor. Alguns produtores tornaram-se também distribuidores e exibidores de seus próprios filmes.

Hollywood, por exemplo, por volta de 1935, já possuía oito grandes companhias cinematográficas que produziam, distribuía e exibiam seus filmes nas suas cadeias de salas. As cinco maiores eram a *Paramount*, a *M.G.M.*, a *Warner Bros*, a *Twentieth Century Fox* (esta financiada pelo *Chase National Bank*, de Rockfeller) e a *RKO*, também dominada por Rockfeller. As outras três companhias menores eram a *Universal*, a *Colúmbia* e a *United Artists*, que não possuíam salas. Toda a indústria cinematográfica norte-americana encontrava-se sob controle de oito companhias sob a tutela de três grandes grupos econômicos e financeiros: Morgan, Rockfeller e W. R. Hearst.

Estruturada no sistema de monopólio, Hollywood estabeleceu sucursais no mundo inteiro e impôs a compra de seus filmes, de maneira draconiana, nos trata-

dos de comércio com outros países. Um exemplo disso foi o chamado Convênio do Café, assinado em 1935, entre o Brasil e os Estados Unidos, em que proibia o governo brasileiro de fazer restrições à entrada de filmes norte-americanos no Brasil. Muitas vezes os filmes entravam como apêndices nos intercâmbios comerciais.

Esse tipo de comércio continua existindo, o que prejudica o desenvolvimento das indústrias cinematográficas dos países importadores, pois os produtos estrangeiros comercializam suas cópias por preços bem mais baratos, uma vez que os seus investimentos já foram cobertos no mercado interno de seus respectivos países.

#### **4 - A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA**

Toda arte tem a sua linguagem, por meio da qual se comunica com seu público. O Cinema, como arte, também possui a sua linguagem que se expressa por meio da montagem selecionando os seus elementos estéticos básicos: os planos, as sequências, os cortes, campos e contracampos, etc.

De todas as artes, o Cinema é a que se presta mais à utilização de dominação ideológica. Os regimes autoritários sempre se mostraram sensíveis a esse meio de comunicação, ora adotando uma certa linguagem, ora proibindo filmes de linguagem e conteúdo discordantes. Nos chamados países "democráticos" a domina-

ção é feita de modo sub-reptício por meio da cooptação e do condicionamento.

O exemplo maior é Hollywood. Embora os *Independentes* tenham nascido sob o signo da rebeldia contra o monopólio de Edison, como já vimos, mais tarde tornaram-se noutro monopólio. Entre os nomes mais destacados desse grupo estava o homem que veio a criar uma nova linguagem cinematográfica - a *arte muda* - chamado David Wark Griffith. Foi ele que, imitando os franceses, contratou atores célebres, investiu milhões em grandes produções, assegurando o domínio dos mercados americanos e, durante a guerra de 1914, partindo para a conquista do mundo. Suas empresas foram transferidas, em 1911, de Nova Iorque para um subúrbio de Los Angeles, que veio a se tornar a marca do Cinema americano - Hollywood.

Em 1915 Griffith revolucionou a arte, a técnica e a indústria cinematográfica com o seu filme *Nascimento de uma Nação*, com mais de duas horas de duração, numa época em que os filmes tinham duração máxima de 40 minutos.

No ano seguinte, diante das severas críticas contra o cunho racista desse seu filme, Griffith produziu *Intolerância*, com cerca de quatro horas de duração, como que se penitenciando; porém foi um fracasso de bilheteria.

Com Griffith encerra-se o cinema primitivo e surge a nova linguagem organizada num sistema, esta que ainda hoje prevalece nos seus pontos básicos: seleção de imagens na filmagem e a montagem dessas imagens numa sequência lógica e temporal. Griffith foi o

pai da linguagem cinematográfica.

Hollywood tornou-se a geratriz desse tipo de cinema individualista consentâneo com a ideologia do capital que emergia cada vez mais poderoso nos Estados Unidos, por intermédio do sistema fordista. O objetivo agora era preparar o público para receber, por meio de seus filmes, a versão dos produtores: a de que, no sistema capitalista, a ascensão social individual está ao alcance de todos sem distinção social, dentro da lei. Os filmes apresentavam sempre um mundo maravilhoso em que os conflitos sempre terminavam num "final feliz". Mas havia também os filmes de terror, os filmes policiais, mas a vitória era sempre do mocinho contra os vilões. Os problemas eram simplesmente resolvidos pela ação individual de personagens corajosas, valentes e sagazes. Subliminarmente, era a ideologia do capital.

Assim era Hollywood, essa "fábrica de sonhos" no seu apogeu, nos anos 1940 e 1950. A meta era produzir filmes "para público de 8 a 80 anos de idade". Esse tipo de filme foi a salvação quando do estouro da Bolsa de Nova Iorque em 1929. A companhia cinematográfica Warner, como todos os demais estúdios, estava em má situação financeira; como salvação, Darry F. Zanuck, então chefe dos estúdios da Warner, contratou Busby Berkeley para realizar os filmes coreografados que ele já vinha fazendo. No público deprimido pela crise, foi surpreendente o impacto daquelas dezenas de coristas em formações geométricas e movimentos sincronizados. A era dos musicais, agora possível com o cinema falado, inaugurado em 1928

com o filme *O Cantor de jazz*, passa a ser o lenitivo para um público ainda em estado de choque diante da crise.

No resto do mundo, porém, o Cinema tomava um rumo diferente em alguns países.

Ainda na fase do cinema mudo, destacou-se o Cinema soviético, político por excelência. O Cinema russo nascera por volta de 1908, adaptando obras literárias. Com a revolução de Outubro de 1917, uma parte dos artistas e técnicos emigrou para Berlim, Paris e Hollywood. A guerra civil e a penúria resultante impedia de realizar filmes importantes. Depois de 1922, quando Lênin acentuou que "o Cinema é para nós, de todas as artes, a mais importante", o governo soviético forneceu estúdios, dinheiro, câmeras e estoques de películas a jovens cineastas. A partir daí, surgiram nomes de destaque, como Dziga Vertov, o primeiro a enunciar a teoria do *cinema-verdade* (*Quino Pravda*) ou do *cinema-olho* (*Quino Gláz*), que, rejeitando cenários e atores, pretendia apanhar o homem "ao vivo"; e depois, o maior deles, Serguey Eisenstein. Este sagrou-se com o seu reconhecido mundialmente *Encouraçado Potiônquim*, filmado por ocasião do vigésimo aniversário da Revolução de 1905. O cinema político atinge o auge com Eisenstein, que antes de *Encouraçado* já havia realizado *A Greve*, e depois dirige *Outubro* e *A Linha Geral*.

Outros exemplos de cinema surgiram em oposição ao sistema cinematográfico dominante, e até uma *Liga Internacional de Cinema* foi fundada na Suíça em 1929 voltada para o cinema de vanguarda, mas que tam-

bém veiculava filmes de esquerda. Houve até uma *Internacional de Cinema Revolucionário* proposta por um teórico húngaro, Bela Balazs, que integrava não só cineastas mas também espectadores que contribuíam pagando seus ingressos antes da realização do filme, possibilitando, assim, sua produção.

Ações semelhantes a essas surgiram até nos Estados Unidos.

Mas o cinema independente passava por dificuldades com o advento do cinema sonoro e com a crise de 1929. Como se não bastasse isso, a rejeição do comércio cinematográfico a esse tipo de cinema, aliada à repressão política e policial, determinou o fim do cinema, digamos, "engajado".

Com o advento da TV, em 1950, a indústria cinematográfica sofre nova crise: reduz-se o número de salas de projeção, em função da redução do número de espectadores. Só nos Estados Unidos, em dez anos, de 1945 a 1955, o número de salas caiu de 21 mil para 14 mil e o de espectadores de 90 milhões para 45 milhões, enquanto as emissoras de TV passaram de 6, em 1946, para 511 em 1955, e o número de receptores, no mesmo período, passou de 30 mil para 46 milhões.

Diante disso, os produtores de cinema se voltaram para a TV, que ainda estava dando melhores lucros, alugando estúdios e produzindo para ela. Contudo, encontraram uma fórmula para continuar realizando aquilo que a TV não conseguia: as superproduções. Surgem novas técnicas de som, a projeção em telas gigantes (*Cinemascope*, *Cinerama*, etc.) e os filmes monumentais que, apesar de não se pagarem no merca-

do interno, terão lucros compensadores graças à dominação de mercados internacionais. São dessa época *Os Dez Mandamentos* (1955), *O Maior Espetáculo da Terra* (1952) e outros mais. Ao lado disso, surge um tipo de cinema específico para públicos menores, como o cinema erótico e o pornográfico ou ainda o cinema de contestação social com novas formas de linguagem, chamado de cinema de "arte".

## 5 - OUTRAS LINGUAGENS

A partir do cinema alienado de Hollywood, outras manifestações de linguagem cinematográfica aconteceram no decorrer da história do Cinema.

- **O *expressionismo alemão***

De curta duração, vigorou nos anos 1920 e 1930, influenciado pela literatura e pelas artes plásticas, sobretudo o *cubismo*. Esse tipo de cinema contava histórias fantásticas mostrando imagens que pouco tinham a ver com a realidade cotidiana. Os espaços, a Arquitetura, os objetos eram totalmente "deformados". A realidade que se queria mostrar, cheia de penumbras e sombras, era a interior do cineasta-poeta, subjetiva. Exemplos clássicos desse período são *O Gabinete do Doutor Caligari* (Wiene, 1919) e *Nosferatu* (Murnau, 1922). Outro cineasta de destaque dessa fase foi Fritz Lang, que, entre outros filmes, realizou *Metrópolis* (1926), cujo tema é a exploração dos trabalhadores na indústria e a proposta futurista da utilização do robô em substituição ao trabalho humano - um sonho capitalista de

todas as épocas. O filme termina com uma proposta de conciliação de classe, o que muito agradou a Hitler. A fábula tão difundida de que Hitler, ao assistir esse filme de Fritz Lang, tê-lo-ia convidado, por intermédio de Goebbels, a assumir a direção do Cinema na Alemanha e Lang teria recusado, empreendendo precipitada fuga para Paris e depois para os Estados Unidos, é negada por Patrick McGilligan em sua biografia. Patrick afirma que nenhuma proposta a Lang jamais constou dos diários de Goebbels (que anotava tudo); por outro lado, outro filme de Lang, *O Testamento do Dr. Mabuse*, estava proibido por Goebbels; a avó de Lang era judia; e há registros de várias entradas e saídas de Lang na Alemanha, antes de ir para os Estados Unidos; além do mais, somente em 1942, com os Estados Unidos já na guerra é que Lang passou a falar desse assunto.

O *expressionismo* alemão, destroçado pela ascensão do nazismo, deitou sementes nos países onde os cineastas alemães se refugiaram. Nos Estados Unidos, por exemplo, os traços *expressionistas* se revelaram no filme *Cidadão Kane*, de Orson Welles (1941), embora neutralizados pela narrativa americana. Esse filme é considerado por todos os críticos como outro marco do Cinema, em termos de linguagem, estando sempre entre os dez primeiros em todas as classificações de cem melhores filmes do mundo.

[Nos anos 1920 surgem também a *avant-garde* (vanguarda) francesa e o *surrealismo* cinematográfico, sendo que deste sua maior expressão está em dois filmes do cineasta Luis Buñuel: *Cão Andaluz* (1928) e *A Idade*



do Ouro (1930)].

- **O neorealismo italiano**

Na Itália destruída pela II Guerra Mundial tem início, oficialmente, em 1945, um movimento com preocupações sociais e com renovação de linguagem - o *neorealismo* - que já vinha se desenvolvendo clandestinamente às vésperas da deposição do ditador Benito Mussolini, em 1943. Diante da crise que o país atravessava, os cineastas voltaram-se para produções mais econômicas utilizando atores não profissionais, filmagens fora de estúdio, temas cotidianos e, principalmente, enfoque humanista abordando o dia-a-dia de proletários, camponeses, lumpens e classe média. As filmagens externas, com seus novos enquadramentos, luz diferente, acabaram influenciando novas linguagens que se espalharam por outras cinematografias, tais como o *cinema novo* e a *nouvelle vague*.

Os marcos principais desse movimento foram os filmes *Roma, Cidade Aberta* (1945) e *Paisá* (1946), de Roberto Rossellini e *Ladrões de Bicicletas* (1948) e *Humberto D* (1951), de Vittorio De Sica.

Nos meados da década de 1950, o movimento perdeu força. A invasão do cinema americano encontrou guarida num público que já experimentava o delírio de uma sociedade voltada para o consumismo, num sistema em fase de *boom* econômico. Os dramas sociais, agora subsumidos, não empolgavam mais e os filmes dessa temática tornaram-se fracassos de bilheteria. Comédias popularescas sem uma visão crítica da sociedade, tipo *Pão, amor e fantasia*, de Luigi Comencini,

apelidadas de *neorealismo cor-de-rosa*, passaram a atrair platéias cada vez mais numerosas.

• **A *nouvelle vague* francesa**

Na França, no fim dos anos 1950, outro movimento renovava a temática e a linguagem cinematográficas - a *nouvelle vague* - embora seus precursores possam ser encontrados nos fins dos anos 1940, com Alexandre Astruc e com Jean-Pierre Melville, que, em 1946, no seu *24 heures de la vie d'un clown*, já empregava semelhantes métodos modernos de linguagem. Seus personagens se preocupavam com suas questões existenciais, apesar da França estar envolvida numa guerra colonial na Argélia. Nessa época o *existencialismo* era ideologia bastante difundida entre intelectuais da elite burguesa.

Sobre esse movimento, eis o que diz o professor André Setaro da Faculdade de Comunicação da Ufba e crítico de Cinema:

*A nouvelle vague* faz uma apologia da liberdade existencial do homem contemporâneo (aquele de 1959) e nos seus filmes o tratamento temático se desvincula dos padrões gramaticais estabelecidos. Consolida-se o não-herói em oposição ao herói clássico ou, mesmo, o anti-herói. O retrato de uma situação, a descrição e análise de um momento da vida e o estudo de comportamentos ambíguos triunfam sobre o argumento tradicional.

[...] o sopro de modernidade francês determina uma nova maneira de narrar a partir de fragmentos dessemelhantes não mais unidos por um esquema dramático rígido mas pelo evoluir dos personagens em torno de núcleos de impulsos de idéias.

Seus cineastas surgiram da crítica por intermédio da revista *Cahiers du Cinema*. Teoricamente, o movimento nasceu de um artigo de François Truffaut denunciando o sistema de produção até então vigente no cinema francês, que não dava oportunidade aos iniciantes, via de regra desprovidos de recursos, o que provocava desconfiança entre os produtores preocupados com a garantia do retorno dos seus investimentos. Assim, os críticos de *Cahiers du Cinema*, com recursos do próprio bolso ou tirados da família ou ainda de cooperativas, decidiram realizar na prática as suas ideias. São eles: François Truffaut, Jean-Luc Godard, Eric Rohmer, Claude Chabrol, Jacques Rivette, Doniol-Valcrose, Pierre Kast e André Bazin, este fundador da revista e considerado pai espiritual do grupo, falecido prematuramente em 1958.

Desprovidos de grandes equipamentos, com orçamentos apertados e prazos exíguos, os cineastas usavam o recurso da câmera na mão, a iluminação natural e as poucas tomadas.

Oficialmente, o marco inicial do movimento foi a premiação de *Os incompreendidos*, de François Truffaut, com a Palma de Ouro, no Festival de Cannes, em 1959, na categoria de "melhor direção".

Apesar de *Os incompreendidos* ser considerado o marco inicial, no entanto é *Acossado*, de Godard (1959), que mais representa o espírito rebelde do grupo.

E mais uma vez, ao lembrar os anos que nos separaram desse movimento, afirma o professor Setaro:

Os [47] anos da *nouvelle vague*, neste momento de deslumbramento tecnológico, hegemonia da indústria cultural dos *blockbusters* e, em consequência, da perda da humanidade dos filmes, devem ser registrados como um exemplo único de modernidade, de criatividade, de impacto na sociedade de sua época, de renovação da linguagem fílmica e, principalmente, do império do cinema como um gênero técnico-formal mais virado para a expressão do que para a comunicação. Diante da crise da contemporaneidade, na qual o cinema como expressão da imagem humana se afunda numa profusão de títeres, marionetes e efeitos especiais, na qual o homem desaparece, vale lembrar que a sobrevivência do cinema como arte está estreitamente ligada à tutela da sua função mitopoética e ao reconhecimento do seu papel de grande matriz moderna da cultura.

Com seus filmes intimistas e alguns deles herméticos para o grande público, esse importante marco do Cinema mundial acabou sendo rejeitado pelos circuitos comerciais, o que determinou o seu fim.

#### • *O cinema novo*

Esse movimento, como muita gente pensa, não nasceu no Brasil nem foi criado por Glauber Rocha; como também não é dele, e sim do cineasta Paulo César Sarraceni, a expressão: "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça". Sua origem data de 1945, com o surgimento do *neorrealismo* italiano; e, como este, buscou uma renovação na linguagem e na temática com preocupações sociais.

O *cinema novo* aconteceu em diversos países (Cuba, ex-URSS, Argentina, Bolívia, Alemanha, etc.), mas destacou-se no Brasil pelo prestígio adquirido no exteri-

or por intermédio de seus diretores, com destaque para Glauber Rocha.

O primeiro marco desse movimento foi o filme *Rio, Quarenta Graus* (1955), de Nelson Pereira dos Santos; porém seu auge se deu na década de 1960 como reflexo da crise do fordismo e da resistência das economias nacionais contra a investida do capital monopolista estrangeiro determinando o surgimento de uma onda de nacionalismo pelo mundo e que, em alguns países, tomou a forma de guerra de libertação nacional.

No Brasil, a abertura da economia ao capital estrangeiro, iniciada no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), provocou reação contrária de setores da burguesia nacional consubstanciada no projeto nacionalista dos anos 1960, mobilizando politicamente a intelectualidade do país com reflexos nas artes, sobretudo no Cinema.

O conceito de *cinema novo*, no Brasil, foi sintetizado por Glauber Rocha na sua tese-manifesto, intitulada *Uma Estética da Fome*, apresentada e publicada em 1965 por ocasião da retrospectiva realizada na Resenha do Cinema Latino-Americano, em Gênova, em janeiro daquele ano. Em linguagem extremamente radical propunha um cinema revolucionário, independente das preocupações mercantilistas e das puramente formais afirmando que "o compromisso do cinema industrial é com a mentira e com a exploração"; e tinha passagens como estas:

O que fez do Cinema Novo um fenômeno de importância internacional foi justamente seu alto nível de compromisso

com a verdade; foi seu próprio miserabilismo, que, antes escrito pela literatura de 30, foi agora fotografado pelo cinema de 60; e, se antes era escrito como denúncia social, hoje passou a ser discutido como problema político

[...] o comportamento exato de um faminto é a violência, e a violência de um faminto não é primitivismo.

[...] uma estética da violência antes de ser primitiva é revolucionária, eis aí o ponto inicial para que o colonizador compreenda a existência do colonizado; somente conscientizando sua possibilidade única, a violência, o colonizador pode compreender, pelo horror, a força da cultura que ele explora. Enquanto não ergue as armas, o colonizado é um escravo; foi preciso um primeiro policial morto para que o francês percebesse um argelino.

[...] onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade, e a enfrentar os padrões hipócritas e policialescos da censura intelectual, aí haverá um germe vivo do Cinema Novo.

Sabemos nós - que fizemos esses filmes feios e tristes, esses filmes gritados e desesperados onde nem sempre a razão falou mais alto - que a fome não será curada pelos planejamentos de gabinete e que os remendos do technicolor não escondem, mais agravam seus tumores. Assim, somente uma cultura da fome, minando suas próprias estruturas, pode superar-se qualitativamente: e a mais nobre manifestação cultural da fome é a violência.

Com essa radicalidade, tal proposta teria vida curta. A censura imposta pela ditadura militar, por meio do AI-5 (1968), e a linguagem hermética de certos filmes, rejeitada pelo público, determinaram inicialmente a lenta agonia dessa proposta até sua total

inviabilidade, juntamente com o projeto político que a determinou.

Filmes importantes foram produzidos nessa época, entre eles *Vidas Secas* (Nelson Pereira dos Santos, 1964), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (Glauber Rocha, 1964) e *Os Fuzis* (Ruy Guerra, 1964), enfocando temas rurais. Outros tantos foram produzidos voltados para temáticas urbanas.

### • O cinema *político italiano*

Fortemente influenciado pelo *cinema novo* latino-americano, esse gênero de filme nasceu da conjuntura de uma Itália que saíra destroçada de uma guerra e atravessava um período de reconstrução, nos anos 1950, e chegava à década de 1960 passando de uma economia agrária para uma predominantemente industrial. Os personagens criados pelo cinema dos anos do *neorealismo* não são mais os mesmos. O crescimento das grandes fortunas pessoais e o aumento da corrupção criaram uma nova realidade a que o cinema italiano logo se apercebeu.

Ainda em 1963, Francesco Rosi denunciava a especulação imobiliária, que, de forma avassaladora tomava a cidade de assalto, no seu emblemático filme intitulado *As mãos sobre a cidade* (1963). Esse filme, pela sua temática sempre atual, tem sido utilizado como material de estudo nas escolas de Arquitetura e Urbanismo.

Mas, segundo estudiosos do assunto, o marco inicial do cinema politicamente engajado italiano é o lançamento do filme *Investigação sobre um cidadão acima de*

*qualquer suspeita*, de Elio Petri, em 1969.

Nos anos 1970, quando o boom econômico começa a desacelerar e mais uma crise mundial do capitalismo se instala - esta que aí está há 33 anos e sem perspectiva de saída - a Itália experimentou uma situação de convulsão social, com manifestações operárias e estudantis e a ação de organizações políticas armadas. O cinema que surge dessa confluência teria que ser naturalmente de denúncia, dentro de um novo estilo e de uma nova linguagem. Diretores como Elio Petri, Gillo Pontecorvo, Francesco Rosi, Damiano Damiani, Giuliano Montaldo e outros eram homens compromissados com as lutas sociais, na maioria militantes de esquerda. Embora o marco inicial tenha sido considerado como *Investigação sobre um cidadão acima de qualquer suspeita*, no entanto o filme *A batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo (1966), é visto como a ponte que liga o *neorrealismo* ao cinema político dos anos 1970, na Itália.

Infelizmente, por não estar à disposição do público, poucos desses filmes podem ser vistos hoje, nem por meio de vídeos; alguns deles sequer chegaram ao Brasil. São filmes que buscam uma transformação de consciências numa relação entre filme e espectador apontando as ligações profundas entre cinema e política, que, como afirma Vittorio Taviani, "compartilham a mesma ética" - filmes que fazem de nós "seres melhores".

- **O cinema pós-moderno**

Eles [os filmes] nos mostram um inconsciente coletivo no



processo de tentar identificar seu próprio presente, ao mesmo tempo que iluminam o fracasso dessa tentativa, que parece reduzir-se à recombinação de vários estereótipos do passado. Talvez, de fato, o que se segue após uma autoconsciência de geração tão forte, como a experimentada pelo "pessoal dos anos 60", é, no mais das vezes, um grande desnorteamento.

Fredric Jameson, Pós-modernismo.

A expressão "após a queda do Muro de Berlim" é usada com tanta frequência nos discursos políticos - de esquerda ou de direita - que já virou chavão. Às vezes é usada de modo atemporal, com intuito de demonstrar erudição, por muitos que nem sequer sabem o que significou esse fato.

A queda do Muro de Berlim, ocorrida em 09-11-1989, historicamente falando, pode ser considerada como referência, assim como se usa a.C. / d.C. nas datas históricas da Antigüidade.

Aquela construção representava simbolicamente a divisão do mundo em dois grande sistemas econômicos e políticos: o Capitalismo Monopolista Privado, liderado pelos Estados Unidos e seus aliados e o Capitalismo Monopolista de Estado, representado pela ex-URSS e os demais países do bloco soviético.

Berlim era o palco onde monotonamente se representava a universal farsa que dizia ser o mundo dividido entre Capitalismo e Comunismo, ou ainda entre Democracia e Escravidão.

A queda do Muro foi como o rompimento de uma fortaleza pela "artilharia mercantil", de que fala Marx, prenunciando a derrota de uma das partes dentro da

premissa de que "é preciso que tudo mude para que tudo permaneça como está", como afirmava Tancredi, personagem de *O Leopardo*, de Lampedusa, livro que aborda a derrocada da aristocracia e a ascensão da burguesia.

O cerco ao Muro, no entanto, já se processava há muito. Afora o bloco soviético, no resto do mundo uma nova estratégia capitalista se esboçava diante da crise de superprodução gerada pela queda da taxa de lucro - a *reestruturação produtiva* e o seu correspondente ideológico, o *neoliberalismo*. Esse método foi aplicado pela primeira vez no Chile, em 1973, e se consolidou na Inglaterra, em 1979.

A mundialização da economia enfraqueceu o bloco soviético levando-o ao esfacelamento. Esse fato - para muitos, surpreendente - fez reverter concepções arraigadas. Num muro de uma cidade chilena alguém *grafitou*: "Quando já tínhamos as respostas, mudaram-se as perguntas". Era a síntese do desencanto.

O processo, que se convencionou chamar de globalização, neutralizou o que George Lukács chamou de "revolta humanista contra o imperialismo". Ao fazê-lo, desestruturou os enraizamentos nacionais extremamente diversos - que são, em cada povo, no nível social e histórico a sua maneira própria de existir, a partir de circunstâncias originárias - derrotou as vanguardas e, usando um termo *brechtiano*, "plebeizou" a arte, sem, contudo, significar esclarecimento popular e sim novas formas de alienação sob a égide do mercado. Jameson, no seu *Marxism and Form*, alerta:

Em termos psicológicos podemos dizer que, como economia de serviços, estamos doravante tão afastados das realidades da produção e do trabalho que habitamos um mundo onírico de estímulos artificiais e experiências via TV: nunca, em nenhuma civilização anterior, as grandes preocupações metafísicas, as questões fundamentais do ser e do significado da vida pareceram tão absolutamente remotas e sem sentido.

E Perry Anderson, no seu livro *As Origens da Pós-modernidade*, completa:

O que outrora podia ser representado alternativamente pela alta sociedade ou pelo submundo, o nativo ou o estrangeiro, some agora numa fantasmagoria de condições intercambiáveis e mobilidade aleatória, na qual nenhuma posição na escala social é jamais irrevogavelmente fixa e o estranho só pode ser projetado para fora no replicante ou extraterrestre. O que corresponde a essa figuração não é nenhuma igualdade objetiva maior - que, ao contrário, recuou por toda parte no Ocidente pós-moderno - mas sim a dissolução da sociedade civil como espaço de privacidade e autonomia numa recortada terra de ninguém de pilhagem anônima e violência desregulamentada: o mundo de William Gibson ou *Blade Runner*.

Eis aí a definição do tipo de cinema que domina hoje as plateias dos Multiplex e as "telas quentes" da TV e que está a serviço da grande indústria cinematográfica na busca incessante do lucro e do domínio das consciências, com seus *blockbusters*, que alguns já traduziram desairosamente em terminologia escatológica.

A "recombinação de vários estereótipos do passa-

do", referente na epígrafe, pode ser observada num dos filmes escolhidos por Jameson como referência do chamado cinema *pós-moderno*: *Veludo Azul*. Trata-se de uma alegoria vazia dos anos 1950, com toda aquela banalidade típica dos filmes B, de ação, norte-americanos, sem faltar o "final feliz". Sendo a alegoria representação de um objeto para dar ideia de outro, Walter Benjamin afirma que "a transcendência ligada ao alegorismo faz quebrar os quadros de toda a estética", pois, segundo ele, a tentativa de representar um objeto "significa precisamente o nada daquilo que ele representa"; e, continua Benjamin: "A imagem é, no campo da intuição alegórica, fragmento, ruína".

Outro filme também referência é *Blade Runner*, cuja tradução seria *O que corre sob a lâmina*. No filme - em que predominam as sombras e as cenas noturnas características dos filmes *noir* dos anos 1930 e 1940 - os habitantes da cidade de Los Angeles, no ano 2019, vivendo em condições subumanas, circulam, solitariamente, em constante movimento por ruas e becos sujos, mal iluminados por painéis de *neon*, sob chuva incessante, assediando montanhas de lixo e mantidos sob controle por meio de entidades poderosas e corruptas que se escondem no alto de grandes edifícios. A ordem é mantida por veículos voadores sobrevoando a cidade em constante vigilância, por balões de aviso e pela luz crua de potentes holofotes.

(Transportando-se para uma realidade de hoje, com 28 grandes conglomerados de empresas dominando a economia mundial, é de se imaginar o que poderá acontecer no ano a que se refere o filme, quando a con-

centração de riqueza será muito maior e diante da previsão sombria - esta baseada em dados concretos - de megalópoles com cerca de 30 milhões de habitantes, por volta do ano 2050.)

Uma das empresas, após domínio absoluto na Terra, decide conquistar outros planetas; para tanto utiliza-se de robôs assemelhados aos humanos em aparência e inteligência, porém dispendo de força física descomunal, chamados de *replicantes*. São seres frios e pragmáticos, infensos às emoções, numa visão metafórica da geração *pós-moderna* com seu individualismo na busca do sucesso pela competitividade à custa da solidão - a "diminuição do afeto" de que fala Jameson. Os *replicantes* estão proibidos de retornar à Terra; nem por isso uma rebelião pôde ser evitada e cinco deles desobedecem a proibição. O filme trata dessa perseguição aos "rebeldes" e, como sói acontecer nos filmes americanos, os produtores exigiram um final consolador, diferente do imaginado pelo diretor e adequado à condicionada expectativa do público: uma cena piegas de *replicante* soltando pomba branca da paz e a *mocinha-replicante* traindo a categoria, aderindo ao sistema e "ficando" com o *mocinho* caçador de *andróides*.

Afinal, Cinema é arte, entretenimento, indústria e comércio, tudo isto, porém, dentro de um contexto social; daí o seu caráter político. Até o filme mais água-com-açúcar dos tempos áureos de Hollywood, ao tentar esconder uma determinada realidade social, estava inserido num contexto político.

Na atualidade, o capitalismo - por intermédio do

*pós-modernismo*, hoje hegemônico no mundo, um sistema norte-americano, oriundo, portanto, de uma sociedade que cultua a violência - expõe sem receio as suas vísceras; pois, como afirma Jameson:

[...] a lógica do simulacro, com sua transformação de novas realidades em imagens de televisão, faz muito mais do que meramente replicar a lógica do capitalismo tardio: ela a reforça e a intensifica.

E complementa mais adiante:

[...] esse novo e original espaço global, extraordinariamente desmoralizante e deprimente, é o "momento da verdade" do Pós-modernismo.

Veja-se o caso do cinema francês dos anos 1950 e 1960 com o charme e o refinamento dos seus filmes, sobretudo nos da *nouvelle vague*, com sua capacidade de transmitir encantamento ao cotidiano, mesmo com temáticas de crime, como, por exemplo, em *Acosado* (Jean-Luc Godard, 1959). Agora, o que se vê é a violência desenfreada nos filmes que retratam a deselegância, o tédio e o descaso dos que habitam os subúrbios franceses (*os banlieues*), cujos exemplos recentes foram os protestos de jovens descendentes de imigrantes que redundaram na destruição de milhares de automóveis.

Apesar da hegemonia *pós-moderna*, bolsões de resistência existem em todo o mundo. Verdadeiras obras-primas têm sido realizadas nos últimos vinte anos, apesar do *pós-modernismo*.

A resistência vai da produção à distribuição. O surgimento das chamadas "salas de arte" criou uma alternativa para os que não aceitam a massificação dos filmes dos conjuntos Multiplex, onde o conteúdo se esgota com o dos sacos de pipoca e dos copos de refrigerantes.

Esses bolsões de resistência, contudo, não impedem a esterilização de consciências produzida pelo cinema norte-americano, muito bem sintetizada na frase do cineasta iraniano, Abbas Kiarostami:

Hollywood é mais poderosa que o Exército americano.

# RELIGIÃO: O CUSTO DA ALIENAÇÃO

## Introdução

Em plena era da clonagem, do conhecimento genético do DNA, dos transplantes de órgãos, do desenvolvimento da robótica, das viagens aeroespaciais, centenas de milhares buscam a "salvação eterna" como saída preferencial para a explicação da existência humana, corporificada em um ser superior, situado nas calendas do além e nos caminhos percorridos pela alma desconectada do corpo físico. Essa perspectiva da eternidade da alma humana não deixa de ser uma posição por demais egocêntrica de se achar que os seres em toda a sua particularidade são devidamente insubstituíveis e que têm, portanto, que viver eternamente, nem que para isso tenha que se criar uma vida após a morte. Só o mundo em toda a sua plenitude universal pode ser considerado eterno, mesmo assim dentro de uma temporalidade medida pela infinitude do espaço. Nesse sentido, o mundo existiu desde sempre e existirá para sempre, mesmo em processos de mudanças e autodestruição até.



No Brasil, como divulga a revista *Galileu*, de julho/2002, mais de 90% creem em Deus, segundo dados divulgados pelo IBGE. Nos Estados Unidos, essa porcentagem já ultrapassa os 96%. Além disso, *Galileu* diz que nos últimos dez anos foram criadas cerca de 100 mil novas religiões no mundo; mesmo assim, não se parou de realizar matanças e guerras indiscriminadas. Por que essa tamanha necessidade em ter fé? Os filósofos, os cientistas sociais, a Medicina e a Psicologia, entre outros ramos do conhecimento, têm contribuído para atacar verdades absolutas propiciadas pela fé, ao tempo em que buscam respostas mais aproximativas e racionais possíveis aos questionamentos que as mentes esquadrinham para resolver os problemas do ser, da vida e da morte.

Um dos fenômenos da fé mais intrigantes neste começo de século é o crescimento das religiões de caráter fundamentalistas, não apenas no mundo islâmico, mas no mundo cristão, sobretudo em várias partes do planeta, em especial aqui no Brasil. Tem-se, por exemplo, o crescimento acelerado das igrejas evangélicas, como são conhecidos os protestantes nos dias de hoje, sobretudo os que se autodenominam de "pentecostais" e "neopentecostais", das quais fazem parte a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a do Evangelho Quadrangular, etc. Tal crescimento é uma realidade inquestionável.

A sofisticação da ação religiosa obedece a uma necessidade material de existência. Portanto, a ação religiosa dos evangélicos protestantes, por maior que tenha sido o seu crescimento (em 1991 os católicos re-

presentavam 83,8% e os evangélicos 9,0%; já em 2000, os católicos representavam 73,8% e os evangélicos haviam atingido 15,4%), está ainda distante de ocupar uma posição majoritária no cenário nacional. No entanto, não nos restam dúvidas de que são eles que representam melhor o imaginário construído pelo senso comum, pelo consumismo e individualismo na sociedade capitalista, ou, como afirmou Max Weber, a religião preferencial do capitalismo. São, assim, capazes de construir uma representação mais próxima do mundo, predominantemente dominado pela mercadoria e pelas trocas mercantis, baseada na lei do valor e da conseqüente extorsão da mais-valia, na forma de lucro, criada pela compra da força de trabalho da classe operária, em particular, e pelas multidões de proletários em geral, como bem demonstrou Karl Marx.

Assim, os apelos dos pastores protestantes são, na maioria das vezes, de cunho eminentemente material, apesar das delongas, exaltações e louvores apelativos. "Enquanto a Igreja Católica prega o sofrimento na Terra, os neopentecostais ensinam que Jesus já pagou o pecado das pessoas na cruz e que, portanto, elas não precisam sofrer mais", diz o pastor Anderson Angelotti Moraes à revista *Galileu*, faltando acrescentar que, para viver bem não importa que milhares de seres humanos estejam totalmente à margem do processo da "salvação", pois esse é, na verdade, um privilégio de alguns poucos eleitos. O que interessa no final das contas é uma busca constante pelas coisas materiais que, em última instância, é a verdadeira fonte alimentadora do espírito.

O mundo hoje já não é tão obscuro quanto há alguns séculos, graças ao trabalho diligente e pioneiro de alguns talentosos, geniais e revolucionários homens das ciências, como o matemático Euclides (séc. III), o astrônomo Copérnico (séc. XVI), o físico Galileu (séc. XVII), o químico Lavoisier (séc. XVIII), os biólogos Bernard e G. Mendel, os antropólogos Lamark e Darwin (séc. XIX), os psicólogos Wundt, Fetchhnes, e Freud (séc. XIX) e os filósofos, sociólogos e economistas como Kant, Dukheim, Marx e Engels (séc. XIX) e tantos outros que depositaram suas vidas em prol de um mundo melhor para a humanidade. Não foram poucos os que, mesmo atuando em áreas específicas das ciências, conseguiram galgar significativos degraus da totalizante árvore do conhecimento, como era e continua sendo a filosofia dialética e materialista.

Muitos deístas trabalharam e trabalham utilizando-se de métodos e materiais teóricos analíticos que em nada se assemelham às fabulosas passagens bíblicas, em que estão depositadas as suas crenças e os seus compromissos com a fé. Ao contrário, as bases em que estão depositadas as ciências físicas, químicas, psicológicas, matemáticas, econômicas, históricas e sociológicas justificam-se profundamente no materialismo histórico e dialético, fonte para o conhecimento objetivo e subjetivo da realidade, apreendida pela razão e a emoção de homens e mulheres autodisciplinados e igualmente sensíveis.

## **Os evangélicos e a alienação**

A religião como um todo - e os protestantes em par-

ticular - apregoa pelos cantos do mundo que os problemas que afligem a todos são meramente de ordem individual e de fácil resolução. Não é à toa, portanto, que Marx afirmou ser a religião o ópio do povo, uma verdadeira droga capaz de cegar o indivíduo a tal ponto que este não vislumbre por um longo período, às vezes por toda uma vida, a possibilidade do ser humano, ele mesmo, por si próprio, chegar e tomar a responsabilidade de uma ação conjunta e coletiva para a construção de uma nova realidade.

Há em todas as religiões ocidentais a crença de que um mundo puro e solidário será possível de se alcançar após a morte e num encontro com o "Deus criador". Pode-se afirmar que essa é uma das máximas da fé cristã, que acaba por ser reforçada na mente dos milhares de proletários e pessoas simples amedrontadas pela violência, desemprego, miséria, fome, péssimas condições de vida e falta de perspectivas para a juventude. As mazelas que o capitalismo reserva para o conjunto dos trabalhadores e demais massas humanas sem ocupação e no desemprego crônico, toda essa miséria existencial, enfim, seria compensada com a chegada da justiça divina e do paraíso celestial.

A questão se torna grave na medida em que amplas massas, além de se deixar explorar nos momentos de "normalidade" e de dominação política e ideológica da burguesia, acabam por reforçar o embrutecimento espiritual do ser, do aumento da reificação e das formas de alienação como um todo. E é nesse clima geral que os protestantes e demais religiões, em seus diversos segmentos, obtêm respaldo

significativo daqueles que vivem no eterno movimento de instabilidade e insegurança, vítimas da exploração capitalista e das desigualdades da sociedade de classes.

O efeito causado pela religião na sociedade não pode ser encarado nem medido como um fator positivo no que se refere ao melhor desempenho na formação do caráter dos homens e mulheres em geral e da juventude em particular. A religião é, em todos os seus aspectos, profundamente alienante e conduz os indivíduos que a professam ao exercício defeituoso da maneira de raciocinar, bem como de se conceber e chegar à verdade e à totalidade dos fenômenos. A realidade se apresenta então em forma de fragmentos, de um amontoado caótico e pouco inteligível de partes, destituídas de rigor, de causalidades internas ou de necessidade de comprovações - afinal de contas, "Deus explica tudo".

Essa realidade vivida pelos homens é estabelecida como algo perfeitamente criado por Deus e só pode ser modificado com o "Seu" consentimento, o "Seu" acordo e no tempo que "Este" bem entende; por isso é que o mundo, para aqueles que professam tal tipo de crença, é visto muitas vezes com um profundo desinteresse, o que os faz reservar-se para o "outro mundo", pós-morte, o verdadeiro devir. Na verdade, acabam sempre por invocar a personificação de um "ser superior" para justificar toda espécie de atos que, na maioria das vezes, só obedecem aos interesses mesquinhos, pois são utilizados pelos indivíduos de forma isolada e em defesa dos fragmentos, do que pode-

ríamos chamar de pulverização do ser, em detrimento do aspecto totalizante, que nos é fornecido por uma concepção de mundo que trata o referido ser de uma maneira globalizante, em toda a sua plenitude.

Muitos, ou melhor, quase todos, têm dificuldade em conceber a matéria do seu próprio corpo como algo finito, uma matéria que entra em estado de putrefação-decomposição e fim. Todos os seres que se identificam com a concepção idealista de mundo não aceitam de maneira tranquila o processo material de definhamento do ser. Acreditam que, dessa forma, o ciclo da vida do indivíduo não se teria completado, dado que ele não cessaria na morte material; o contrário dessa relação de rompimento seria mais dolorosa do que realmente é para a cultura cristã.

### **Os evangélicos e as massas**

A crença na religião, em especial pelos evangélicos, tem de fato conseguido mobilizar amplas massas, mesmo que heterogêneas quanto à sua composição de classe, pois os diversos segmentos dentro das igrejas refletem, na maioria das vezes, a sua localização territorial, o seu público e suas políticas de crescimento e arregimentação de fiéis, que são bastante diferenciados. Por ocasião da Semana Santa, por exemplo, em Belo Horizonte, os evangélicos colocaram em praça pública - por ironia na Praça do Papa - nada mais nada menos que 100.000 pessoas; em São Paulo, em uma "Marcha para Jesus", organizada pela Igreja Renascer, houve uma concentração de aproximadamente 1.000.000 de pessoas, na sua maioria compostas por

jovens dispostos à militância religiosa cristã.

Uma base invejável, sem dúvida, pois poucos são os partidos que possuem - se é que possuem - esses números, e isso tem alvoroçado os líderes evangélicos, não apenas no sentido do crescimento de suas bases religiosas no Brasil e no mundo, mas também por possibilitar uma manipulação de massas, e até mesmo para ocupação dos espaços políticos. E tudo isso sem falar nos projetos pessoais de enriquecimento de pastores e bispos à custa da exploração e roubo de populações miserabilizadas. Quanto à representação política, não é à toa que se verifica um crescimento de candidatos evangélicos de eleição para eleição, assim como cada vez mais a presença de políticos profissionais carreiristas em seu meio. Só para ilustrar, há a presença do evangélico ex-governador do Rio de Janeiro, segundo Estado mais importante do país, o senhor Anthony Garotinho; além disso, o senhor Luís Inácio Lula da Silva foi buscar apoio de um empresário para ser seu vice, justamente do Partido Liberal (PL) que, por sinal, abriga as bases políticas da Igreja Universal do Reino de Deus, arqui-inimiga da Igreja Católica, que tem suas bases militantes em maior número no Partido dos Trabalhadores (PT).

As igrejas evangélicas são cada vez mais visitadas e o número de fiéis aumenta consideravelmente ano após ano. O que sustenta essas igrejas é, em primeiro lugar, o dízimo dos fiéis. Essa é a base de alavancagem da acumulação de recursos por parte dos pastores e diáconos das diversas igrejas, cada vez mais divulgada nos círculos da juventude, indo da simples contribui-

ção individual de 10% da renda por mês às mega-arrecadações em estádios de futebol até a venda de livros, bíblias, revistas, shows de música gospel, etc. Essas igrejas conseguiram acumular, ao longo dos anos, capital suficiente para adquirir inúmeras empresas de comunicação de massa (rádios, televisões, etc.), além de outros tantos esquemas nada santos de lavagem de dinheiro. Elas têm conseguido, de maneira surpreendente, apoderar-se de fundamentais instrumentos de divulgação e comunicação, superando, dessa forma, a religião tradicional, que, no receio de ser suplantada, acaba por utilizar métodos de exaltação antes só verificados em igrejas evangélicas e agora também pelos fiéis ditos carismáticos da Igreja Católica.

A igreja evangélica protestante é, na verdade, uma empresa capitalista que, como outra qualquer, visa obter, com todos os seus esquemas de corrupção e de jogos de interesse, o lucro. Este, inicialmente é acumulado pela contribuição voluntária dos fiéis por meio do dízimo, arrancado com forte apelo, destituído de qualquer sentido de humanidade. Mas essa acumulação é básica das igrejas e não para por aí, haja vista que a cada dia mais empresas capitalistas são adquiridas por elas, onde o lucro é obtido pela maneira clássica do capitalismo, por meio da exploração do trabalho. Um fato a salientar ainda é que o Brasil, por muitos anos considerado como "um país católico", vem agora conhecer a força do protestantismo, que desde muito tempo é a religião preferencial do imperialismo no mundo, em especial nos Estados Unidos da América.



## A Igreja e o Estado

Em boa parte dos Estados capitalistas atuais, sobretudo no mundo ocidental, houve a separação entre a Igreja e o Estado. Claro que isso não significou um rompimento com a fé divina, concebida de comum acordo entre as diversas correntes teológicas e a classe dominante, a burguesia. Esta, por sua vez, esteve em contradição com a religião apenas por um curto período, quando da instalação da Revolução Francesa, que, baseada nos ideais iluministas da razão, servia a burguesia na luta contra a aristocracia feudal, que tinha na Igreja Católica Apostólica Romana seu mais forte aliado e sustentáculo político e ideológico do poder de Estado. Em nome da religião e em nome de Deus, o derramamento de sangue da espécie humana foi uma constante em toda sua trajetória de afirmação da "salvação" do homem pelo reino de Deus. Para os momentos atuais, a religião protestante é, por assim dizer, a que mais se ajusta ao modo de produção capitalista, pois ela possui um discurso que fortalece o individualismo, a "livre iniciativa", o mercado e o consumismo. No entanto, habilmente, a burguesia não descartou qualquer espécie de ideologia religiosa alienante no curso de sua existência.

As religiões, em especial os evangélicos protestantes, propõem-se ainda a amparar o sujeito que se sente fragilizado na ordem capitalista, que, ao aderir a Deus pelas mãos do pastor, reconhecido como seu instrumento, passa a achar que está entrando num ambiente de fraternidade, solidariedade e dignidade. Fe-

lizmente muitos conseguem enxergar, tempos depois, que esse não passa de um ambiente de hipocrisia e mesquinhez. O que se propõe e se oferece, na verdade, é a pacificação do espírito daquele que persegue a riqueza, ou do que quer se livrar dos tormentos nossos de cada dia. Em outras palavras, é a religião que propõe o ópio "pacificador" para uns tantos miseráveis e que encoraja e dá instrumentos a um punhado de "empreendedores" que corre atrás do lucro e da consequente exploração da força de trabalho. Não é por acaso que um número cada vez maior de grandes, médios e pequenos empresários vem também aderindo às religiões protestantes em todo o mundo. Como diz a revista *Veja*, "lucrar é legítimo, e a fortuna recompensa, quem mais trabalha", corroborando com o velho credo calvinista adaptado aos novos tempos. Mas os números falam mais do que muitas palavras, ou seja, o mercado impulsionado pelos protestantes movimentou três bilhões de reais por ano e gera pelo menos dois milhões de fiéis militantes, que são, com toda certeza, a base de uma estrutura nada ingênua, muito menos pura e destituída de pecados carnis.

Diz Almir de Souza Maior na referida revista *Veja*: "Os fundamentos do movimento protestante pregavam a mobilização do indivíduo e do desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social". Podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que isso não passa de favas mal contadas, pois o que predomina mesmo no caráter do indivíduo, que adere ao protestantismo, é a alienação, que o leva à acomodação e a uma passividade que só é possível de ser quebrada de forma radi-

cal quando do aprofundamento de uma crise objetiva nas relações sociais de produção. Em última instância, quando se instalar uma situação revolucionária, uma situação de agitação social intensa, alguns correrão aos pés dos pastores na busca da solução da crise, mas só encontrarão as soluções dos problemas por meio da luta e da reação organizada e consciente; quanto aos burgueses e pequeno-burgueses, que professam essa fé, o desespero e a reação contra-revolucionários serão as únicas opções, e o acirramento da luta de classes, portanto, estará mais uma vez colocado na ordem do dia.

### **O fanatismo religioso e a luta de classes: a questão islâmica**

Não é nenhuma novidade mais para o mundo ocidental e para todo o conjunto dos países capitalistas o entendimento do processo por que vem passando os países que compõem o chamado mundo islâmico ou mulçumano. À primeira vista, as informações que nos chegam deixam transparecer que a grande luta travada no Oriente Médio seria puramente de conteúdo fanático-religioso. É como se a luta entre classes, segmentos de classes ou castas e camadas exploradas de trabalhadores e do povo em geral não existisse naquele espaço do planeta. Mas o que ocorre é algo bastante diferente e só por meio de um olhar mais aguçado na realidade dos países que compõem o mundo Islâmico, é que podemos nos aproximar da natureza desses países.

Claro que tentativas podem ser desenvolvidas, mesmo num nível restrito de pequenos esboços ou até mesmo de breves ensaios que apontem e possibilitem elementos para uma análise, a mais aproximada possível da realidade da classe trabalhadora, que, dentre outras coisas, ainda está sobre a influência de ideologias reacionárias, como é, por exemplo, a religião, agora representada pelo Islamismo, numa nova tentativa de aproximação desse processo histórico difícil e por demais conturbado de luta de classes.

As informações que nos chegam do mundo islâmico são por demais deturpadas, na medida em que estabelecem uma verdadeira filtragem da dinâmica e do processo de enfrentamento dos povos islâmicos com o mundo ocidental. Os Estados Unidos, por exemplo, com toda a sua capacidade propagandística e de disseminação de ideologia, deturpam de modo especial a forma como são realizadas as representações do mundo islâmico ou da cultura muçulmana. O que resta como representação simbólica dessa realidade para o consumo do Ocidente é a imagem estereotipada do fanatismo religioso pronto a matar e a se lançar à morte em nome de um deus estranho e contra a civilização, cultura e modo de vida superior, leia-se, o Ocidente capitalista.

Na Idade Média, a Igreja Católica Apostólica Romana desenvolveu verdadeiras cruzadas contra o mundo islâmico, no sentido de ampliar seu império no Oriente, bem como de estabelecer claramente suas fronteiras, pois estas viviam sendo ameaçadas constantemente por aqueles que não professavam o Cristi-

anismo e que mantinham interesses econômicos e políticos de expansão. Na verdade, os católicos, em sua "Guerra Santa" contra os povos mulçumanos defensores do Islamismo, estavam cumprindo um papel importante para os Estados feudais da Europa, na medida em que estes depositavam total confiança no papel da Igreja Católica, instrumento polarizador, unificador e coesionador das forças desses diversos feudos, que, muitas vezes, viviam dispersos ou em guerras seculares entre si.

A Igreja cumpria ainda o papel de desenvolvimento do consentimento coletivo da população da Idade Média, que, não obstante as dezenas de revoltas e levantes da população camponesa empobrecida, superexplorada, conseguiu mobilizar massas humanas significativas para a formação de exércitos para os cruzados. Esse papel ideológico desenvolvido pela Igreja contra os "hereges e infiéis", independentemente dos resultados alcançados, conseguiu, em nome do Deus cristão, em determinado período histórico, fornecer elementos para análises e estudos posteriores quanto ao papel da Igreja na ingerência dos negócios do Estado, bem como, do forte aliado que o poder dominante possui na religião, que, mesmo em momento posterior, quando da separação da Igreja do Estado, não abriu mão da ideologia religiosa como instrumento fundamental na construção do imaginário popular, na crença utópica de um mundo após a morte, capaz de levar a população crente a se redimir dos pecados mundanos, um mundo eminentemente dos espíritos, das lendas religiosas e dos sonhos

embrutecidos das grandes massas alheias ao estudo e ao desenvolvimento das Ciências, da História e da Filosofia, salvo algumas exceções.

Não foi à toa que em seus momentos de obscurantismo máximo, a Igreja Católica, em sua história, condenou à fogueira milhares de homens e mulheres do povo, bem como muitos cientistas que questionavam os erros e dogmas históricos da mesma Igreja. Naquele tempo, o grau de tolerância com ações desse tipo era perfeitamente aceito pelo conjunto da classe dominante que ela representava, daí a sanha assassina da Santa Igreja Católica que dizimou quem quer que ela considerasse uma mínima ameaça, impondo, a ferro e fogo, uma crença imperialista e exclusivista. Assim, também aos olhos de uma população explorada, o que se estava a exterminar era uma penca de "feiticeiras" e "feiticeiros", "bruxos", "pagãos" e "filhos do demônio", tendo sido aceitos, para muitos, os assassinatos da Igreja Católica, com uma relativa naturalidade pelas massas populares que padeciam na ignorância e sob forte influência religiosa.

O que até aqui expomos é apenas uma panorâmica para a compreensão do quanto avançou o projeto religioso católico, na esfera da política geral do mundo feudal da Idade Média. Não pretendemos fazer nenhuma transposição mecânica desse exemplo histórico de manipulação e mobilização da Igreja Católica no feudalismo para a realidade atual, mas sim, buscar os elos, os vínculos entre a ação religiosa naquele período desenvolvido pelo catolicismo, em nome de Cristo, e os atuais desenvolvimentos em nome do pro-

feta Maomé, pelo Islamismo. Convém ressaltar ainda que, apesar da ampla maioria católica àquela época, mesmo depois da Reforma Luterana, em nenhum momento pode-se isentar de responsabilidade os banhos de sangue apoiados pelos protestantes, tanto no velho quanto no Novo Mundo. Neste último, inclusive, respaldado no extermínio da população "pagã" indígena na América do Norte, Central e do Sul, em processos históricos diferenciados, mas que guardam alguma relação.

Um movimento religioso, qualquer que seja, não se sustenta se, por detrás dele, não estiver fincada uma forte base material de reprodução que inclusive elabore e desenvolva toda e qualquer espécie de instrumentos e mecanismos ideológicos e espirituais das mais variadas formas de alienação, bem como da exploração e dominação de classe. Um movimento religioso forte e de grande envergadura como o Islamismo, por exemplo, não se sustentaria por muito tempo, se não estivesse respaldado por relações sociais de produção que reproduzisse também no imaginário da população um "novo" senso comum, respaldado no programa-político-religioso autoritário do Corão, que, como a Bíblia dos cristãos, acaba por penetrar, com sua doutrina, de maneira profunda nas diversas camadas e segmentos da população.

Na ausência de um projeto alternativo ao estado de miserabilidade crescente no mundo mulçumano em crise, opta-se pelo caminho da "Guerra Santa", dirigida aos povos imperialistas e aos seus aliados do Oriente Médio, em especial ao Estado de Israel, que tem de-

envolvido, dentre tantas atrocidades, práticas próximas às nazistas para inviabilização de um possível Estado Palestino, por exemplo. A opção de um retorno ao passado, feita por diversos segmentos da população mulçumana, que foi duramente destruída nos seus valores éticos e culturais por décadas de dominação, acabou por aumentar nas massas um saudosismo retrógrado dos tempos mais remotos, onde a sociedade patriarcal tribal não aceitava, sob nenhuma hipótese, a ascensão da mulher a uma plena igualdade de condições e direitos do homem. Isso é devidamente reforçado pela propaganda que se faz, no seio do povo, dos ensinamentos do Corão. Em outras palavras, combate-se a opressão reproduzindo ao mesmo tempo outras formas também opressoras, ou mais opressoras, de convivência social.

Dessa forma, é que podemos afirmar, sem sombras de dúvidas, que o espaço em que se desenvolvem as mais sangrentas batalhas, neste início de século, é o que está inserido no mundo islâmico. No entanto, os interesses, muitas vezes contraditórios, dos que tentam dominar e dirigir o processo de luta de classes, não estão devidamente claros aos olhos da população dos demais países, também explorada pelo capital. Falta brotar um verdadeiro sentimento internacionalista, de conteúdo proletário, em todos os cantos do planeta.

O movimento religioso baseado no Islamismo tenta exaustivamente dirigir e controlar as energias revolucionárias das massas mulçumanas pelo planeta afora. Esse processo se dá em todas as outras concepções



religiosas, sedentas por espaços de controle e domesticação da luta de classes, como o catolicismo e o protestantismo cristão, o judaísmo, o hinduísmo, o budismo, etc.; mas o traço característico do Islamismo, neste início de século, é que ele consegue ser mais radical como projeto-político-religioso do que as demais religiões monoteístas existentes. Já se convencionou acreditar, com base no Corão, que aquele que morrer lutando terá o paraíso em outras paragens da alma, e esse tipo de apelo fanático tem levado centenas de combatentes do povo mulçumano a aceitar depositar suas vidas em favor da causa do Islã; na verdade, uma predisposição ideológica latente por parte dos seguidores do Islamismo, assentada no Corão, em levar o corpo à autodestruição para se alcançar o objetivo da prosperidade eterna.

Essa predisposição maometana é nitidamente manipulada por grupos como o Hamas, a OLP, a Al-Qaeda e tantos outros, para levar adiante seus interesses de poder em meio ao combate e luta contra as forças do inimigo invasor e seus aliados. Não é de graça que agrupamentos com táticas terroristas vivem durante meses e anos a arquitetar atentados, menosprezando qualquer iniciativa pelo trabalho organizativo da vanguarda, como também das massas, que poderia, guardadas as devidas proporções e diferenças no processo histórico, levar a outro tipo de construção de formas de organização e de luta, calcado na consciência e não no entorpecimento dela.

O Islamismo é tão ou mais reacionário que qualquer outra religião monoteísta. O projeto-

programático-religioso do Islã tende, como muitos outros, ao fracasso ou, quando muito, ao aprofundamento da barbárie capitalista. Aos trabalhadores e aos povos oprimidos do mundo só resta trilhar firme pelos caminhos da luta anti-imperialista e pelo Socialismo, não aquele esboço tosco e rudimentar proporcionado pelo estalinismo soviético e que fez filhotes monstruosos mundo afora, mas um sistema calcado na liberdade, independência e poder da classe trabalhadora, da classe que produz a riqueza e que dela deve se beneficiar. Exercitar essa possibilidade de poder é também livrar-se da necessidade de apego às explicações míticas, místicas e fantasiosas, em busca de uma realidade concreta, rica, complexa e totalizante.

### **Palavras Finais**

Em algum ponto do desenvolvimento histórico a humanidade poderá alcançar, de forma objetiva e definitiva, o sonho de viajar junto às estrelas, ou melhor, de galopar pelas pradarias celestes, não mais em busca de Manitu, como pensou durante muitas centenas de anos a nação dos Dakotas, que habitavam as pradarias do Oeste norte-americano e que foi devidamente varrida do mapa, por justamente aqueles que empunhavam a bíblia em uma das mãos e o sabre na outra.

Milhares de genocídios e guerras foram deflagrados em nome de diversos deuses, que foram criados antes e acima de tudo para unificar povos e nações em torno de um Estado. Não se mediram os esforços para

defender que se passasse no fio da espada povos que não se submeteram aos conclames de profetas, santos, beatos, padres e aiatolás, ou mesmo de instituições religiosas criadas como as igrejas, os templos e as mesquitas. Muito se matou e muito ainda se mata em nome de Deus.

Para se clamar por liberdade temos que levar em conta a necessária obstrução histórica provocada pelos mitos e as ilusões promovidas em nome de Deus ou de deuses. Para que isso aconteça um dia na história da humanidade, temos que empregar todos os esforços na edificação de homens e mulheres verdadeiramente livres. Esta é a necessidade. Vamos ao debate!